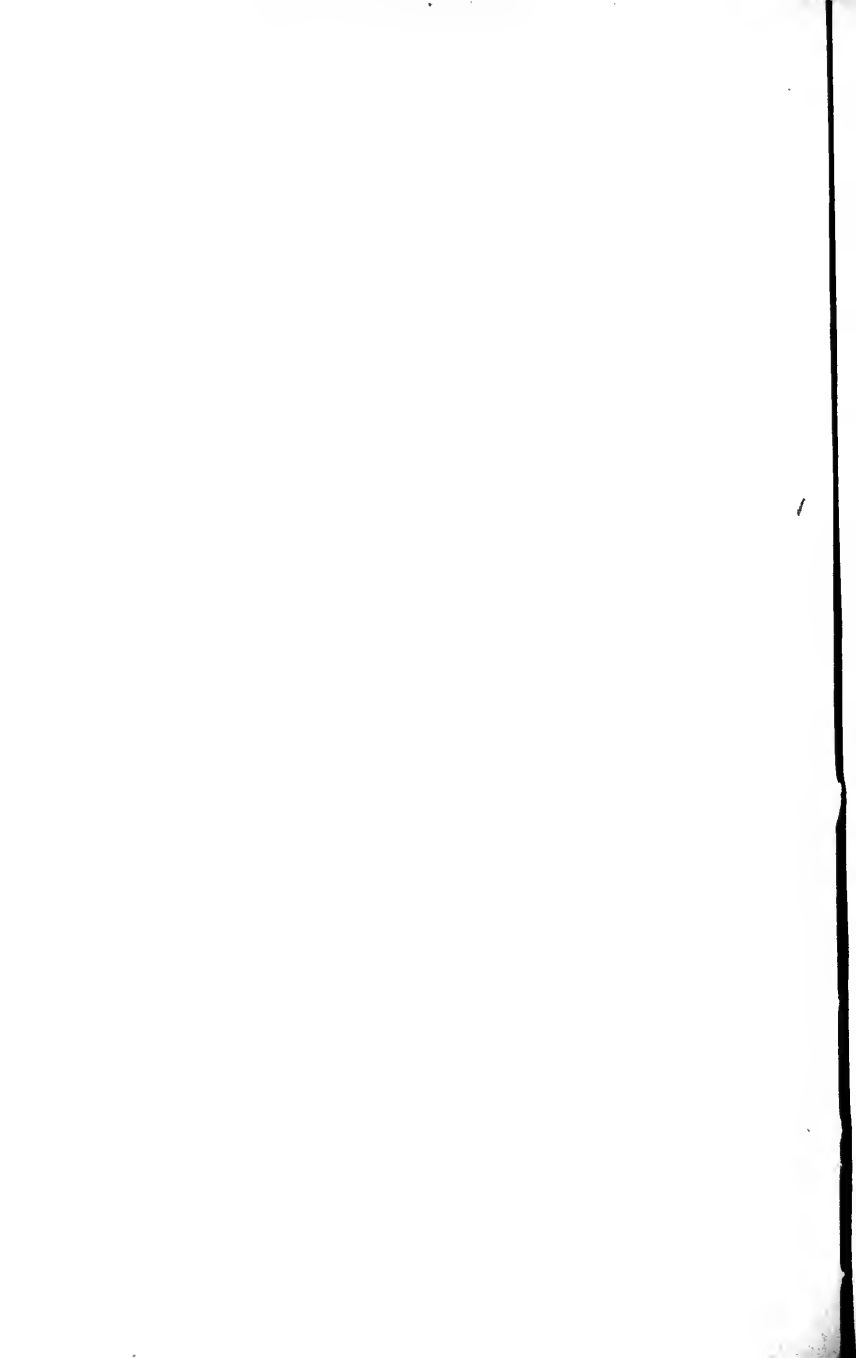
JOÃO TOFALO LANGONE
PELAS RUAS
da
PAULICÉA
EMP. EDITORA BRASILEIRA - Al. Cleveland, 37 - S. PAU

JOÃO TÓFALO LANGONE

# PELAS RUAS DA PAULICÉA

**EMP. EDITORA BRASILEIRA**
AL. CLEVELAND, 37 — SÃO PAULO

## I

## A CHUVA

Depois de muitos dias de sêca, Jupiter Plúvio decidiu-se a reversar sôbre a cidade uma bôa quantidade do precioso líquido da Soror água. Seja benvinda, disse para mim, recordando-me do "Poverello di Assisi", e abrí a janela para gozar um pouco do fresco daquela água. Esta deslisava veloz pelos meios-fios da avenida que naquela hora estava deserta, e os plátanos, em dupla e longa fileira, alinhados ao longo da avenida, parecia que soltavam frêmitos ao receberem o beijo da água fresca que aparentemente cantarolava uma alegre modinha sôbre suas fôlhas largas e sêcas, enquanto que o gotejar nas calhas das casas completava o acorde grandioso desse fenômeno da natureza.

Tudo parecia reviver: no ar, que momentos antes era abafado, passava agora um sôpro regenerador; as plantas, antes sequiosas em consequência da persistente falta de água, reerguiam agora as fôlhas, cheias de clorofila; os animais dilatavam as narinas para saturar do precioso úmido as células dos pulmões.

Tudo, enfim, parecia sorrir àquele sôpro regenerador da natureza, tudo! Tudo? Ai de mim! Nem tudo o que me estava em redor, revivia! Na rua deserta onde

nem bondes, nem automóveis transitavam, e nem qualquer cão naquele momento de violenta chuva ousava estar, só uma figurinha branca e delicada de mulher aparecia qual flor sôbre delgada haste!

Pobrezinha! Fora surpreendida em plena rua pela chuva e não tinha encontrado um lugar onde pudesse abrigar-se. As suas vestes, finas e leves como papel de seda, não tinham oferecido reparo algum àquele corpo franzino, e estavam de todo molhadas e apegadas ao corpo.

Ela andava e seus passos eram lentos e cansados, enquanto que seus olhos se perdiam numa expressão indefinida de pessoa estóica e consciente de seu triste destino! O seu cabelo estava todo embebido de água e, de vez em quando, ela passava as mãos sôbre êles para afastar a água que continuava a cair sem fim e sem pausa!

*

* *

Aquela figurinha fina e delicada, como um lírio sem mácula, eu a conhecia. Conhecia-a de vista, pois quasi todos os dias, nos dois anos em que morei naquela casa, às onze horas da manhã e às cinco da tarde, ela, voltando do trabalho, passava por ali.

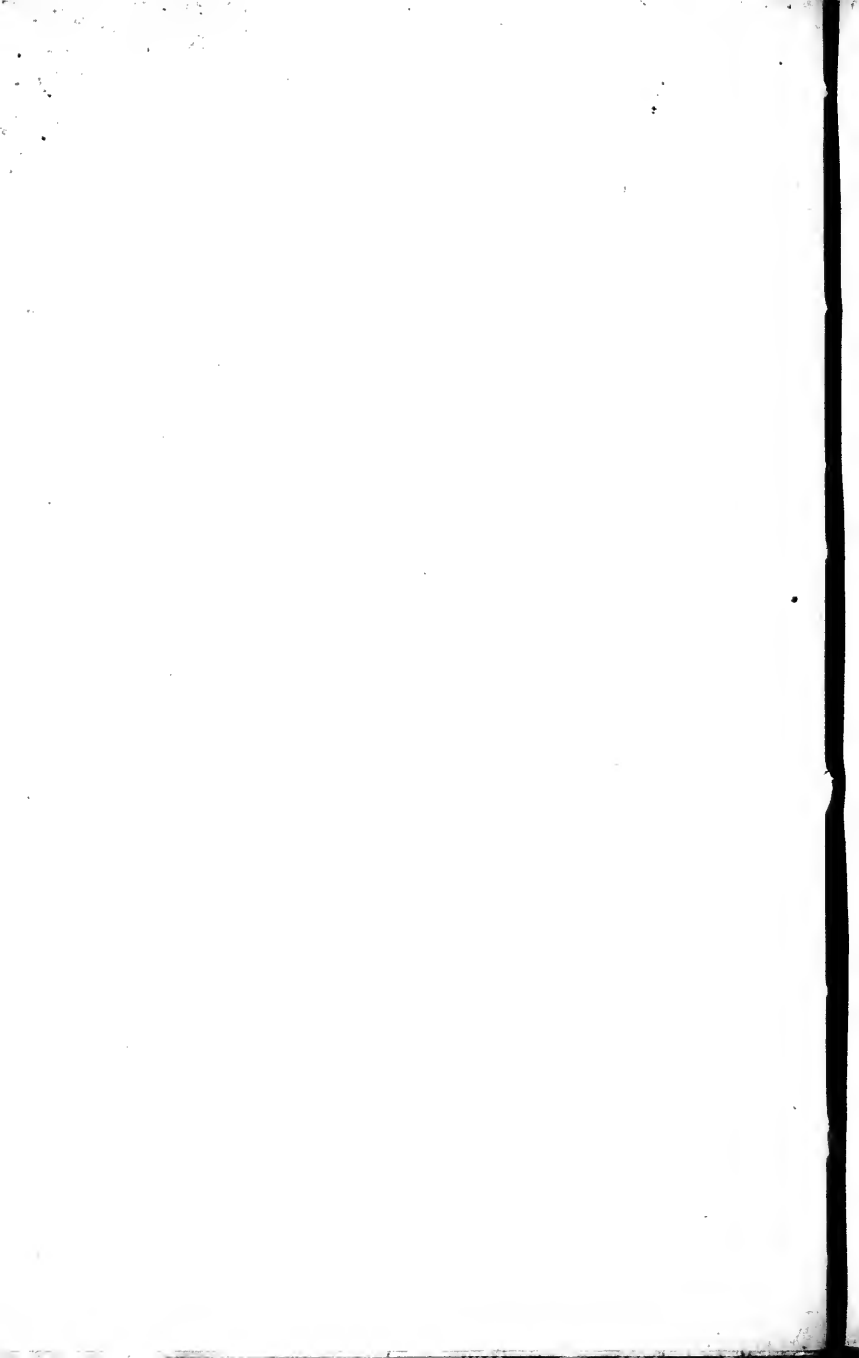
Onde ela trabalhava? Onde morava? Eu não sei. E isso não me interessava. Quem era? Qual o seu trabalho? Nunca soube e nem me interessava. Mas interessava-me vê-la todos dias ir e voltar do trabalho, pois isso, sem que ela o soubesse, dizia-me que estava bem e que trabalhava, o que significava que vivia... E isso, com referência a ela, bastava-me, pela simples razão que sem-

pre folgamos em saber que o nosso semelhante, vive e está bem.

Todas as vezes que eu a via, os meus e os seus olhos se procuravam e se encontravam fugitivos: era o mudo "bom-dia" ou a "boa-tarde", que nos davamos.

Como a fiel andorinha peregrina, ela passava todas as manhãs e voltava todas as tardes. E agora, ai de mim! não volta mais... Passou pela última vez naquele dia de chuva, com as vestes, o cabelo e todo o corpo molhados. Estava branca como cêra... e não a vi mais!

Onde estará ela? Está viva? Morreu? Está doente? Vã é a pergunta! E o pensamento de que ela tenha sido vitima dalguma das tantas doenças que estão sempre nos espreitando, não me deixa mais e está a me atormentar!

E eu a espero em vão todas as manhãs e todas as tardes... E sinto como um remorso em pensar que não sei nem quem ela era e nem onde morava, e todas as vezes em que o céu se escurece e ameaça chuva, que tambem é necessária à vida dos animais e das plantas, o meu pensamento se enche de tristeza recordando aquela meiga desconhecida, aquela branca figurinha de mulher que desapareceu como a andorinha migrante no outono áspero. E que nunca mais voltou!

# ETERNA QUESTÃO

## II

## ETERNA QUESTÃO

Todas as tardes, quando eu voltava do trabalho, pelas sete horas, mais ou menos, quasi sempre os encontrava alí, naquele trecho da rua de minha casa, de braço dado, confidenciar-se, baixinho, alguma coisa, completamente abstratos do mundo em redor dêles.

Era um par de jovens namorados. Êle, moreno como um arabe, ela loira como uma vienense. Dois tipos bem diferentes, duas raças opostas, que se atraem irresistivelmente, pois que um vê no outro a perfeição da espécie.

Não me interessa si se amavam ou não, pois o amor é tão velho quanto o mundo, não obstante parecer que ante cada amante se desdobrem sempre novos horizontes. Não me interessa se êles se eram ou não fiéis, ou se eram mais ou menos felizes. Isso, além de ser tudo relativo, era do seu esclusivo interesse, com excepção do lado humanitário, que interessa um pouco a todos, pois nós rejubilamos em vêr o nosso semelhante venturoso e sofremos quando o vêmos padecer.

Eu examinava, portanto, estes dois tipos pelo lado da função vida. Êles eram jovens, de plena posse das forças físicas e espirituais. Tinham seus vinte anos; as suas ideias deviam ser belas e puras como as rosas na primavera, e

as suas esperanças suaves como o perfume das cândidas laranjeiras.

Que importava a eles se tudo fosse vão neste mundo e se nenhuma das suas esperanças se realizasse? Nós sabemos de sobejo que a vida nada mais é que um grande rosário de muitas ilusões: sendo essa a realidade, melhor é viver iludido que viver cético. Na ilusão poder-se-á, talvez, encontrar um grão de felicidade, no ceticismo, porém, não o encontraremos nunca.

Amavam-se estes dois, assim, em conspecto do mundo, à luz do sol, nada encomodando-se com o que lhes ia em redor, como si fosse (e era) a cousa mais natural da vida e como se estivessem sós sobre o globo terráqueo, ou, melhor, num novo éden.

Infalivelmente, imperturbavelmente, todas as tardes, na hora, mais ou menos, do pôr do sol, fosse bom ou mau tempo, fizesse calor ou frio, chovesse ou não, êles, calmos e felizes, como si nada neste mundo lhes importasse, estavam alí, sempre alí, a falar e a sorrir, a dizer-se sempre coisas novas, como si se vissem pela primeira vez. É bela a vida quando se ama!

Passou um ano desde que os ví pela primeira vez, e êles voltavam a encontrar-se todos os dias, sempre com o mesmo entusiasmo primitivo, com as mesmas esperanças, talvez, e de certo com as mesmas ilusões, pois isso lia-se nos seus olhos. Era o triunfo da vida revivendo no mito de Adão e Eva, o tripúdio da mocidade vitoriosa, a apoteose da matéria e do espírito juntos, na mais pura, na mais humana das expressões. Ha poucos dias encon-

trei-os pelo meio-dia, sob um sol de fogo, abrasador como o sangue que lhes queimava as veias; andavam, como sempre, de mão dada, como duas crianças, ao longo da calçada, quando de repente pararam e êle, sôbre uma parede branca e lisa duma casa, escreveu com o lapis um nome. Ela leu ansiosa e riu-se satisfeita: era o seu nome! E foram andando felizes e contentes, falando e rindo sob os ardentes raios do sol.

Quanta poesia e quanta filosofia nisso, pois o segredo da vida é saber viver!... Eu parei um momento a olhá-los e concluí, para comigo, que o amor é o supremo mistério da vida, desde que o mundo é mundo, e o será até a consumação dos séculos.

*

* *

Estava lendo esta manhã os jornais, e, meu Deus! qual não foi a minha surpresa em vêr impressa na página de noticiário as fotografias dos meus dois namorados, com a notícia sensacional, em baixo, do seu suicídio por amor, ou melhor, suicídio por ser o amor de ambos repudiado pelas respectivas familias!

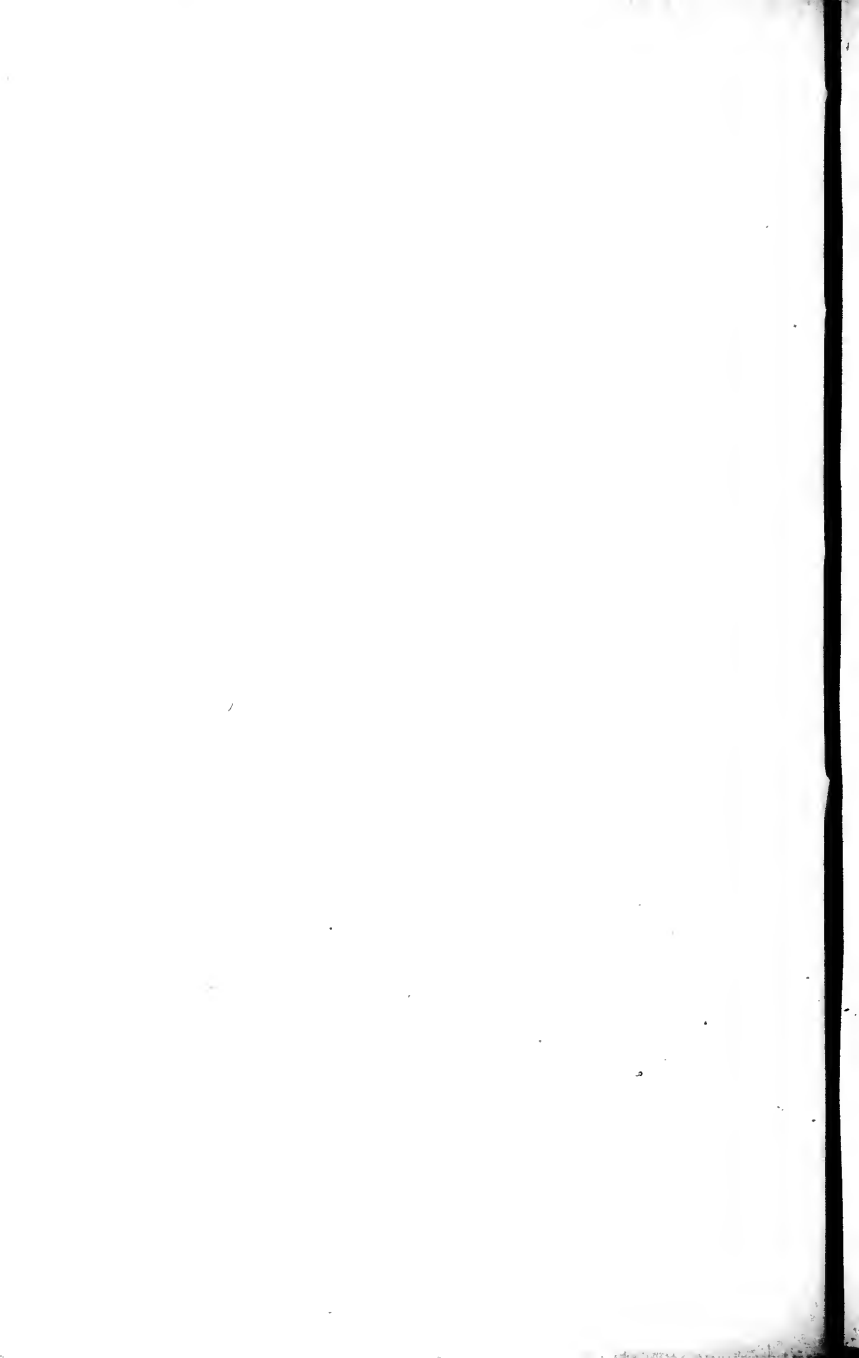
A eterna questão da sociedade humana: A nobreza, aquela de sangue azul, não desposa vil sangue plebeu, e a riqueza não desposa a miséria.

Ai de mim, que contrariedade! Que desilusão me estava reservada com respeito a esses dois namorados!

Por que tive eu de conhecer esses dois infelizes que julgava os mais felizes do mundo? Por que não tiveram êles a força de enfrentar com resignação o seu destino adverso? Por que não souberam aceitar com resignação o que os costumes da humana sociedade condenam? Por

que contribuiram para aumentar a infelicidade dos que lhes sobrevivem? Por que não pensaram na efemeridade de tudo neste mundo?

Perguntas sem respostas, mistério insondavel que levaram para o túmulo nos seus corações magoados! Mistério que nos faz suspirar quando encontramos um par de namorados, pensando como o amor, o verdadeiro amor que rouba a paz e o sono da gente, é sempre rodeado de contrariedades e que a felicidade no amor é apenas um mito!

# ALMA EM PENA

## III

## ALMA EM PENA

Bom dia, meu amigo, meu irmão na dôr, como vaes?

Fizestes boa viagem? Que me dizes do Brasil, desta terra tão diferente da tua longínqua Itália? Estás bem? O que tencionas fazer? Já tens uma ocupação?

De todas estas perguntas, só à ultima respondeu e, aliás, nem eu, estando ao par do segredo íntimo da sua alma, segredo que era toda a sua dôr e a chave das razões que o tinham induzido a abandonar a sua querida e amada patria, a deixar as comodidas que lhe proporcionava sua posição social, pois êle era engenheiro civil; nem eu, digo, lhe tinha dado o tempo necessário de responder a todas as minhas perguntas, as quais, aliás, visavam exclusivamente a sua vida presente, e não o seu passado triste e escuro, não a sua vida de ontem lá em terra romana.

O passado não me interessava e nem eu queria relembrá-lo à sua alma triste, não! É verdade, porém, que êle teria tido, talvez, mais vontade de falar da sua terra, do seu passado que lhe premia mais o coração pelos tristes e doloridos acontecimentos que se tinham desenrolado, acontecimentos que compunham toda a tragédia da

sua alma e que deixaram um profundo traço em seu coração; acontecimentos que tinham mudado por completo o curso da sua vida, pois êle, traido na fidelidade conjugal, tinha-se desquitado e, para esquecer, tinha aportado ao Brasil hospitaleiro.

Como vaes, meu amigo, meu irmão na dôr?

Êle, como um autómato, só para responder alguma coisa, disse que amanhã embarcaria para o Estado do Paraná a serviço de uma grande empreza que se dedica ao corte do pinho, ótima madeira para construção.

Calou-se um momento, depois disse: — Olha, mostrando-me um punhado de joias: aneis, pulseiras, brincos, broches em que estavam encastoados brilhantes, pérolas, rubís, esmeraldas, etc., joias já pertencidas à sua esposa.

Eram os objetos da vaidade que êle tinha adquirido para apagar os cobiçosos desejos de sua esposa!

Tomei-os nas mãos, como para pesar o preço do amor que o pobre do meu amigo tinha pago, como o famoso presente da manhã, que já era uso no longíquo Médio Evo. Revirando-os nas minhas mãos coriscavam as mais diferentes côres: luzes vivas e deslumbrantes como o amor da mulher; luzes fascinantes como os olhos da serpente. Sim, pensei, será por isso que desde o tempo de Adão e Eva a mulher e a serpente estão unidas no mesmo símbolo? Ambas representam o engano e a perfídia.

O meu amigo, de certo, percebeu essas minhas reflexões porque logo me disse: Ajuda-me a vendê-los.

— Sim, respondi, meu amigo, livra-te no mais breve possivel desses objetos imundos, que são mais perigosos

e maléficos do que os mais virulentos micróbios. Essas pedras preciosas que são mais velhas que qualquer civilização, sobrevivem à mesma, porque tudo o que é mau nunca morre, mas sobrevive a tudo e a todos! Essas joias que parecem terem saído agora mesmo belas, novas e coriscantes das mãos do ourives, são mais velhas do que o mundo e quem sabe a quantos homens terão pertencido e a quantas mulheres terão deslumbrado os olhos e ofuscado o cerebro; quem sabe quantos suores, quantas dôres e quantos sacrifícios terão custado; quem sabe quantos e que segredos encobrirão no seu brilho e, talvez, de que tragédias tenham sido a causa! Ouro, prata, platina, pérolas, diamantes, etc., miséria das misérias humanas!... Vae, meu amigo, livra-te delas e Deus não queira que elas assistam a novas tragédias da alma humana.

Tendo-as ainda nas minhas mãos, entrámos numa joalheria e as vendemos por um preço qualquer. Em verdade fui eu quem conseguiu um preço menos baixo, pois o meu amigo ficou calado todo o tempo da transação, como si fosse coisa que não lhe pertencesse. E não lhe pertencia mesmo, pois a julgar dos seus olhos errantes, o seu pensamento devia estar longe, muito longe de nós!

Deixando a joalheria o meu amigo, agradecendo-me, parou um instante e, num triste sorriso quasi imperceptivel sôbre seu rosto branco e magro, atravessado de profundas rugas, prova de intensa dôr, disse-me que sentia como si se tivesse livrado de um terrivel pesadelo que constantemente o ligava às recordações de seu triste passado!

Enquanto o meu amigo me confiava esse segredo da sua alma magoada, pude observar que o joalheiro, muito satisfeito por ter feito um bom negócio, apressava-se a expôr na vitrina as joias que tinha adquirido momentos antes, e que, assim, voltavam à sua velha função de atrair — como os espelhos atraem as cotovias — com seu sinistro brilho os transeuntes, novos ilusos da vida!

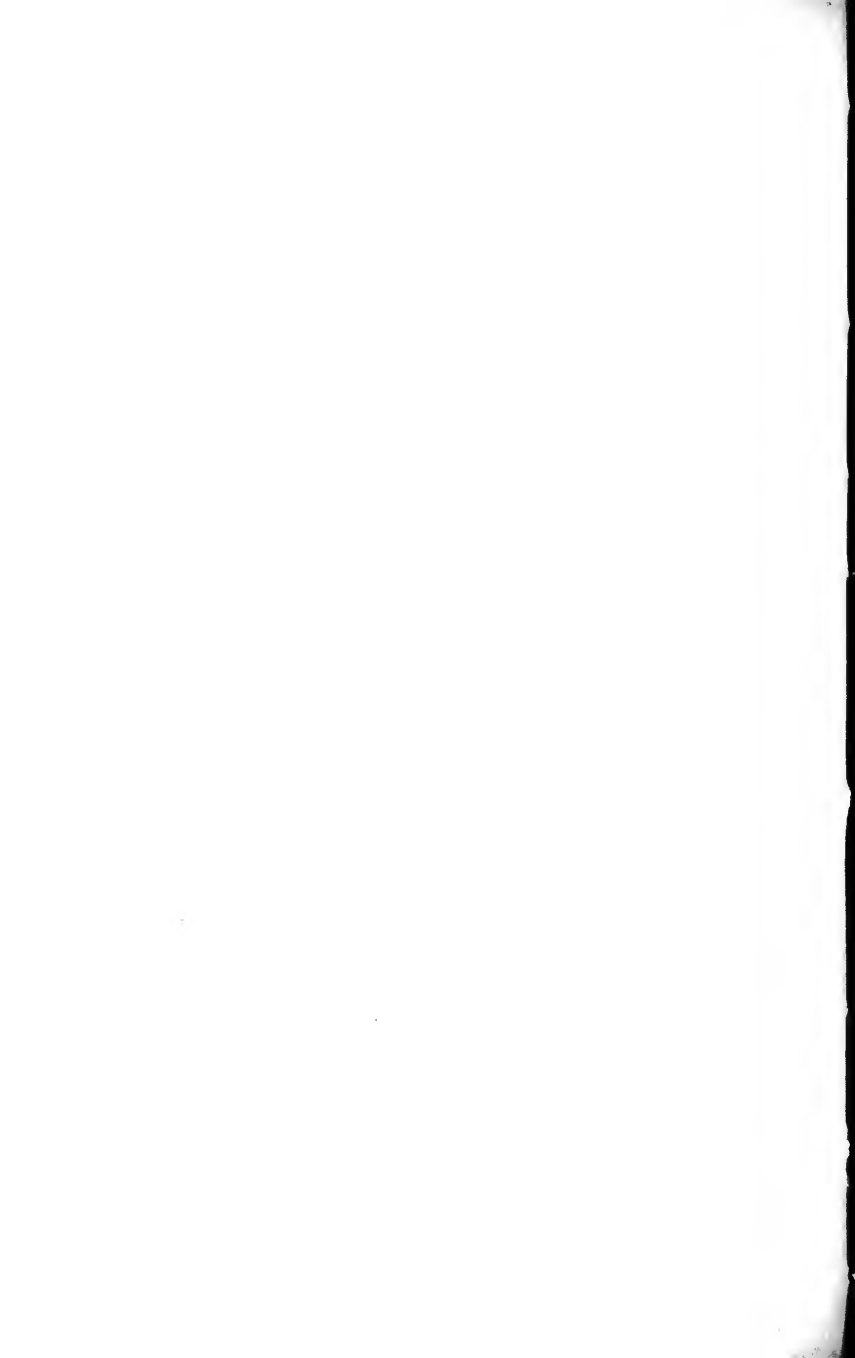
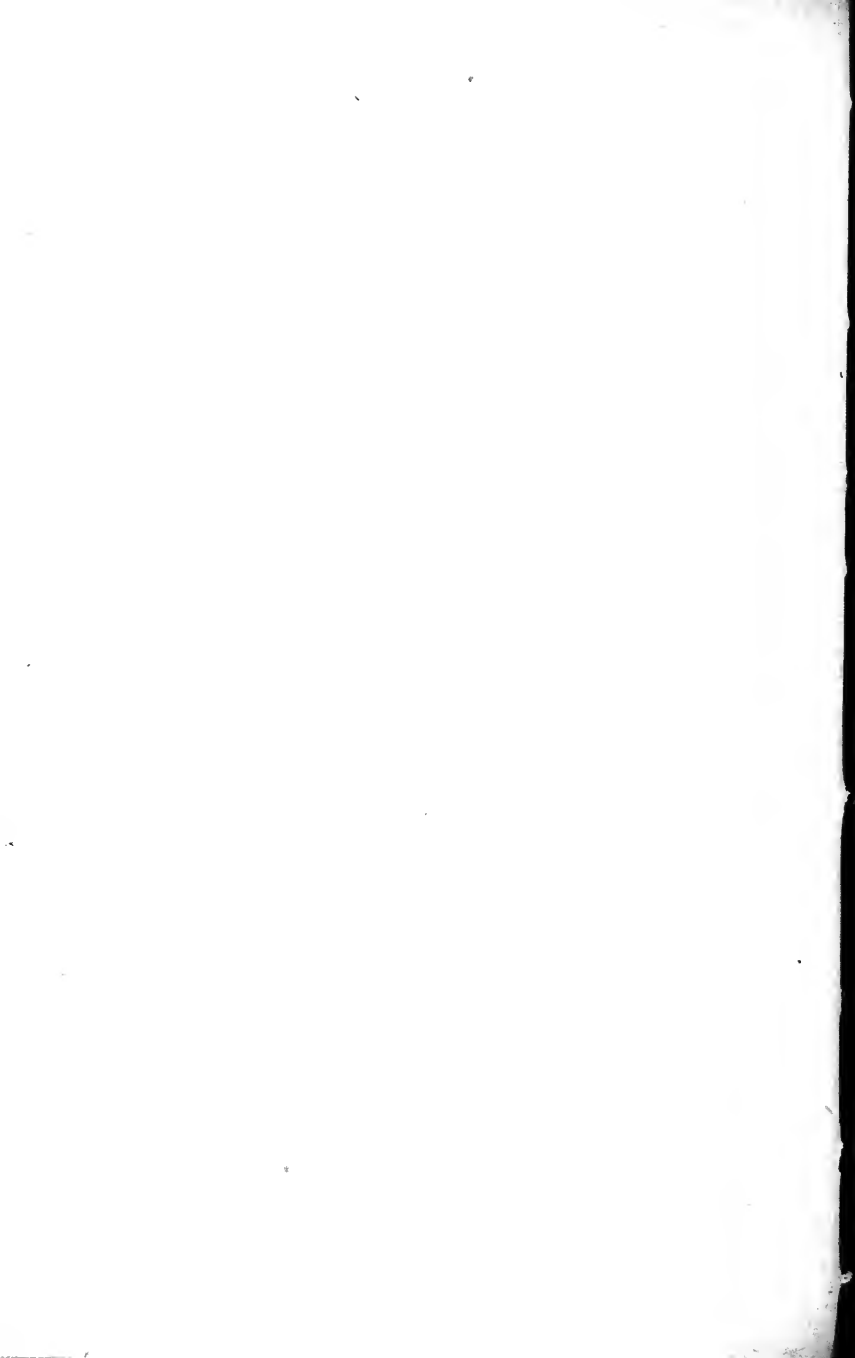
Afim de poupar ao meu amigo esse novo e triste quadro de desenfreada cobiça humana, prendí-o por um braço e arrastando-o comigo, disse-lhe: Boa viagem, meu amigo, meu irmão nas dôres, e o céu, este céu encantado do Brasil, desta terra imensa e maravilhosa, te seja clemente; as florestas verdes do Paraná, florestas virgens, nas quais ainda existe o mistério fascinante da grande e indómita natureza, te façam meditar que a vida, essa outra incompreensivel e inelutavel incógnita, não consiste só nos segredos que uma alcova nos possa desvendar, não começa e não acaba no abraço fugitivo que nos possa dar uma sensual filha de Eva. A vida, vista desse modo, representa apenas a corrupção da carne, corrupção que nunca deve atingir o espírito. E a Venus que hoje beijaste, amanhã a repudias. Vae, meu amigo, e que os altos pinhos seculares do Paraná elevem tua mente a coisas sublimes, ponham no teu coração um novo amor pela vida, que no vigésimo século, é cada vez mais bela pela complexidade das atividades que se abrem em todos os campos da sapiência humana e, portanto, deve ser vivida de acôrdo com os tempos.

Vae, meu irmão, e sabe que o amor sensual não deve ser o escopo da vida, dessa nossa pobre vida, mas deve ser apenas o meio para a perpetuação da espécie.

Vae, meu amigo, e nas extensas plagas do Paraná inebria-te aos raios benignos do sol de ouro e ao verde esmeralda das florestas, dilata os pulmões ao ar puro dos campos, embebe-te de ar e de luz, amplia o horizonte das tuas idéias, foge à cidade, à metrópole tentadora, pois as grandes tragédias acontecem, quasi sempre, entre quatro acanhadas paredes.

Vae, mergulha a alma na natureza e retempera nela o corpo e o espírito, reconstroe tua vida na paz das florestas, e os sonhos dourados voltarão para alegrar os teus dias, e as esperanças, que são o pão do espirito, hão de fazer-te amar outra vez a vida! Vae!

*
* *

Muitos anos passaram desde o dia em que o meu amigo partiu para o Estado do Paraná e nunca mais eu o vira. Nada mais sei, portanto, sobre êle, mas no entanto muito frequentemente penso nele, na sua infelicidade de então. Penso, ai de mim, que no mundo ha muitos casos iguais ou parecidos ao do meu amigo, e que os laços matrimoniais nem sempre são o resultado de verdadeiro amor!

# O VERDUREIRO AMBULANTE

IV

## O VERDUREIRO AMBULANTE

Todas as manhãs, em frente de minha casa, pára um verdureiro ambulante. E' um homem com cerca de cincoenta anos de idade, com o rosto côr de bronze, devido ao sol abrazador; de altura média, costas largas de trabalhador, bem proporcionado no resto do corpo e bem plantado sobre as pernas fortes, embora elas sejam um pouco arqueadas.

Todas as manhãs êle pára em frente de minha casa, toca a campainha, e minha criada compra frutas e verduras bastantes para o almoço e o jantar. Os dois, o verdureiro e minha criada, não discutem sôbre preços, sendo os mesmos já estipulados; nem discutem sôbre a qualidade da mercadoria, pois o verdureiro conhece as exigências de minha criada e não faz senão escolher o que esta pede e receber a respectiva importancia.

Tudo isso fazem mecanicamente, de tão acostumados que estão pela repetição diaria.

Feito o negócio, ele a saúda, toma nas mãos as barras da carrocinha sôbre a qual é carregada a mercadoria, empurra-a e vae-se embora.

Êle não grita para chamar a atenção da gente para comprar sua mercadoria, não, pois a sua freguezia é fiel e êle bem a conhece. Quando passa em frente das casas, pára só defronte daquelas cujos moradores são seus clientes; as outras não lhe interessam e, aliás, êle respeita os seus concorrentes. Às vezes êle cobre longas distancias sem parar, quando não mora naquele trajeto algum de seus freguezes.

*
* *

Eu o encontro frequentemente, pelos diversos bairros da cidade, pois êle anda por toda a grande metrópole para ganhar o seu pão de cada dia. O encontro frequentemente, seja sob um sol abrazador, com o suor a pingar-lhe pelo rosto, seja sob forte chuva, com a roupa molhada, a atender ao seu serviço como um autómato! Saúda-me, respondo-lhe, e seguimos cada um o nosso caminho.

Não sei o que pensará êle de mim quando nos encontramos, mas eu penso muito nele. Nosso cuprimento é aquele de duas pessoas que se respeitam, pelo menos é o que penso eu, porque me agrada muito o seu cumprimento, isto é, o cumprimento de um trabalhador. Sim, eu penso muito nêle e, ao mesmo tempo, sinto uma intensa piedade por êle, que vive, pode dizer-se, à margem da humana sociedade, si se pense no ínfimo trabalho que executa, isto é, o de substituir um burro! De fáto, êle, para ganhar o seu pão de cada dia, empurra desde manhã até à noite, aquela carroça que já aos tempos dos Gregos e dos Romanos, isto é, há cerca de dois, três mil anos, recalcitrantes burros puchavam. Hoje, envez,

no vigésimo século da era vulgar, isto é, da era cristã, o que quer dizer civilização, progresso, igualdade, fraternidade, liberdade, justiça e solidariedade humanas, neste século, digo, que para as suas maravilhosas e fantásticas descobertas, invenções, perfeições etc., se destaca dos séculos de todos os tempos, nós ainda temos a desgraça de assistir ao miseravel espectáculo de vêr o homem fazendo o papel de besta, "o homo sapiens" que criou a lei para a proteção dos animais!

Ai de mim, quanta hipocrisia nesse espírito de exibicionismo!

Si voltasse ao mundo Aristoteles que se iludia de ter criado o superhomem, que grande desilução provaria em constatar o pequeno progresso que tem feito esta pobre humanidade! O "homo sapiens", hoje, para ganhar o amargo pedaço de pão, deve, não somente afinar a inteligência para ser um perfeito comerciante, um homem capaz e gentil vendedor, mas deve, de conformidade às conveniências, converter-se tambem em besta!

Sinto vontade de rir quando ouço dizer que o homem é o rei da terra! Pobre rei si o seu nivel de vida fica debaixo do dos seus suditos, que são sêres inferiores.

Assim passa a vida o pobre verdureiro, empurrando o carrinho desde a manhã até à noite, ao longo das ruas ásperas da cidade, enfileirando-se atrás de longas fileiras de carros à tracção elétrica, motorizada e à tração animal, isto é, a sangue, seguindo a sua direita e obedecendo nas encruzilhadas aos sinais dos regulamentos de transito, próprios para carros e animais e, como si êle, o verdureiro, fosse uma perfeita besta!

Pobre da humanidade e da civilização!

Essas são coisas que deveriam enrubecer-nos em pensando nos tempos em que vivemos; coisas que deveriam fazer-nos chorar em pensando na tragédia pela qual terá passado a alma daquele pobre corpo humano condenado a medir suas fôrças com as dos burros e fazer-lhes concorrência; e pensar-se, — ai de nós! — que nas veias do infeliz pulsa sangue humano!

Pobre da humanidade!

O' meu amigo, meu irmão na dôr, eu me compadeço da tua vida de trabalho e de privação e te acompanho idealmente para as longas e tortuosas ruas da metrópole; ruas, às vezes abafadas e cheias de poeira, e às vezes frias e cheias de água; ruas nas quais todos os dias, junto aos pingos de suor que são as pérolas do sacrifício, deixas tambem cair aos pés da humanidade parcelas da tua dignidade de homem, do "homo sapiens", ser superior e perfeito que Deus fez à sua semelhança!

Eu me compadeço de ti, meu amigo, meu irmão, e sinto por ti toda a piedade e solidariedade humanas, e sinto-me envergonhado da humana sociedade!

# MISÉRIAS
# HUMANAS

## V

## MISÉRIAS HUMANAS

Hoje, atendendo às exigências do meu ofício, fui ao vizinho bairro do Ipiranga, nome e lugar históricos e queridos à memória de todos os brasileiros, pois alí em 7 de Setembro de 1822 foi proclamada a independência do Brasil do domínio português. O lugar é bastante atraente e é meta dos turistas que alí vão para apreciar o grandioso monumento que simboliza dignamente a libertação do Brasil; obra magnífica, esse monumento, executado pelo escultor Ximenes. Alem do dito monumento, existe alí o museu que tem o mesmo nome, isto é, Museu Ipiranga, e no qual se conservam os cimélios da campanha da Independência, e diversas raridades referentes à civilização dos índios do Brasil, além de outras preciosidades. O bairro, sendo sobrelevado, goza de ar saudavel e, por essa razão, no mesmo foram construidos diversos institutos escolares, entre os quais o dos cégos: Instituto Padre Chico.

Para ir a esse bairro serví-me de um bonde e tomei assento no mesmo banco no qual estava acomodado um joven par e, da maneira de como os dois se seguravam as mãos, presumí que deviam ser namorados.

Nada de estranho ou de interessante, pois a cada ser humano são reservadas e proporcionadas as coisas ale-

gres e tristes da vida. Os dois se amam e deixemo-los gozar, em quanto é tempo, a parte de felicidade que está escrita no livro de sua vida.

Chegado o bonde ao ponto final da linha, descemos, eu e o tal par de jovens e, enquanto êles, de braço dado, encaminhavam-se para a avenida Nazaret, tôda ensolarada, eu fui para o meu caminho a tratar dos meus afazeres.

Depois de ter permanecido quasi uma hora nesse bairro voltei ao lugar de parada do elétrico para voltar à cidade.

Enquanto esperava que o bonde chegasse, avistei ao longe, no limiar da dita avenida o meu par de namorados de ha pouco. Que sejam felizes, disse para comigo! São tão jovens e sem pensamentos e a vida deve parece-lhes como si fosse vista através de um caleidoscópio com todos os angulos cheios de luz, cada qual diferente e mais belo do que o outro. E os via aproximarem-se, sentindo muito prazer, pois não ha coisa que me deixe mais contente do que a de vêr gente feliz que, ai de nós!, é muito raro de se encontrar. Olhava-os, portanto, com muito prazer quando, com grande surpresa, pude notar que o moço não era o mesmo de antes.

Por um momento pensei de ter errado e nêles fixei o olhar perscrutador com mais atenção, e notei que o joven se deixava quasi guiar, para não dizer mesmo arrastar pelo braço da moça.

Muitos pensamentos tristes me passaram pela mente, sem poder acreditar no que os olhos viam; pensamentos que me causavam uma penosa sensação, pois é sempre uma desilusão conhecer o lado triste de um acon-

tecimento e, de fato, a infelicidade da humanidade provém justamente do sentimento gerado pelas situações penosas não somente do nosso semelhante, mas de tudo o que nos está em redor, pois não pode existir verdadeira felicidade quando perto de nós vêmos um semelhante ou mesmo um animal a sofrer.

Em quanto que os dois se aproximavam, eu os olhava sempre com mais atenção, quasi como si com os olhos quizesse fazer uma áspera repreenção à moça, mas... meu Deus, que triste surpresa! Teria mil vezes preferido que a móça fosse aquilo que eu com muito desgosto julgava ser, não para desejar-lhe mal, não, pois eu nem sabia quem ela era, mas pela razão que quando o mal existe, é preferível sempre o menor, e eu teria preferido o mal que dela tinha antes pensado, ao mal sem reparação do moço que ela guiava, o qual, meu Deus, era cégo!

Cégo completamente, o pobre moço que a rapariga tinha retirado do Instituto "Padre Chico".

Confesso que naquele momento me senti tão pequeno no universo e nunca senti tanta vergonha de "esser quasi felice" em presença de tanta infelicidade!

Naquele momento senti quasi vontade de pedir desculpa àquela moça por tê-la, no meu pensamento, julgada mal por motivo de estar em companhia de um outro, aquela moça que já se me afigurava uma martir; tive vontade de lhe dizer toda minha dôr pela desgraça daquele pobre sêr vivente que não pode contemplar a luz do sol, as coisas da divina criação, as pessoas que sofrem por êle, pois a dôr de nosso semelhante é tambem um pouco nossa.

Enquanto, em minha mente se iam formulando esses pensamentos, chegou o bonde e, com os olhos cheios de compaixão, acompanhei o pobre cégo e sua amiga ou irmã a subir e tomar lugar no bonde. Depois subi eu e me acomodei no banco perto daquele ocupado por êles para velar sôbre os mesmos, em caso precisassem do meu auxílio; para ficar, enfim, mais perto dêles; para sentir e viver quasi a mesma dôr dêles.

Essa que senti eu, era uma atracção que todos sentem porque quando nada podemos fazer para aliviar a dôr aos infelizes, nossa companhia é sempre um pouco de conforto, e o conforto indica a solidariedade humana nas asperezas da vida, solidariedade que é a primeira virtude da civilização. Porém, mesmo no caso que não se sinta essa solidariedade, nunca se deve fugir dos infelizes só porque a sua desgraça possa perturbar nosso animo não, e fugir seria ir contra o próprio espírito do mandamento de Deus, em que se diz: visitar os doentes.

Velava eu, portanto, aqueles dois com o mesmo amor que teria sentido para com um irmão. Mas, ai de mim, a miséria humana é maior do que possamos pensar! Ela não tem limites, é um caos em que se afogam os sentimentos que costumamos chamar de humanos!

, Homem, porque vives a te julgar superior a todos os sêres viventes sôbre a terra quando em realidade os teus sentimentos são dominados pelo instinto que é próprio dos sêres inferiores? Sim, diz-se que o homem é diferente dos animais por causa do dom da palavra com a qual pode explicar as suas razões e às quais êle subordina todas as suas ações, enquanto que os animais nas suas

contendas só fazem uso da força bruta. Isso, para mim, não passa de uma tolice, pois o homem faz uso de uma e de outra, da força bruta e da razão, razão que pode, de acôrdo com os casos que se lhe apresentem, transformar-se em astúcia, perfídia, simulação, hipocrisia, velhacaria, etc.

Fazem-me rir os naturalistas quando dão o apelido de féra aos animais da floresta, pois a verdadeira e insuperavel féra da Terra é o homem, da qual fera fogem todas as outras.

Falo por ti, pobre cégo, pois tu és o único sêr inocente e inofensivo sôbre a terra; falo por ti que não vês o que acontece em torno de ti, pobre infeliz joven! Eu me compadeço de ti meu pobre irmão de dôr nesta terra de espinhos, e sinto por ti todas as aflições que a tua desgraça sem nome te causa, aflições que eu leio em teu pálido rosto, nos teus olhos vasios; leio tudo o que os teus lábios não dizem, demasiado ciente de tão grande desgraça; eu me compadeço, meu pobre desconhecido e neste momento em que sinto que o dom da vista que Deus me deu, nunca foi tão grande, neste momento repito, em que sinto tôda a importancia destes olhos, estes meus olhos que todas as manhãs se abrem para contemplar as inúmeras e maravilhosas belezas do universo, eu os fecho, meu pobre infeliz irmão desconhecido, para não vêr a tua companheira, a qual, oh infinita desgraça! enquanto do lado esquerdo se deixa acariciar a mão por ti, deixa, de outro lado, outra mão na do seu companheiro de antes, daquele com quem fez a viagem de ida, com o qual, aproveitando-se da tua desgraça, em tua presença, te está traindo!

# O ANJO
# BRANCO

## VI

## O ANJO BRANCO

Havia decorrido um ano desde a morte de seu marido, vitimado por tuberculose pulmonar, quando morreu tambem a filha, de doze anos, do mesmo mal!

Era um amor de menina, um anjo branco e delicado, uma flor alva que se curvava antes que começasse a emitir seu perfume!

Em certos momentos de desanimo sentimos vontade de perguntar com o filósofo: Por que se nasce se se deve morrer? Ou de dizer com o poeta: Oh natureza, oh natureza por que de vez enganas os filhos teus?

Mas isso que é um mistério da vida, não cabe a nós, que somos apenas simples e fracas criaturas, feitas por Deus para vêr e crer, e não para investigar o que nunca poderiamos desvendar.

A mãe, a pobre mãe, havia um ano que estava de luto e os olhos áridos por haver chorado demasiado por um ano, desde quando a morte tinha batido pela primeira vez à porta de sua casa, tinham-se esgotados como uma nascente sem vida e não tinham mais lágrimas para a pobre morta! Só um menino chorava, um irmãozinho de quatro anos, aquele que não chorou, pobrezinho, um ano atrás, pela morte de seu pai, pois que não compreendia

então o que é a morte; chorava agora pela primeira vez a sua dôr sentida, a dôr espiritual, e isto dobrava a dôr da mãe!

Fora, na noite escura, o vento de outono soprava implacavel por entre as folhas amarelas das árvores!

A mãe, sentada ao lado da cama da morta, muda, olhava, alternadamente, a morta e o menino, que chorava do outro lado da cama.

O que pensava aquela pobre mãe sem algum conforto? Pensava no marido morto havia um ano? Na filha morta agora? No seu filhinho, que chorava?

De certo, ela pensava nos três desventurados, pensava no destino cruel que se tinha aninhado em sua casa; pensava nos dias passados e nos futuros; pensava que a vida é toda uma alternativa de alegrias e de tristezas, mas que para ela era mais de tristezas que de alegrias!

Quanto tempo ficou naquela posição, sintetizando toda sua vida?

Muito! Muito, até que uma lágrima, isto é, a primeira lágrima queimante daquela nova desgraça lhe sulcou o rosto murcho. E esta lágrima a despertou à realidade da vida, a vida social, aquela que tem as suas exigências perante os nossos semelhantes. Então, enxugando-se aquela lágrima, levantou-se e se dirigiu ao guarda-roupa, abriu-o e tirou o seu vestido branco de noiva.

A pequena morta precisava do vestido branco, como é de costume, e faltava o dinheiro para comprá-lo, mas não se podia sepultar um anjo, vestido com um trapo; era necessário que o anjo tivesse as azas brancas, como sua alma as têm, para poder voar ao paraiso para onde de certo ia.

A mãe, por isso, estendeu o seu vestido branco de noiva sôbre uma mesa, aquele vestido que lhe lembrava um dia de felicidade em sua triste vida, contemplou-o bem por um momento e, depois, como si quizesse afastar da mente um pensamento irreal, passou a mão sôbre a fronte e com uma tesoura começou a descoser o vestido. Acabado esse serviço, passou-o a ferro para fazer desaparecer as preguinhas, beijou-o, e tomando de modelo um vestidinho velho da morta, começou a cortar.

Fora, o vento de outono soprava implacavel entre as folhas amarelas das árvores, e ela costurava, costurava!

O menino, cansado, enfim, pelo longo e desconfortado pranto da sua primeira dôr espiritual, dormia sentado ao lado da cama da sua irmãzinha morta, com a cabeça apoiada na beira da mesma cama e a morta dormia o princípio do sono eterno, sonhando, de certo, com as azas brancas que a sua querida mãe lhe costurava para poder fazer sua entrada triunfal no paraizo!

# OS DOIS CÃES

## VII

## OS DOIS CÃES

Eram oito horas da manhã quando saí de casa afim de ir para o trabalho. Logo que cheguei à esquina da rua na qual fica minha casa, vi dois cães, um branco e outro preto, que pulavam alegres diante de mim. Não fiz muito caso dêles, mas procurei esquivar-me, pois os cães, porquanto sejam amigos, os melhores amigos do homem, sempre me meteram medo.

Eram dois cães de raça maltesa, de pêlo luzido e polido; advinhava-se que deviam pertencer a gente de trato.

Continuei no meu caminho até a uma casa distante uns 500 metros da minha, toquei a campainha e logo que me foi aberto o portão, os primeiros a entrar foram os dois cães.

Está bem, pensei, os cães pertencem a esta casa e não lhes reparei mais. Fiquei naquela casa por cerca de dez minutos para desempenhar as incumbências de meu oficio e grande foi minha surpresa quando, ao sair, os dois cães, que durante a minha permanência naquela casa tinham ficado no jardim, todo contentes enfiaram-se entre minhas pernas e sairam comigo.

Agora já não tinha mais dúvida: os pobres animais, perdidos na cidade, tinham encontrado, pelo faro, o seu dono em mim e fielmente me seguiam na peregrinação que as funções de meu ofício me impõem pela cidade. Mas devo dizer que enquanto êles me seguiam com toda confiança, supondo, talvez em mim o seu dono e protetor, eu os olhava com certo medo, procurando distanciá-los. De certo que eu fazia mal, muito mal em não retribuir-lhes a mesma confiança que tinham em mim, mas eu, como todos os homens, sou desconfiado por natureza, e procurei todos os meios para afastá-los. Muito natural isso, pois si nós não temos confiança em nosso próprio semelhante, em nosso irmão, em nossa mulher, como podemos ter confiança nos animais, sejam êles mesmo cães, o animal mais amigo do homem?

Mas quando faço estas reflexões penso no que me dizia um pai de família, isto é, que quando de noite êle voltava do trabalho, o primeiro que o ia encontrar na porta da casa, era sempre o cão que lhe pulava alegre na frente, como si lhe quizesse dar a boa noite, enquanto que os filhos nem sempre diziam: Boa noite, papai!

Prossegui no meu caminho, sempre seguido pelos cães, e cheguei em frente de uma igreja, a primeira que encontrei em meu caminho naquela manhã e, de acôrdo com meu hábito de entrar todas as manhãs na primeira igreja que encontrar, para recitar uma breve oração, entrei naquela.

Eu, digo-o já, não sou um fanático que passa a vida na igreja, para depois, lá fora, proceder mal, não, se fosse por isso, eu poderia proceder mal e dizer mal da gente, sem, com isso precisar ir á igreja. Uma breve oração, po-

rém, é sempre bom rezá-la na igreja, não por aquelas poucas palavras da oração que a gente possa pronunciar, pensando talvez, em outras coisas, mas simplesmente para inspirar em Deus e nos Santos, que são os verdadeiros bemfeitores do infeliz gênero humano, as nossas ações do dia, inspirar-se nos seus sacrificios, para poder pelos seus exemplos afrontar com resignação as asperezas da vida e poder, em suma, proceder bem na luta quotidiana.

Entrei, portanto, na igreja por uma das portas laterais, procurando fechá-la bem atrás de mim para evitar que entrassem tambem os cães; mas as portas eram livres, sem fecho e por isso, enquanto eu tinha entrado por uma porta, os cães tinham entrado pela outra, de maneira que logo que entrei vi os cães que vinham ao meu encontro jubilantes.

Não tive outro meio, senão o de sair para que tambem êles saissem, desistindo, portanto, por aquela manhã, da minha oração. Dirigí-me, por isso, decididamente ao meu trabalho, seguido pelos meus voluntários e fiéis guardas que agora já não me deixavam mais e, assim andando, cheguei a uma casa comercial que tem a loja no pavimento terreo e o escritório no primeiro andar. O escritório tinha acesso por uma escada cuja entrada era lateral á loja. Eu, que tinha que ir ao escritório, subi a escada, seguido, naturalmente, pelos cães. Mas aqui a porta tinha fecho, e êles ficaram fora.

Para os meus negócios fiquei quasi meia hora ali e já me tinha esquecido dos cães, quando, ao sair, eis que os encontro deitados na escada, sossegados, a esperar-me.

Que constância, que fidelidade, meu Deus!

Diz-se bem que o cão é o amigo do homem e que na crença popular a fidelidade é afigurada por um cão. De fato, eu penso que o homem poderia dormir mais tranquilo sob a vigilancia de um cão do que sob a de um homem. O homem pode trair, o cão nunca; o homem pode simular, enganar, o cão nunca. E se o bater, êle não foge, lambe a mão que o bateu; si o mandar embora ou o abandonar, êle chora!

Pobres animais! Tendo êles perdido seu dono, naquela manhã, tinham com seu faro encontrado em mim talvez o mesmo cheiro do seu dono, e seguiam-me fiéis e contentes.

Creio que deve ser mesmo assim si se dér crédito a quanto aqui vou contar: Certa vez alguem, achando-se num clube, por todo o tempo que alí permaneceu, viu-se acompanhado constantemente por um cão que êle nunca tinha visto antes. Êle, porém, não deu muita importancia ao caso, mas quando devia sair viu que o cão ainda o seguia. Foi então que dirigindo-se aos presentes, para evitar que o cão se perdesse, e afim de que o dono o segurasse, perguntou a diversos amigos para saber quem era o dono do cão. Sua surpresa foi grande em saber que o cão pertencia a seu irmão, o qual já tinha saido, esquecendo-se de levá-lo.

Disso vê-se que o cão, tendo perdido seu dono, o olfato o tinha guiado a procurar proteção com o irmão do mesmo, ou, melhor, da pessoa da qual exalasse o mesmo cheiro do seu dono.

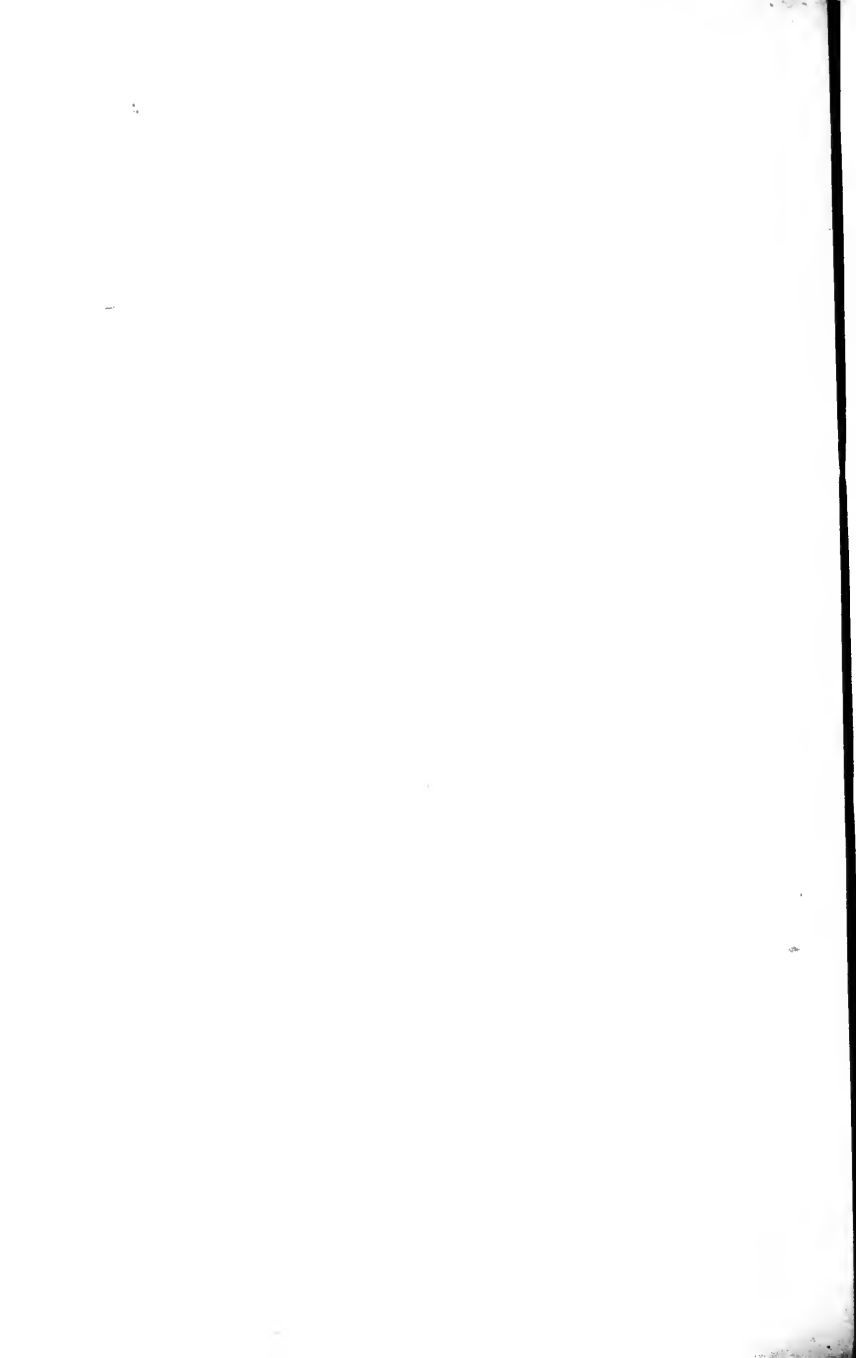
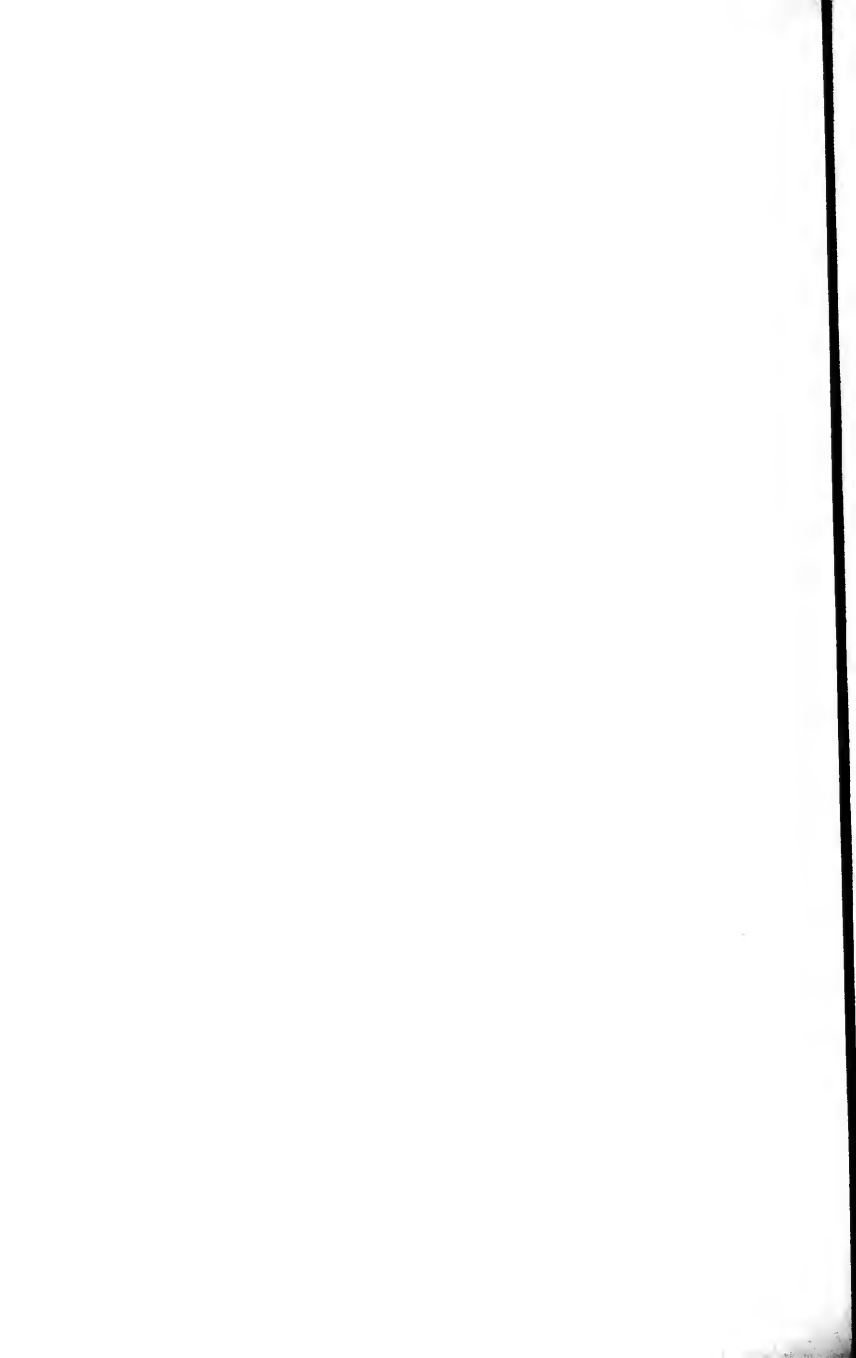
Pobres animais irracionais! Êles tinham encontrado em mim o seu dono e protetor e seguiam-me fiéis e confiantes, e eu, ai de mim!, não retribuí essa confiança, não

os protegí, como êles esperavam, pois livrei-me dêles subindo no primeiro bonde que passou.

Em verdade, quando subi no bonde, tinham-se êles preparado para subir tambem, mas o motorneiro não o permitiu e fechou logo a porta.

Pobres animais! Enquanto o bonde se afastava, célere, êles olhavam-no, de certo com muita tristeza e surpresa, pensando, talvez, como são ingratos os homens!

Sim, é verdade, eu fui muito ingrato para com êles, porém os cães ignoram que a civilização, além das leis morais, tem leis penais que proibem de a gente se apropriar de coisa alheia.

Mas sejam quais forem as leis, eu, desde aquele dia, toda vez que vejo um cão, sinto um remorso em minha consciência de homem, como si tivesse perpetrado um ato indigno da civilização, e penso, ai de mim!, no triste fim de que, talvez, tenham sido vítimas aqueles dois cães no depósito municipal!

# DA ROÇA PARA A CIDADE

## VIII

## DA ROÇA PARA A CIDADE

As crônicas negras dos jornais trazem em breves notas a morte por suicídio de fulano de tal, velho de tantos anos, etc., com a respectiva efigie para despertar maior curiosidade no povo.

Nada de extraordinário nisso, pois todos os dias, os vários jornais estão cheios de tais noticias e, si não fosse pelo sentimento de piedade que nos inspiram os pobres infelizes que desertam da vida, nem seria o caso de conhecer os seus nomes, pois muito melhor seria ignorar tão tristes acontecimentos, epílogos sempre de insuportaveis situações, de íntimas tragédias da alma. Às vezes, porém, pergunto a mim mesmo si não seria melhor que a imprensa não trouxesse tais crônicas para não impressionar mal os leitores e especialmente as pessoas ingênuas e facilmente impressionáveis, mas depois penso que é necessário conhecer tudo, pois tudo concorre para a formação da educação do espírito, pois na vida, para bem proceder, o homem tem que conhecer tanto as boas como as más ações. Mas, além disso, eu creio que o fim dessa crônica seja mais o de aumentar a venda dos jornais, pois o povo, como se sabe, não compra o jornal pela

política, que não lhe interessa, não pela parte literária, que não compreende, e nem pela arte, que não conhece, e se se fizer excepção do esporte, compra o jornal quasi exclusivamente para conhecer os acontecimento trágicos e cruentes do dia e provar, dos mesmos, as fortes emoções, que são a cocaina do espirito.

Nada de extraordinário, portanto, na notícia do suicídio de fulano de tal, que era redigida, mais ou menos, nos seguintes termos: O sexagenário fulano de tal, afetado das faculdades mentais, suicidou-se com um tiro de revolver na cabeça.

A essa notícia segue-se, naturalmente, uma redação bastante longa com referências às condições do suicida e de sua família. A um certo ponto da notcia, fala-se da morte recente de um filho do suicida. E nada mais. A crônica é concluida e a curiosidade dos leitores é satisfeita.

Mas mesmo nada mais fica para dizer? Para os cronistas e para os leitores, creio que não, mas para mim, que conheço toda a odisséia desses pobres infelizes, pai e filho, sim. Para mim não acaba aí a crônica, pois entra nisso justamente a lei da causa e efeito, pois a morte de um relaciona-se com a morte do outro, e ambos são vítimas dos tempos modernos. Eis a história:

Êles viviam felizes e contentes juntos com as outras pessoas da família, na roça, trabalhando a terra e vivendo comodamente dos produtos da mesma. Trabalhavam quando queriam e como podiam, sem controle e sem exigência por parte de ninguem, pois nos campos, oh santa vida dos campos! não se trabalha nem oito e nem dez horas, mas apenas aquele pouco necessário para que a

plantação e a seara cresçam. A vida é, em suma, simples e facil. Come-se pão de centeio e bebe-se água de fonte, saboreiam-se as primicias da plantação e respira-se, oh incomensuravel bem! o ar puro, o ar balsâmico e rico dos perfumes de todas as flores dos campos; o ar que enriquece o sangue dos elementos necessários para a vida sã, o ar que fortifica o corpo e deleita o espírito e faz ver tudo côr de rosa no sol que nasce e no sol que morre! Oh santa vida dos campos, vida que nos leva a bendizer a Natureza e o seu Criador! Essa era a vida que levavam aqueles camponezes e, ai tristeza! dela quizeram fugir em procura de uma vida melhor no labirinto imenso da metrópole, a cidade sedutora de mil tentáculos que deslumbra a vista que vê coisas irreais, e ofusca a inteligência, que perde, com isso, a justa avaliação das coisas e faz cometer atos que, só tarde de mais, serão reconhecidos como loucuras.

Isso é quanto aconteceu aos infelizes protagonistas desta narração!

O chefe da família atraido quem sabe por que miragem de riqueza, abandonou a vida de camponez e transferiu-se para a metrópole, com toda a família, a qual se compunha dele, de sua mulher e de três filhos, sendo dois rapazes e uma menina.

Êle, para começar, conforme dizia, empregou-se como guarda noturno num cementifcio e um filho, isto é, o mais velho, que estava com a idade de 19 anos, empregou-se como operário no mesmo estabelecimento.

Estavam, enfim, colocados os dois homens válidos para o trabalho, os quais recebiam pontualmente o respectivo salário que lhes permitia uma vida bastante

cômoda, para êles e ao resto da família; e a todos, no ar da metrópole, parecia terem alcançado a almejada felicidade.

Os primeiros meses decorreram de maravilhas em maravilhas, inebriando-se aos rumores ensurdecedores dos mil veículos das ruas e às deslumbrantes luzes de diversas côres das reclames luminosas durante a noite, parecendo-lhes, a sua, uma vida de fadas ou de mil e uma noites. Sonhavam êles com olhos abertos e concluiam com olhos fechados.

Oh santa ignorância! Oh pobres e ingênuos cordeiros!

Mas, ai de mim! era destino que tudo isso devia morrer logo ao nascer!

Destino? Que digo, eu? O destino é uma palavra vã, feita para encobrir a ignorância; o destino não existe, nem pode existir, mas com essa palavra a humanidade procura apenas justificar os próprios erros perante a consciência!

No fim do primeiro ano já as idéias e as esperanças de uma vida melhor, na suspirada metrópole, tinham morrido; tinham fugido todos os sonhos côr de rosa com os quais tinham alimentado o seu espírito por tantos meses, e o lugar destes tinha sido tomado pelo íncubo, pelo terrivel remorso e pela desesperação por causa do triste acontecimento que tinha destruido em um átimo de relámpago a felicidade da pequena família, pois o rapaz que trabalhava no cementifício, aspirando o ar emprenhado de pó de pedra moida, devido à sua tenra idade, tinha sido afetado de tuberculose pulmonar!

Isso havia tirado a paz a todos os componentes da família e principalmente aos pais, que viam nisso toda sua culpa, como responsaveis da saude dos filhos. Todos

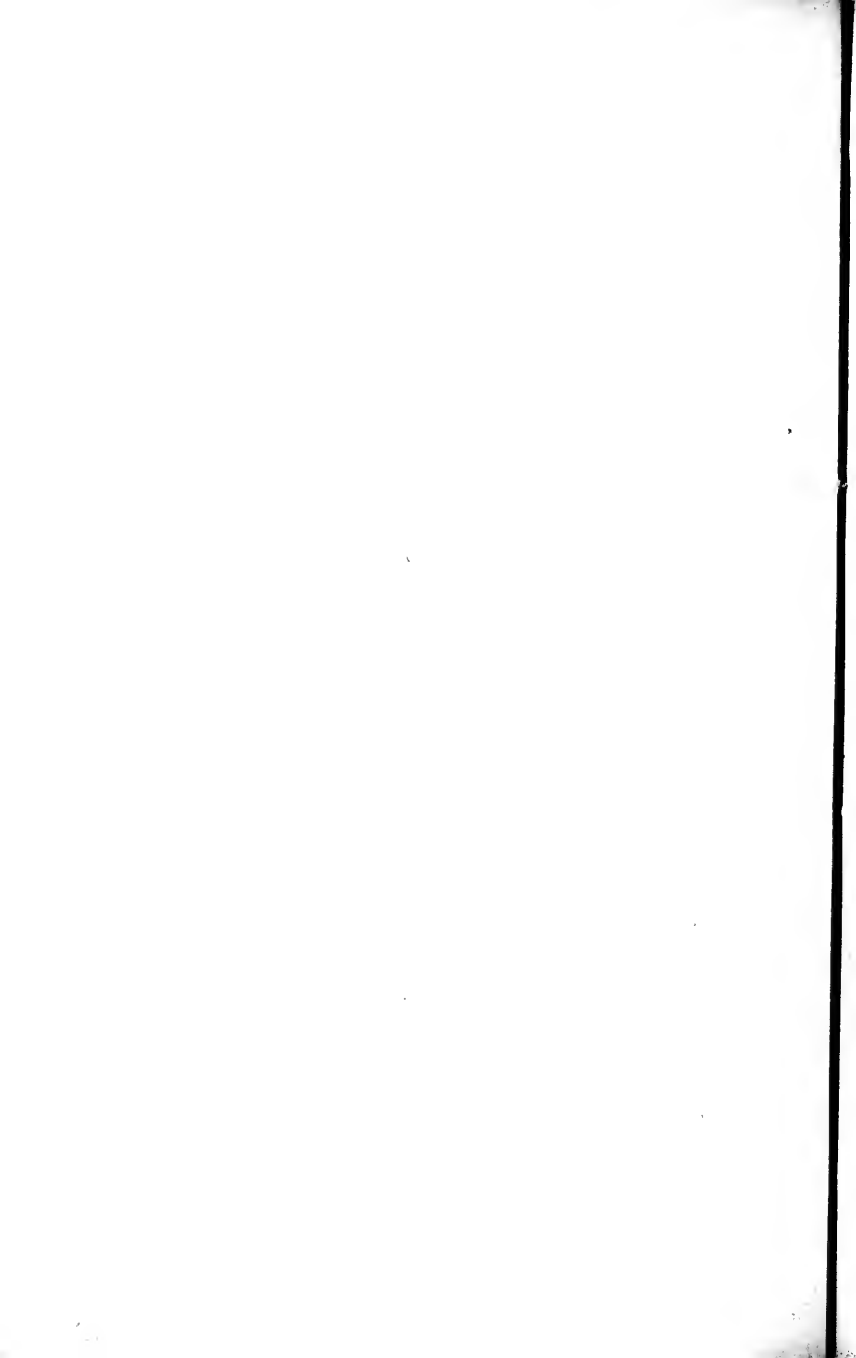
os recursos da ciência médica foram escogitados. Todas as economias feitas em muitos anos de trabalho e privações foram jogadas na labareda destruidora, para salvar a vida do rapaz, mas tudo foi em vão; e médicos e remédios, ar puro e estações de cura etc., nada adiantaram. O mal, o terrivel mal de Koch, em pouco tempo contou, entre seu infinito número, mais uma vítima!

Desde aquele dia o pai, o chefe da família, o responsavel, o mais culpado daquela desgraça, não teve mais paz; o remorço lhe roía de contínuo a consciência, e a mente começou a se lhe ofuscar. Desvairava, imprecava ao mundo, à metrópole, à civilização; imprecava a tudo e a todos, até que ontem, enfim, não podendo sobreviver mais a tamanha dôr, poz termo à vida desfechando um tiro de revolver na cabeça!

*
* *

Os jornais dizem que êle tinha-se suicidado por estar afetado das faculdades mentais. Eu penso, porém, que si se tivesse que acreditar nos jornais e nas crónicas policiais, metade do gênero humano entraria no número dos loucos, pois o maior número dos suicídios e dos crimes cruentos que se praticam, atribuem-se a anormalidades mentais.

Mas eu sempre que sei de uma tragédia — e isso, ai de mim! é quasi todos os dias — penso que, quem sabe, de que íntima tragédia não fôra vítima o infeliz protagonista, e uma grande piedade me arrasta a alma ao pobre desertor da vida!

# AS MASCARAS DO CARNAVAL

## IX

## AS MÁSCARAS DO CARNAVAL

As festas do Carnaval, ou melhor, as festas pagãs, já chegaram e o povo, o bom povo paulista é todo preso duma ânsia de fazer barulho, o qual, atordoando-lhe os ouvidos, fá-lo, como se costuma dizer, divertir.

O barulho portanto é muito e da rua sobe até minha casa, rompe o silêncio que nela reina... rompe tambem a tranquilidade de minha alma, e um acontecimento muito antigo sobe-me à memoria, deixando-me muito triste.

É um acontecimento que se verificou no Rio de Janeiro, pelo ano de 189... e que me contou minha mãe que do mesmo foi testemunha ocular.

O povo do Rio, como todos sabem, ha tempos remotos é deveras entusiasta das festas do Carnaval e enquanto em quasi todas as outras cidades do mundo, dito entusiasmo vai perdendo de intensidade e as festas reduzem-se apenas a alguns saraus dansantes com a exclusiva intervenção de solteiros e mulheres alegres, no bom povo do Rio, pelo contrário, dita intensidade marca um crescendo fantástico, assim que de toda a América, sul e norte, vêm fileiras, sempre mais compridas, de turistas para assistir às festas do Carnaval, nessa cidade. E para que as festas tenham maiores atrativos, a Prefeitura subsi-

dia com uma certa quantia em dinheiro os diversos clubes carnavalescos, concorrentes a concursos de fantasias e carros alegóricos.

Minha mãe morava no Rio e porquanto nunca tenha sido entusiasta dessas festas, no último dia do Carnaval, para contentar a família, foi tambem ela assistir ao desfile dos carros alegóricos.

O primeiro carro que passou — contou-me minha mãe — representava três sereias que empurravam um barco no centro do qual uma gigantesca estátua de Marte, o Deus da guerra, erguia-se em pé com a corôa de louros na cabeça, e na mão direita uma enorme espada ameaçando ao mundo inteiro.

Este foi bastante aplaudido.

O segundo carro representava os costumes do século décimo oitavo, distinguindo-se, entre todas as damas, a favorita do rei Luiz XV, a bela e famosa marqueza de Pompadour. Tambem este carro mereceu muitos aplausos.

O terceiro carro representava uma mesa luxuosamente posta na qual tomavam parte, além de Tetis e Peleo, as três deusas Venus, Palla e Juno, vestidas, como era de costume, mui sucintamente, enquanto que a Deusa Discórdia, estava representada no momento em que arremessa a famosa maçã de ouro com o mote: À mais bela!...

Muito apreciado foi este grupo de belas moças, e todos os expetadores eram concordes em julgar aquele carro o mais interessante de todos os que tinham desfilado e digno, portanto, de ganhar o primeiro prêmio.

O povo gozava imensamente o espetáculo, que variava com cada carro, e comentava o último carro que tinha escolhido um assunto mitológico e velho quanto o mundo, mas sempre de atualidade, assunto que despertava o capricho das mulheres. O juri já manifestava o seu voto para aquele carro e o povo dava o seu assenso batendo palmas, quando eis que aquela alegria foi sustada como por encanto.

O que teria acontecido? Haveria, talvez, outro carro melhor? Instintivamente todos se faziam essa pergunta e todos olhavam para o lado de onde vinham os carros, ansiosos de saber do que se tratava, mas todos volviam os olhos assustados, como si estivesse para acontecer alguma desgraça.

Em quanto minha mãi contava isso, minha atenção estava toda presa aos seus lábios. Quando chegou nesse ponto, pedi com ansiedade: — Mamãi, diga-me logo o que tinha acontecido. Verificára-se, talvez, uma briga, pelo motivo que cada moça quizesse para si a maçã de ouro, como prêmio para a própria beleza?

— Não, meu filho, respondeu minha mãi, nada disso tinha acontecido e melhor seria que tu nem soubesses. Mas, como tu és meu filho e és, como eu, cristão e católico e tens portanto a alma bôa para condenar as más ações, digo-to, pois tambem isso faz parte da educação do espírito.

Pois sabe, meu filho, que toda aquela gente que antes gritava de alegria e que depois se calou como por encanto, passou logo a resmungar de indignação, pois homens maus, com o fim de estragar a festa à boa gente, tinham misturado o sacro ao profano, colocando no quarto

carro que tomava parte no concurso, uma estátua de N. S. Jesus Cristo mostrando o momento do "Ecce Homo", com a coroa de espinhos na cabeça sangrenta e entre as mãos o bambú com que os centuriões de Ponzio Pilato o tinham batido!

— Mas os maus tiveram o seu castigo, disse triunfante minha mãi, e isso tambem para distrair minha atenção do quadro triste que me tinha descrito.

— No mesmo instante, continuou minha mãi, o céu que era belo e cheio de luz, obscureceu-se repentinamente e um fragoroso trovão deu o sinal de que a festa estava acabada. Trovões e relámpagos seguiram-se ao infinito, tanto que parecia o fim do mundo, e uma chuva tempestuosa, em apenas um instante, transformou a rua num rio impetuoso que tudo derrubava e carregava.

Toda a gente que se achava na rua, como aquela que durante o dilúvio universal se tinha abrigado na arca de Noé, agora tinha pedido e obtido hospedagem nas casas mais próximas, e todos foram amparados, pois N. S. Jesus Cristo nunca abandona os seus filhos inocentes.

Oito dias durou aquela tempestade e foram oito dias de oração e penitência feitas pela boa gente, afim de que se aplacasse a justa ira de Deus.

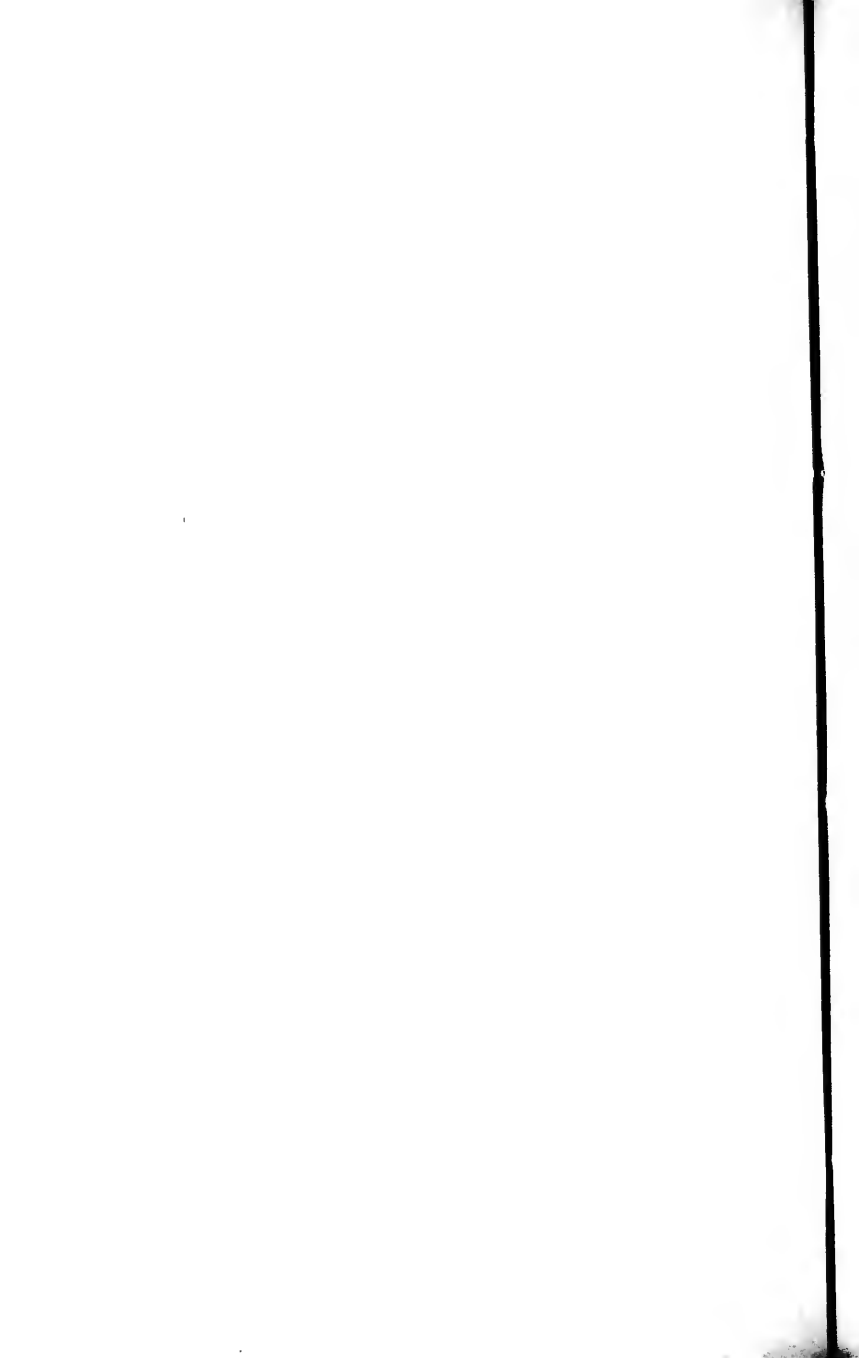
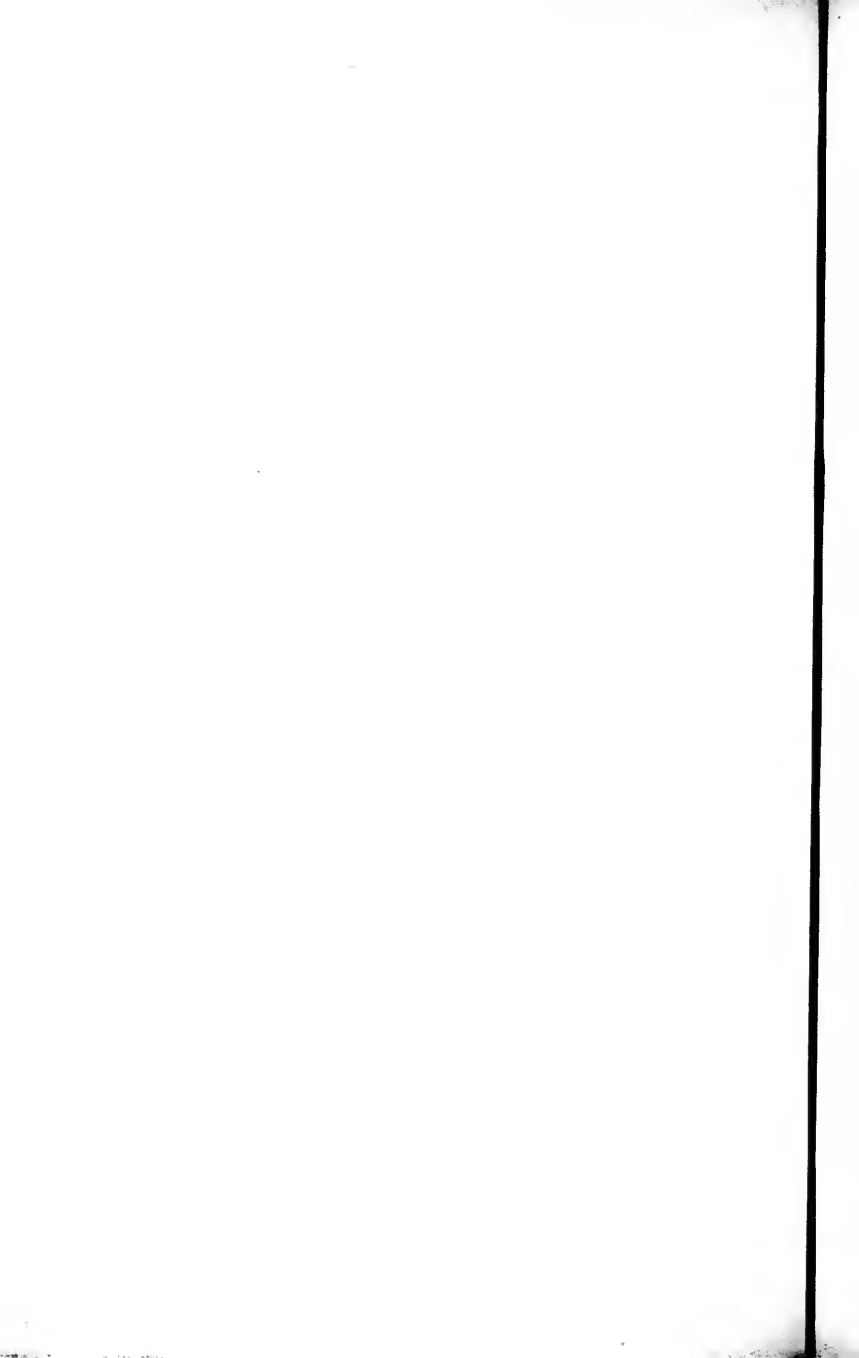
— E os carros máscaras, mamãi, como acabaram, perguntei eu?

— Todos desaparecidos, todos destruidos, respondeu-me, excepto um, o do Ecce Homo, o qual, intacto, no meio da rua transformada em rio, desafiava a tudo e a todos. A chuva só passou depois de oito dias, isto é, quando, diz-se, devotos crentes tinham guardado, numa igreja situada na periferia da cidade, a santa estátua de

N. S. Jesus Cristo, no seu lugar de trono e, diz-se, — ajuntou minha mãi — ainda lá se guarda, como estátua milagrosa.

*

* *

E' noite, noite alta, e o barulho das máscaras vai diminuindo até apagar-se de todo. Eu vou à janela, abro-a e o silêncio da noite estrelada e fresca enche minhalma que suspira de contentamento, bemdizendo à santa memória de minha mãi... bemdizendo a Deus onipotente!

# O JOGO DO BICHO

# X

## O JOGO DO BICHO

Era já quasi noite, uma velhinha que podia ter 80 ou 100 anos, com o corpo curvado para a terra, mal vestida e levando nas costas curvas um enbrulho de trapos velhos, andava muito devagar pela rua deserta. Chegou enfim, mais por força de vontade que por força física, em frente a uma casa de jogo do bicho, parou, coitadinha, ergueu a cabeça alva, olhou no quadro preto em que estavam escritos os números do bicho do dia, leu, deu um suspiro de desespero e continuou no seu caminho!

Ai de mim, quantos sequazes tem o jogo!

Francamente, devo dizer que sentí mesmo pena daquela pobre velhinha que depositava todas as últimas esperanças na saída dos números do bicho jogado, e si o pensamento de ofender sua suscetibilidade não mo tivesse impedido, quasi teria ido confortá-la!

O bicho! Que palavra fatídica na mente dos viciados desse jogo! Êle é o tormento e a esperança do povo, seu fiel sequaz, é o seu primeiro e último pensamento do dia, é o pensamento dominante de toda a sua vida, é, enfim, o pão do espírito da gente pobre.

O jogo do bicho é um derivado do jogo da loteria federal, o jogo da sorte. A loteria é uma instituição dos tempos modernos e poderia chamar-se tambem o jogo dos números, pois compõe-se exclusivamente de números em senso progressivo, começando pelo número 1. Mas póde chamar-se tambem o jogo do povo, pois que quem o sustenta é o povo miudo que vê no mesmo o único meio para ficar rico. E, como a extração da loteria é feita duas vezes por semana, o resultado é que as economias dessa gente são absorvidas, quasi inteiramente, por esse jogo maldito que o eminente estadista italiano Francisco Crispi chamou de taxa sobre os imbecís.

As casas lotéricas, afim de estarem ao alcance de todos, encontram-se em cada bairro e nos pontos mais frequentados da cidade, no meio das casas comerciais. Elas são, porém, mais luxuosas do que estas, atraindo com mil modos a atenção dos transeuntes afim de comprar os bilhetes da sorte. Além disso, em frente aos "chalets", estaciona quasi sempre um bom número de pregões, os quais oferecem a mercadoria da sorte com as maneiras mais persuasivas, e entre as quais a de acompanhar o transeunte por uns cem metros para convencê-lo a adquirir o bilhete que lhe vai segurando debaixo dos olhos. Para o transeunte que tiver pressa o melhor é desviar o obstáculo representado pela dezena de pregões que infesta as calçadas em frente às portas dos bancos lotericos, e descer para o meio das ruas expondo-se ao perigo representado pelos veículos. Assim mesmo, essas casas de perdição têm uma freguezia que faz inveja, e não sei persuadir-me como toda essa gente não chegue a perceber que não existe jogo que possa dar algum lucro.

Todos aqueles aos quais tenho perguntado por que gastam de maneira tão má o seu dinheiro, me têm respondido, mais ou menos, do mesmo modo, isto é, que não vêm outro meio de enriquecer. E pagam, no entanto, todos os dias seu óbulo às ditas casas, sempre com uma pequena esperança escondida, da saida de um prêmio que os enriqueça; e, no entanto, passam toda a vida entregando, nesses bancos, tudo aquilo que deveria representar a sua economia e às vezes, tambem aquilo que não é seu. Mas o mal que faz o jogo, de qualquer espécie que seja, não é representado somente pelo dinheiro que se perca, mas o maior mal é representado pelo descuido dos negócios principais, pelo abandono do trabalho profícuo, pelo desleixo que abrange todas as atividades, aquelas atividades que representam a única e verdadeira fonte de todo o lucro certo para o sustento próprio e da família. Pois, de fáto, si bem repararmos, vemos que o jogador não põe atenção alguma no trabalho que lhe serve para ganhar o pouco de dinheiro para o pão, pois seu pensamento está fixo no resultado do jogo a que se dedica, e não dá valor algum aos pequenos lucros diários, de poucos mil réis, que o não podem animar e fazer-lhe amar o trabalho honrado, enquanto que êle pensa que um golpe da sorte no jogo pode fazê-lo mudar de posição social de um momento para outro. E assim êle passa toda a vida nessa esperança que por único denominador tem a miséria, pois nunca vi pessoa alguma que tenha alcançado a riqueza por meio do jogo, mas ao contrário, vi muitos que foram desgraçados pelo jogo. E mesmo si quizermos admitir, num caso raro, a riqueza conseguida por meio do jogo, eu pergunto: Como

o homem poderia usar aquele dinheiro, pensando que o mesmo não fôra ganho com o trabalho honrado? Pensando que aquele dinheiro, enquanto de um lado faz a felicidade de um, doutro lado é a infelicidade de outro, isto é, daquele que perdeu? Por isso, mesmo deste lado, pela dignidade do homem, o jogo é condenavel. E isso faz-me pensar justamente naquele que achando um objeto de valor ou uma quantia de dinheiro na rua, se aposse do mesmo, envez de devolvê-lo ao legítimo proprietário, para o qual aquela perda pode ser, talvez, a causa de irremediavel desgraça. Além disso, como não se sabe ganhar honradamente o dinheiro, tambem não se sabe gastá-lo, pois gasta-se sem moderação, sem economia, sem lhe dar o justo valor, como si fosse dinheiro roubado, e tudo isso contribue sempre mais para formar a infelicidade própria e a da família.

Mas o peior é que ao lado da loteria, que é uma instituição legalizada, ha o jogo do bicho que é um jogo clandestino, e que é a praga do povo. Quanto mais ignorante é o pobre coitado, mais fiel sequaz ele é dessa achada acrobática da mente humana. Esse jogo é baseado nos números da centena do primeiro prêmio da Loteria Federal. Chama-se jogo do bicho porque se compõe de animais ou bichos, e são em número de 25, isto é, os mais comuns e conhecidos pelo povo, como gato, cavalo, cobra, etc., cada um dos quais é compreendido entre um grupo de 4 números progressivos a contar de 1 a 100. Assim, por exemplo, o grupo que vai de 1 a 4 é distinguido pelo avestrus, de cinco a oito pertence à águia, e assim por diante. Mas além disso tem outras combinações, como a dezena, a centena, o milhar, os

números invertidos, etc. e que formam, além de um jogo de azar, como quasi todos os jogos, tambem um jogo de paciência que, junto à ansiedade da espera pelo resultado do jogo, a atenção é presa durante todo o dia e, pelo contínuo cálculo mental de tirar de cada sonho ou de qualquer acontecimento notavel, os respectivos números, os jogadores acabam por tornar-se tantas cabalas ambulantes.

Mas o mais interessante é o de ser o jogo do bicho baseado exclusivamente na confiança céga, pois é proibido pela lei e a consequência é que, não gozando de nenhuma garantia, não pode ser reclamado o pagamento do eventual prêmio. O banco desse jogo, de fato, entrega apenas um pequeno pedaço de papel, de péssima qualidade, sem título, e sôbre o qual estão escritos, com lapis cópia, os números jogados. O resultado é que o jogador, uma vez verificada a saída do prêmio, não lhe resta que confiar na honestidade e na bondade do banqueiro, o qual si quizer pagar, muito que bem e senão, nada se pode fazer contra êle, pois o jogo é, como dissemos, proibido pela lei. Mas, no entanto, esse jogo é o mais próspero por ser o mais popular; é o unico jogo, talvez, que conte entre os seus sequazes com um número de mulheres, igual ao dos homens. Por isso acontece frequentemente que entre marido e mulher, um joga escondido do outro e só si um ganhar o revela ao outro conjuge com entusiasmo, mas si perder, cada um fica calado. Quem não fica calada, porém, ao fim do ano, é a economia da casa, economia que, tostão a tostão, vem a ser sempre mais e irremediavelmente comprometida.

Em virtude desse jogo, todos os dias às três horas da tarde, em frente aos bancos lotéricos formam-se grupos de pessoas que esperam ansiosas que o bicheiro escreva no quadro preto os números que do banco, ao qual está filiado, lhe comunicam por telefone. E então ouve-se murmurar: — Deu o galo, deu a cobra, etc. E' o momento mais emocionante do dia, o momento em que muitas esperanças são desfeitas para dar lugar à realidade da vida, cujo bem-estar não se deve fazer depender de uma combinação de números, não se deve sujeitar ao capricho daquela que chamamos de Sorte, pois é sabido que a sorte foi criada pela fantasia humana para dar forma às nossas ilusões e justificar os nossos êrros.

A riqueza, em torno da qual gira a cobiça do homem, não pode ser obtida mediante o jogo, de qualquer forma que êle seja. O jogo só pode fazer perder tempo, dinheiro e socego e, em todos os casos, quer se ganhe, quer se perca, é sempre daninho.

*
* *

Eu quando vejo, na hora da saida dos números da loteria, tanta gente ansiosa reunida, em religioso silêncio, em frente às casas lotéricas à espera para verificar o resultado das suas apostas, penso, não sem tristeza, em todas as energias que se sacrificam ao deus do jogo, pois toda aquela gente é gente que deixou o trabalho honesto, abandonou suas ocupações profícuas, deixou tambem seus filhinhos sem amparo, abandonou, talvez um doente em

casa, para correr naquela hora, atraida por uma miragem sobrehumana, a verificar, antes de tudo, si obteve algum prêmio no jogo!

Ai de mim, quantos fiéis sequazes tem o jogo!

# A TRISTE HISTÓRIA DE BORNANSIN

## XI

## A TRISTE HISTORIA DE BORNANSIN

A história de Bornansin é uma história que me impressionou bastante, pois êle era muito meu amigo.

Morando na mesma pensão, pude conhecer seus dotes de perfeito gentilhomen, muito respeitoso para com o seu próximo e incapaz de qualquer ofensa. Desenhista num escritório de engenheiro construtor, era inteligente, preparado e trabalhador de muita capacidade, sob qualquer ponto de vista; honesto até ao escrúpulo e merecedor, portanto, de toda estima. Mas, ai de mim, era um fidelíssimo sequaz de Bacco!

Bebia, bebia, bebia desde manhã cêdo até à noite; bebia licores, caninha, wiski, cerveja, champagne, e tudo, enfim, o que cheirasse a álcool. Trabalhava para beber e, pode dizer-se, vivia para beber.

Coitado do meu amigo; bebeu tanto que outra noite, tendo perdido a consciência pelos efeitos do muito álcool ingerido, enquanto tentava voltar para casa, caíu na rua deserta e ficou ali dormindo. Mas, para sua desgraça, veio uma tempestade que inundou a rua que se acha na parte baixa da cidade, e o meu pobre amigo Bornansin morreu afogado, conforme se pôde concluir do laudo da autópsia.

Pobre do meu amigo, era tão bom, tão meigo e sua vontade deixou-se vencer pela fraqueza da carne!

O álcool, este invento da humana sociedade é a peior calamidade do gênero humano! O mesmo Noé que o inventou, experimentou os tristes efeitos da embriaguez, pois tendo perdido o senso do pudor não cobriu as suas partes púdicas durante o sono pela narcosi causada pelo vinho bebido, e foi, por isso, posto em ridículo pelo próprio filho Cam, a quem depois amaldiçoou.

O álcool, de fáto, pelos efeitos que produz, é um narcótico para o corpo e para o espírito; êle corrompe a carne ficando, por isso, a mesma, facil preza das doenças, e corrompe o espírito entorpecendo a inteligência e fazendo, portanto, do homem um perigoso bruto irresponsável, capaz de qualquer maldade.

O alcoolatra é um homem perdido para si, para a família e para a sociedade.

É um homem perdido para si, porque é um corpo em decomposição que anda, sustentado mais pelos efeitos do álcool que pela própria vontade, a qual acaba por se enfraquecer. E', além disso, um egoista, pois pensa somente no seu corpo, nada lhe interessando o mundo exterior que é um mundo que não lhe pertence nem com as suas alegrias, nem com as suas tristezas. E é por isso que a família, os amigos, e os demais no mundo, não têm atrativos para êle, nem no amor, nem no trabalho e nem nos divertimentos. Tudo passa para segunda ordem nos seus pensamentos, pois tudo é subordinado á sêde de álcool das suas fauces, tudo fugindo à sua vontade, em consequência do que de tudo descuida e tudo sacrifica.

Acompanhae, por curiosidade, um alcoolatra nos seus passeios e vereis com precisão matemática que êle logo se dirige para a rua ao longo da qual haja o maior numero de adegas e botequins. Êle entra logo no primeiro, toma uma dose de qualquer bebida que contenha álcool, paga, acende um cigarro, pois qualquer alcoolatra é tambem um constante fumante, sai e vai andando até chegar a outro botequim. Aí repete, como num rito, o que fez no primeiro e, assim, em seguida, êle faz em todos os botequins que encontrar no seu caminho, ao fim do qual não se sabe mais si é um automato ou uma besta, pois de homem não tem sinão as feições.

O que se tem dito dos seus passeios, diga-se tambem do seu caminho para o trabalho. Aí basta entrar no primeiro botequim para que a garganta se sacie à vontade e faça do homem um bruto irrasoavel. Desde esse momento cessa para êle qualquer pensamento são: para o trabalho, para a família e para a sociedade. As horas passam e êle nem vai ao trabalho e nem volta para a própria casa onde a família, presa de tristes pensamentos, em vão espera, até altas horas da noite, a volta do seu chefe o qual, quando volta, é apenas um ser imundo e digno só de desprezo.

Mas o alcoolatra é um ser detestavel mesmo nos seus momentos sãos, pois, se por acaso lhe apertardes a mão, notareis que a mesma está molhada de um suor frio que produz arrepio: e treme de frio como uma folha, mesmo si fôr no verão. Quando está bebedo, se fala, causa nojo o fedor de álcool que exala da sua bôca e, ao mesmo tempo, verificareis que as suas palavras

são desconexas, externando pensamentos ilógicos, e em caso algum podeis ter confiança nos seus serviços.

Esses e outros efeitos podereis notar no alcoolatra, mas, todos despreziveis, que fatalmente levam o desgraçado à ruina física e espiritual.

Neste ponto eu pergunto a mim mesmo como o homem civilizado, o homem que vive depois de tantas descobertas feitas no campo da criminalogia, da toxicologia, da hereditariedade das doenças, da patologia, etc., que vive na época em que tem educado seus ouvidos à suavidade das notas musicais, que vive depois das inúmeras descobertas feitas em todos os campos da atividade humana, o "homo sapiens", digo, que neste século passa de maravilha em maravilha, não saiba dominar as fraquezas de sua pobre carne oferecendo continuadamente o espetáculo de um homem sem vontade?

Si quizerdes obter uma prova disto, consultae as crónicas policiais, ou fazei um giro a altas horas da noite, pelas ruas mais afastadas do centro da metropole e vereis quantos bebedos embaraçam as ruas; visitae os cabarés, as casas de tolerância onde as mulheres alegres fazem comércio do amor e vereis que todas elas são ébrias de licores.

Mas si não quizerdes ir tão longe, si quizerdes ser um pouco indiscretos, não precisareis senão que olhar na casa do vosso vizinho e ficareis, devéras surpreendidos em saber de quantas desgraças é causa o álcool.

Até o momento em que vós não dais atenção ao mundo em vosso redor, parece que tudo corre liso como água, mas o dia em que vós acordardes desse entorpeci-

mento, ficareis assombrados em saber que a pobre humanidade tenha podido viver por tantos séculos dessa maneira bárbara e, o que é pior, ainda continue a viver assim.

Assim, vereis que o vosso vizinho, si fôr operário, depois do trabalho entorpece os sentidos com aguardente de baixo preço, perpetrando, depois, qualquer falta, seja contra a esposa, seja contra os filhos. Si o repreenderdes, responde com convicção de que o do álcool é o seu único vício e, portanto, o seu conforto, enquanto que vós sopra na cara a fumaça asfixiante de um charuto emprenhado de ruhm.

Si, porém, vosso vizinho pertencer à classe média, à burguezia, então sua casa é servida de vinhos de marca, mas o efeito, no fim, é o mesmo que o da aguardente.

Si em último caso, o vizinho fôr mesmo rico, então a despeza aumenta: êle bebe licores finíssimos que custam 300$000 a garrafa, mas o efeito, ai de mim! reduz-se sempre ao mesmo resultado comum do álcool que não perdoa nem a pobres e nem a ricos, pois o corpo humano é feito todo da mesma matéria, seja que nele corra sangue vermelho, seja que corra sangue azul.

A humana sociedade precisa, portanto, de se educar a regras de vida menos corruptas, pois a vida não se baseia na máxima de Sardanapalo, como muitos pensam: "comei, bebei, gozai, pois todo o resto é nada" como si êste "animal grazioso e benigno" que é o homem, fosse um privilégio da natureza e pudesse passar sua vida como num fabuloso paraiso terrestre, sem distinguir o mal do bem. Não. A vida consiste tambem em repa-

rar no que faz mal e no que faz bem, em fugir do que é nocivo e em persistir no que é útil; consiste, isto é, em seguir os princípios sãos, pois tudo o que não é útil à saúde, é nocivo, e o "homo sapiens" si quizer ser digno desse apelido, deve saber impôr em todas as suas ações, a vontade de triunfar sobre as fraquezas da carne.

*

*     *

Eu, porém, quando vejo um bebedo cambalear, lembro-me do meu pobre amigo Bornasin e, com muita tristeza, penso que o mundo está cheio de Bornansins.

# O HOMEM, VOLUTÁRIO PRISIONEIRO DA CADEIRA

rar no que faz mal e no que faz bem, em fugir do que é nocivo e em persistir no que é útil; consiste, isto é, em seguir os princípios sãos, pois tudo o que não é útil à saúde, é nocivo, e o "homo sapiens" si quizer ser digno desse apelido, deve saber impôr em todas as suas ações, a vontade de triunfar sobre as fraquezas da carne.

*

* *

Eu, porém, quando vejo um bebedo cambalear, lembro-me do meu pobre amigo Bornasin e, com muita tristeza, penso que o mundo está cheio de Bornansins.

# O HOMEM, VOLUTÁRIO PRISIONEIRO DA CADEIRA

## XII

## O HOMEM, VOLUNTÁRIO PRISIONEIRO DA CADEIRA

No estabelecimento metalúrgico X a Assistência Policial foi chamada às pressas para socorrer um operário que sentia fortes dôres de estômago. Depois de uma consulta sumária o médico disse que o caso era grave e que era preciso levar o doente imediatamente para um hospital, afim de ser operado logo.

Eram quatro horas da tarde quando o operário foi levado para o hospital e às sete horas já tinha sido operado. O médico, logo que tinha posto a nú o saco do estômago, notou para sua grande surpreza, que o feijão que o paciente tinha comido no almoço, estava espalhado na parte externa do estômago, dos intestinos e nas cavidades internas do abdomen. Nem é necessário dizer que as paredes do estômago estavam bastante furadas, e que esse é um caso inédito, pois o paciente naquele estado, não só tinha comido, mas tinha tambem ido trabalhar.

A operação foi bem sucedida, e o paciente, depois de um regular periodo de curativos voltou ao trabalho.

Depois de cerca de um ano de trabalho, isto é, do mesmo trabalho de antes, trabalho sedentário, pois êle era estampador sobre metal, e esse serviço faz-se sentado, teve que submeter-se novamente e pela mesma doença, à intervenção cirúrgica.

Foi feliz na operação tambem dessa vez e voltou ao trabalho como antes.

Depois de mais um ano de trabalho, a mesma doença reapareceu com as mesmas dôres lancinantes, e o coitado do operário, pela terceira vez, teve que submeter-se à intervenção cirúrgica. Pela terceira vez seu físico forte e o valor do cirurgião venceram, ficando disso muito surpresos não só o médico e o paciente, mas tambem quantos vieram a saber desse caso, que, como se disse antes, é inédito.

Nessa terceira vez, porém, o médico, com receio de a doença reaparecer uma quarta vez, e não querendo desafiar novamente nem a sua grande competência na arte de Esculápio e nem a surpreendente vitalidade do corpo do paciente, aconselhou a este mudar de oficio e fazer um serviço que lhe permitisse ficar o mais possivel de pé e de andar muito e, enfim, mudar de regimen de vida para vêr si seria possivel conseguir dessa forma algum resultado.

São cinco anos que o operário deixou do emprego sedentário e nunca mais sofreu do estômago.

*

* *

Esse caso faz-me refletir que, com efeito, o homem do vigésimo século é mesmo prisioneiro da civilização que

êle mesmo criou. Sim, prisioneiro voluntário, si quizerdes, mas prisioneiro sem esperança de poder alcançar, um dia, seja mesmo longínguo, a liberdade.

Parece um absurdo, mas é a simples verdade!

O homem tem de comum com os seres inferiores a propriedade de locomover-se, mas êle, com sua inteligência tem estudado tanto até que conseguiu, pouco por vez, privar-se quasi por completo dessa faculdade.

E assim vemos o homem fazer tudo, menos andar.

Até poucos anos ia-se a cavalo, e mesmo que os pés ficassem inativos, a equitação oferece certos movimentos que, muitas vezes, cançam mais o cavaleiro que o cavalo. Agora, porém, o cavalo foi banido da cidade para o campo, ou foi preso à carroça, e o homem, ficando no assento da mesma, desde manhã até a noite, para guiá-lo, perdeu todo movimento.

Antes, o arado era puchado por bois e o homem, para guiá-los, era obrigado a seguí-los passo a passo, e quando estavam cançados os bois, estava cançado tambem êle. Agora, porém, são grandes tratores que pucham o arado, e o homem apenas fica sentado comodamente ao volante.

Mas hoje, mais a mais, são todos chauffeurs e não é por nada que um filósofo afirmára que este é o século dos chauffeurs. Guia-se o automovel por esporte, guia-se por amadorismo, guia-se como profissional. Hoje percorre-se o mundo em todos os sentidos, como nunca, mas são as máquinas que se locomovem, em quanto que o homem só fica sentado, quasi imovel, servindo-se apenas de algumas alavancas.

Há coisa mais veloz do que o aeroplano que atravessa os céus em todos os sentidos, que encurta as distâncias como só em sonho se podia imaginar? Não. Mas, no entanto, o homem que foi o seu inventor e é o seu guia, não faz senão ficar sentado, sempre sentado. Pois bem, escusai, mas eu digo-vos numa orelha, que toda esta gente dá-me pena, muita pena! Ela, fiel executora dos achados da civilização, é ao mesmo tempo sua escrava. Imaginai como é humilhante ser escravo duma cadeira, seja ela colocada numa carroça puchada por cavalos ou num carro a tração mecânica, ou mesmo numa máquina voante. Imaginai o homem gastar todas as suas energias, toda a sua inteligência, passar, em suma, toda sua vida sentado numa carroça, num automovel, num aeroplano, ser fascinado pelo ruido contínuo das rodas deslizantes sobre a fita branca de uma interminável estrada ou pelo ritmo dum motor, músicas estas que, se entusiasmam e prendem, em suma, toda a atenção do homem moderno, comprometem, porém, a sanidade do seu corpo.

Mas o cúmulo da vida sedentária nota-se nas grandes cidades.

Aquí se começa a aprender a ficar sentado desde menino, nos asilos de infância e, à medida que se vai crescendo nos anos, aumenta tambem o número das horas em que se deve ficar sentado. E dessa maneira chega-se a ser perfeito sedentário na idade em que se entra nos opifícios, nos quais podeis observar, nos salões com cem metros de comprimento, em redor de mezas do mesmo comprimento, centenas e centenas de pessoas, atender, todas sentadas, ao trabalho. Podeis vêr nos escritórios

em redor de longas fileiras de escrevaninhas ou de máquinas de escrever, pessoas sentadas desde manhã até à noite, atendendo ao trabalho, trabalho que é aquele de todos os dias e que pode ser de toda a vida.

Pobre humanidade! Pobre civilização!

O homem, na inquieta procura da perfeição decai, e na procura da felicidade, perece.

Observai um momento quantos sacrifícios fazem os pais para criar sadios e fortes os filhos e dar-lhes uma instrução que lhes permita ganhar a vida com o trabalho menos pesado possivel, e podereis constatar que muitos rapazes, depois de longos anos de estudos que fazem tendo em vista um porvir melhor, ai de mim! nem chegam à maior idade por causa de terem estragado a saúde nos ditos estudos. Êles, tirados, quais livres aves, à vida sã que a natureza lhes deu, vida de movimento ao ar livre, são constrangidos a ficarem por diversas horas sentados nas incômodas carteiras, nas jaulas, que são as aulas escolásticas, a meditar em silêncio e freiar o ritmo natural do coração, ritmo que para ser certo precisa que seja facilitado pelo movimento dos diversos membros. E adoecem e perecem. De fato, é da falta de movimentos adequados das articulações do corpo que se originam quasi todas as doenças do sistema circulatório, doenças conhecidas pelo nome de doenças do urbanismo.

A vida ativa de hoje se desenvolve quasi que exclusivamente sentada, ou com poucos movimentos: Observai os operários metalúrgicos e vereis que quasi todos ficam sentados em frente à máquina em que trabalham. Observai o comércio, e vereis que quasi todos os empregados, por falta de compradores, ficam boa parte do dia,

quer sentados, quer em pé, parados com os braços cruzados, cançados e aborrecidos. O único movimento que o corpo faz, é o de aspirar o fumo do cigarro, e esse movimento, creio, seja mais uma necessidade de ajudar a circulação do sangue de que uma necessidade de satisfazer ao vício do fumo. De fato, alguns fumantes afirmam que o fumar depois das refeições, ajuda a digestão. Nada mais errado. Não é o tabaco que produz tais efeitos, mas o movimento mecânico forçado que os pulmões fazem em aspirar e em emitir a fumaça, movimento esse que comprimindo e estendendo as paredes do estômago o estimulam à secreção dos sucos gástricos necessários à digestão. Fumar, nesse caso, é uma necessidade.

Observae, portanto, as pessoas que trabalham no comércio e vereis que elas ou são gordas ou magras de mais; em ambos os casos se notam os defeitos do sistema circulatório, isto é, do recâmbio; ácido úrico, ou albumina. De tudo isso vê-se que a civilização caminha para o depauperamento da raça humana e se nota que o homem com a sua inteligência, em vez de melhorar as suas condições de vida, piorou-as, e se antes era escravo dos seus semelhantes, hoje é escravo do seu progresso, e se não conseguir racionalisar o trabalho e não o alternar com o esporte, creio que será mesmo de temer pela sanidade da raça humana.

# A ODISSÉIA DO DESOCUPADO

## XIII

## A ODISSÉIA DO DESOCUPADO

No dia 3 de setembro do ano de 1930 Sérius, chefe de contabilidade do estabelecimento comercial X, foi chamado ao gabinete do Diretor e lhe foi comunicado, com palavras cheias de hipocrisia, que, devido à crise, sempre mais grave, com muito pezar e contra sua vontade, a Direção era obrigada a dispensá-lo por tempo indeterminado.

Assim, depois de cerca de 15 anos de serviço continuado naquele estabelecimento e com a idade de 40 anos, êle, empregado sério, honesto, trabalhador, de toda capacidade, via-se dispensado, ou, como diz o povo, posto na rua, sem a mínima consideração, sem economias e com a mulher e 3 filhos menores a sustentar. Um desespero, que nunca tinha provado em sua vida, apoderára-se dêle; tremia em todo o corpo sem poder articular uma palavra de resposta ao diretor, e muitos pensamentos lhe turbilhonavam na cabeça, pensamentos prospetivos do ignoto amanhã.

Esses são momentos tristes e quem não os tem provado não pode imaginá-los, momentos que deixam um

traço indelevel na vida do homem; momentos em que o homem, essa máquina pensante, pode ser facil presa da loucura.

Por diversos dias, sua única pergunta, a si mesmo, era a seguinte:

O que farei para ganhar o pão para mim e para minhà família?

O que farei?

Esta pergunta apresentava-se-lhe como um espetro indefinivel a todo momento!

O que farei? Perguntava-se êle e muitos outros milhões de homens no mundo. Pergunta lógica, natural, mas inútil, pois, na maior parte dos casos, sem resposta.

Todavia, se uma resposta pudesse dar-se era a de que procurasse emprego noutra casa, e o problema poderia ser, assim, considerado resolvido. Muito lógico, mas onde, si quasi todas as casas industriais e comerciais se achavam nas mesmas condições, mantendo poucos operários e apenas algum empregado de escritório?

Nos campos? Inutil pensar, pois estavam todos desertos. Nas construções urbanas? Pior ainda, pois não se construia mais... já tudo estava construido. Tudo enfim estava feito, tudo descoberto, tudo produzido, tudo criado em todos os ramos da atividade humana! Nada mais havia por fazer. Parecia que se tinha chegado à perfeição e à fartura, pois não faltava nada. Os armazens estavam cheios de tudo que é bom, e a copiosidade dêsse bem por falta de compradores, mudava-se em miséria.

Era um absurdo, um paradoxo, mas era assim: a fartura das matérias primas, dos produtos agrícolas, dos ma-

nufaturados, etc., em vez de representar riqueza, como logicamente deveria ser, agora representava só miséria.

Antes era a falta de um produto que representava justamente a miséria; agora ao contrário era a fartura que a representava e, para fazê-la passar à história com um nome que melhor a justificasse, deram-lhe um nome como a um cometa, desses que aparecem sem prévio aviso, no nosso céu, atemorizando a gente, e chamaram-na de crise.

Crise do que?

Cada um a qualificava segundo o próprio ponto de vista: alguns chamavam-na de crise económica, outros de crise de trabalho, outros de crise financeira, e assim por diante, ninguem dando-se por achado com a qualificação do outro, mas os fatos têm provado que o que faltava era apenas o dinheiro, isto é, o ouro, o nobre metal, que, parecia ter desaparecido do mundo, pois quem o possuia o deixava bem guardado nos subterrâneos dos grandes bancos, enquanto que quem tinha mercadorias, só queria trocá-las por dinheiro.

Nessas condições, as posições ficavam invariadas e quem sofria, no entanto, era o povo, que para viver precisava trabalhar, e dêle, ai de mim! ninguem se lembrava.

Sérius era um do povo, um trabalhador do comércio, um desses que estão colocados na metade da escada social, que passa sob o nome de classe média. Êle não tinha o dinheiro para pertencer à classe alta e não podia ficar naquela baixa por possuir alguns dotes, um preparo que o distinguia daqueles com os quais tinha de comum a origem.

Êle, pertencendo à classe média, com os onus próprios da mesma, tinha tambem uma norma de vida proporcionada à mesma, norma que não podia suprimir sem deixar tambem um pouco da sua própria dignidade. Mas continuar nessa norma de vida, com os meios que, de repente, vieram-lhe a faltar, não era mais possivel, pelo menos honestamente. Assim, êle, que era honesto, pensou ser preciso jogar bastante água fria sobre o seu grau de vida, começando, portanto, a suprimir tudo o que passava sob o nome de divertimento. As noites de cinema foram portanto, suspensas; o mesmo aconteceu às de teatro e de qualquer outro lugar de diversões onde a entrada é permitida somente mediante a apresentação de notas do tesouro nacional. Agora, isto é, quando era necessário, só viajava de bonde ou de trem, conforme as distâncias e as necessidades, alternando isso com longos trechos feitos a pé. Os bares, ou outros lugares de gêneros desnecessários, foram considerados fechados. Os vestidos, os sapatos e todo o vestuário enfim, foi reduzido muito em quantidade e em qualidade, e assim para todas as outras necessidades da vida, pois, no mundo, não é preciso ser rico, mas é preciso viver, viver honestamente, com parcimonia, com modéstia e tambem estoicamente, pois tambem no estoicismo o viver tem sua parte de felicidade, e é sabido que vive tanto o rico com os seus milhões, quanto o pobre com apenas um pão para matar a fome. A dificuldade está toda em saber temperar com uma boa disposição de ânimo a frugal mesa e fazer calar os insanos desejos de possuir as riquezas dos outros; consiste em sufocar os sentimentos egoísticos escondidos no fundo da alma humana, em pensar, enfim, que a rique-

za não forma a felicidade de ninguem, mas que pelo contrário é a causa principal de muitas desgraças, para o rico e para o pobre! A é para o rico por haver êle constatado que a riqueza não lhe trouxe a felicidade que esperava; a é para o pobre porque não pode conseguí-la. A felicidade portanto, deveria consistir, e creio que consista no justo meio termo, isto é, em desejar a riqueza e trabalhar para obtê-la com todos os esforços, mas não chegar ao ponto de ficar escravo da mesma, e, si ela não vier, não perder, por isso, a calma em procurar qualquer meio para conseguí-la.

Passavam, no entanto, os dias, passavam as semanas e os meses, e Sérius não podia arranjar uma colocação que fosse de acôrdo com as exigências de sua posição social. E as privações nos divertimentos, no vestuário, etc., não significavam a solução do problema, solução que se apresentava sempre mais urgente, pois existem coisas na vida que não podem ser suprimidas sem serem prejudiciais à saúde da pessoa, e esse é o caso mais triste que se pode apresentar numa família. Esse, infelizmente, foi o caso que se apresentou a Sérius: uma sua filhinha, a maior, com a idade de doze anos, adoeceu de um desses males das crianças conhecidos sob o nome genérico de anemia, doença que precisa de longo tratamento e, portanto, de fortes recursos econômicos, recursos que agora faltavam na casa de Sérius.

A menina, emagrecia cada dia mais!

Muitas dividas foram feitas para o seu tratamento, dívidas que ficaram insolvidas; foram pedidos auxílios a diversas casas filantrópicas, mas tudo foi insuficiente,

pois o mal, pelas longas privações, estava muito adiantado.

Tudo foi inutil e a morte colheu mais essa flor que foi aumentar o número das vítimas da crise económica ou do trabalho.

Sérius chorou muito a morte da querida filhinha, morte cuja culpa êle atribuia a si mesmo, pois pensava, justamente, que a fraqueza de sua vaidade em não aceitar qualquer serviço que diminuisse seu prestígio social, o tinha privado dos recursos necessários para salvar a saude da filha, quando ainda estava em tempo.

Perseguido constantemente por esse remorso e continuando desempregado, uma manhã, em que seu desespero era de mais, foi à Estação da Luz, adquiriu uma passagem de segunda classe e foi para Santos.

Andou muitos dias antes de encontrar uma colocação. E' muito dificil encontrar uma colocação para quem não tem um ofício definido, e êle achava-se mesmo nessas condições. A sua era uma posição embaraçosa: não podia empregar-se numa indústria metalúrgica, não sendo mecânico; não podia empregar-se numa tecelagem, não conhecendo o que é um fuso; em suma, o seu caso era mesmo sério! Que fazer? Depois de muito virar, um dia parou em frente a um caes e ficou olhando os estivadores que em fileira indiana descarregavam o carvão de um navio. Olhando aquele vai vem, pensou que, forte como era, podia tambem êle fazer aquele serviço e, mesmo com a intenção de deixar à santa memória da filha toda a vaidade da dignidade de sua antiga posição social, como um ato de grande humilhação neste vale de lágrimas, foi pedir serviço. O sinal que distingue esses trabalhado-

res é aquele de ter as pestanas sempre tintas de preto, como as mulheres turcas, e como tal sinal faltava em Sérius, via-se bem que êle era um novato. Por isso os companheiros de trabalho começaram a caçoá-lo, dizendo-lhe que sua cara precisava de pó de carvão para honrar aquela classe de trabalhadores. Sérius para contentar a todos e não ser aborrecido mais sujou-se as mãos com pó de carvão e passou-as na cara, mudando, por isso, logo de fisionomia, não se notando, portanto, nem o vermelho que, de princípio lhe vinha de vergonha e nem a côr amarela para o debilitante esforço físico a que, pela primeira vez, se submetia. Mas desses dois males, um moral e outro físico, logo sarou. Do primeiro, isto é, do moral, sarou logo, pois pensava que cada trabalho quando honesto, não é vergonha, mas pelo contrário, todos os trabalhos são bons quando dão o pão para viver. Do segundo sarou um pouco mais tarde, isto é, quando por fôrça da prática o corpo ficou treinado naquele trabalho.

Todas as vezes que vestia a blusa azul, própria para o serviço, a primeira coisa que fazia, era tingir-se a cara com o pó de carvão, e isso não para confundir-se entre os seus companheiros, mas para dar à sua cara de pessoa de trato, um semblante de robustez e rusticidade perante a gente que, quasi sempre, se junta no porto para apreciar o descarregamento do carvão, e evitar, sob aquela máscara negra, que a gente dissesse: coitado!

A piedade alheia é a coisa que mais pode humilhar uma pessoa, e esse sentimento era muito profundo no espírito de Sérius: era sinal do seu orgulho e da sua força. Força e orgulho, requisitos dos homens decididos, requi-

sitos que prometem bem para o porvir de um homem e tambem para o porvir de um povo.

Gente ha que sucumbe pela vergonha de se sentir menosprezado em assumir um emprego, um tanto modesto, enquanto que depois, não mostra a mínima hesitação ou repugnância em aceitar os auxílios de alguma mão invisivel e, mais tarde, em estender tambem a mão para uma caridade.

Essas são as verdadeiras misérias humanas, aquelas que fazem perder a verdadeira noção da vida, ou seja o benefício imenso da dignidade de homem.

Sérius era forte de espírito e de corpo e, desafiando o mundo, tinha começado a enfrentar com todo o ânimo todos os obstáculos que o mesmo lhe pusera na vida.

O trabalho de estivador, força é dizê-lo, nunca foi um bom trabalho, como não é uma bela vida aquela do guerreiro, mas tem como esta os seus episódios, os seus heroismos. Sérius, por exemplo, mostrava toda a sua admiração por aquele que carregava duas cestas, e ficava comovido quando via alguem cambalear sob o peso de apenas uma cesta, ou quando via alguem sair da fileira e cair exausto no chão, ou quando, não raro, alguem escorregava e caía sob o peso da cesta cheia.

Pequenos episódios estes que enobrecem e santificam o caminho do trabalho e que dignificam sempre mais a vida, episódios que falam a linguagem imortal da honra do trabalhador.

Sérius pouco tempo ficou nesse emprego, o bastante que lhe permitiu ganhar algum dinheiro que lhe desse o tempo para poder volver as suas atenções para algum trabalho menos pesado e mais próprio para as

suas capacidades físicas e intelectuais. Mas a sua permanência nesse trabalho, embora breve, foi-lhe suficiente para conhecer o heroismo dos estivadores, trabalho que, quando êle se achava na fileira, o induzia a pensar, não sei por qual analogia, à escravidão. E despedindo-se teve um momento de emoção através de um sentimento de solidariedade para com todos os companheiros que deixava e que teria querido levar consigo para instruí-los numa concepção de vida menos baixa.

Seu novo emprego não era nem menos bruto e nem mais elevado no grau da escala social, mas tinha muito mais responsabilidade: era montador de automoveis.

O sistema é puramente americano e consiste na armação de máquinas no sistema de montagem à cadeia e que, mais ou menos, se desenvolve da seguinte maneira: Sobre um trilho ou guia movel, se armam os automoveis e cada dois operários, isto é, um à direita e outro à esquerda da guia, têm uma ocupação diferente daquela de todos os outros. Enquanto os dois primeiros operários, por exemplo, se encarregam de colocar as rodas trazeiras, outros dois se encarregam de colocar as dianteiras.

Enquanto isso, a máquina conduzida pela guia móvel avança para a frente, onde duas compridas fileiras de operários se encarregam de colocar as diversas peças de que se compôe o automovel. Todas as operações têm os minutos de duração calculados, de maneira que logo que se acabe de colocar, por exemplo, uma roda, se apresenta outra máquina à qual precisa ser colocada outra roda, e, assim por diante, durante todas as oito horas de trabalho, durante as quais deve ficar pronta uma máquina em cada 10 minutos, fazendo isso ironicamente

pensar naquele mote de que o porco entra vivo de um lado da máquina de moer carne e sai linguiça do outro.

A Sérius, se o trabalho dos estivadores dava apenas uma vaga idéia da escravidão, aquele de montar automóveis, deu-lhe a certeza disso, mostrando-lhe a realidade no seu aspecto brutal, que tira a vontade e embrutece o homem, conforme disse Platão, quando cedido por Dionísio, o Velho, como prisioneiro de guerra ao embaixador de Sparta, experimentou a vida de escravo.

Nesse ofício o homem torna-se u'a máquina e, se a matemática não falha, verifica-se que numa hora deixam a oficina 6 automóveis prontos; num dia, considerando 3 turnos de 8 horas, isto é, 24 horas, 144 automóveis; num mês, calculando 25 dias úteis, 3.600; num ano o número sobe a 48.000, número respeitavel, como se vê, que pode, contudo, ser duplicado, triplicado, conforme o número de secções de montagem dos carros, podendo subir os automóveis a uma cifra fantástica, isto é, à super-produção.

Tudo isso parecia a Sérius um bêco sem saída, pois via que o homem, tornando-se máquina, tinha acabado o escopo da vida, tinha traído os princípios da humanidade, os quais presupõem, antes de tudo, a vontade, a qual, com aquele sistema, vinha a ser suprimida.

Civilização, progresso!... Palavras sem significação!

Se a civilização fôr entendida em tal sentido, isto é, em ser o homem não mais escravo do homem, mas da máquina que êle mesmo construiu, deve concluir-se que isso não pode mais chamar-se nem mesmo regresso, mas, simplesmente, suicídio.

Ironia! Existem sociedades protetoras dos animais, no entanto a civilização ainda não achou a maneira de proteger o homem dos trabalhos deshumanos! Existem tantas maneiras de regular a produção e, sob os olhos dos higienistas e dos humanitaristas se permite que o homem seja assegurado ao trabalho como o boi ao jugo!

Sérius ficou um mês inteiro nesse emprego, sem ter apreendido nada de novo no ofício, que consistia, exclusivamente, em apertar as porcas dos parafusos que seguram as rodas do carro. Trabalho em série, trabalho em que a única habilidade consistia na rapidez. Por isso, Sérius foi embora, não obstante êsse serviço fosse bem remunerado, e fez bem, pois cada trabalho, além de ser bem remunerado, deve tambem enobrecer a alma do homem pois não se vive só de pão; o homem precisa dar à vida um fim, mais ou menos nobre, sem o qual se converte em besta, deixando de cumprir sua missão civilizadora no mundo.

Sérius não perdeu tempo em procurar-se um novo emprego, o qual marcaria para êle uma nova etapa na luta pela vida, um outro degrau na escala dos valores humanos; e em cada emprego, ao mesmo tempo que deixava cair uma velha e querida ilusão, adquiria uma nova experiência que lhe permitia olhar sempre com mais confiança no futuro, que lhe ia sendo sempre menos obscuro, pois suas forças física e moral, sua abnegação, sua vontade, eram sempre mais sólidas, temperadas na escola inesgotavel dos sacrificios de cada dia.

Mudava frequentemente de emprego, não porque fosse um vagabundo inimigo do trabalho, não. Mas porque cada novo ofício lhe dava uma nova noção da vida,

metia-lhe no espírito um novo incitamento para conhecer sempre mais o mundo, este grande desconhecido que, mais que de esperanças e desilusões, é feito de injustiças e de hipocrisia. Mas conhecendo sempre mais os homens e as coisas, êle recebia disso tambem um novo impulso para subir sempre mais alto nos valores da escala social de onde tinha descido tão repentinamente, um pouco pela sua ingenuidade e mais pela malvadez dos outros em que tinha posto toda sua confiança.

*

* *

Assim, Sérius, por fôrça de vontade, de inteligência, de sacrifícios e de experiência, subia cada vez um degrau, do qual não desceria mais por nenhuma força do mundo. Mas quantos ofícios êle tenha experimentado ninguem sabe, podendo-se bem dizer que tenha passado por todos, e cada um desses ofícios, representava, para êle, um novo espinho à sua corôa de sacrifícios, da qual lhe vinha uma força irresistivel que se irradiava em todos os sentidos, dando-lhe ânimo para enfrentar com mais confiança o ignoto futuro.

A crise ficou sendo uma doença crônica do mundo, mas Sérius, com as suas fôrças física e moral, a venceu e pode assegurar-se que por toda sua existência, nunca mais a temerá, pois não existe crise para quem não escolhe trabalho.

# A POESIA COMO A ENTENDIA UM MEU AMIGO

## XIV

## A POESIA COMO A ENTENDIA UM MEU AMIGO

Tinhamos frequentado juntos as aulas da faculdade de Direito; tinhamos morado na mesma pensão; tinhamos estudado, pode dizer-se, no mesmo quarto; comido à mesma mesa por todos os longos anos da faculdade. Conhecia, portanto, todas as virtudes, como tambem todos os vícios, do meu amigo e colega. Conhecia sua correspondência erótica com a moça do prédio de frente, pois, o meu amigo, gostava de ter a namorada pertinho de casa, talvez porque êle fosse caseiro, como de resto, o são, um pouco, todos os estudantes, pela razão de serem obrigados a ficar a maior parte do tempo em casa para estudar. O seu fraco, porém, era a poesia e todas as vezes que eu ia ao seu quarto, êle me declamava sempre um novo soneto escrito pouco antes.

Eu apreciava muito a sua veia poética, mas, como notava que êle se entusiasmava muito pela poesia e, para evitar que esta prevalecesse em seu cérebro, em detrimento do Direito, fiz-lhe um dia esta advertência: — Vejo que tens bastante sentimento, mas, francamente,

sinto muito que tu desperdices a inteligência com a poesia que, como bem sabes, nunca deu pão a ninguem.

"Carmina nón dant panem" respondeu êle, sei-o demasiado, mas... que devo fazer? Eu sou como o sabiá ou, melhor, como a cigarra, canto por cantar e si não canto, morro, como dizem os napolitanos, pois em tudo o que está em meu redor eu sinto a sensação do vácuo terrivel e oprimente, sinto a caducidade e o nada, em suma, das coisas, dos seres e de todo o mundo que para os outros é cheio de maravilhas, não tenho compreensão. Sinto um mal-estar, sinto que a vida é triste e monótona, que é emprenhada do mais baixo materialismo e das mais degradantes torpezas humanas, privada de toda a beleza e do romantismo que são os únicos encantos da vida e porisso sinto necessidade de criar para mim um outro mundo diferente, muito diferente, fantástico, irreal, no qual possa satisfazer os sentimentos que não se acomodam com a realidade da vida nas três funções: comer, dormir, trabalhar.

Nós, ao contrário, para sermos dignos do nome de homem, devemos criar-nos um outro mundo, um mundo artificial, que nos dê um ideal sobrehumano o qual nos faça sentir mais intensamente o amor pela vida. Uma pintura que seja apenas o retrato fiel da natureza, não pode ter valor de pintura, pois na pintura devem sobressair os atributos da arte, que consistem, justamente, em fazer ressaltar o lado belo ou feio, o lado alegre ou triste, o heróico ou o abjeto, a grandeza ou a mesquinhez das coisas, pois, na realidade, é tudo bem mesquinho e isso não pode satisfazer os nossos sentimentos.

Se reparamos bem, no mundo são todos um pouco poetas, pois que ninguem se contenta de viver a vida

conforme exigiria a simplicidade da natureza. Olhemos, por exemplo, o dono de uma indústria metalúrgica e veremos que a sua indústria, por quanto florescente, não o contenta inteiramente e, nas horas de repouso não descança, não dorme, seu cérebro trabalha para criar outro artigo; êle pensa em ampliar suas oficinas, pensa de vêr trabalhar mil máquinas em vez de cem; quer ter às suas ordens dez mil operários em vez de mil; deseja inundar o mercado com os artigos de sua fabricação, etc. Pois bem, êle não cria nem deseja tudo isso para satisfazer as suas necessidades materiais, pois isso podia existir no primeiro tempo, mas agora tudo é fruto da fantasia que quer alargar os seus horizontes, pois a vida, como é, não lhe é suficiente e precisa olhar além do presente, além da realidade, na procura do fantástico. E esta se chama poesia das máquinas.

Olhemos para o latifundiário e notamos logo que suas propriedades não bastam para satisfazer a sua fantasia e êle procura adquirir sempre mais vastas possessões para afinar sempre mais seu olhar na imensidade dos campos, isto é, dos seus campos; para vêr com satisfação o gado multiplicar-se nêles; para vêr a seára movimentar-se como as ondas do mar, os cafezais competir com as grandes florestas, as plantações de algodão estender nas planícies um interminável lençól branco como a neve... Esta é a poesia dos campos!

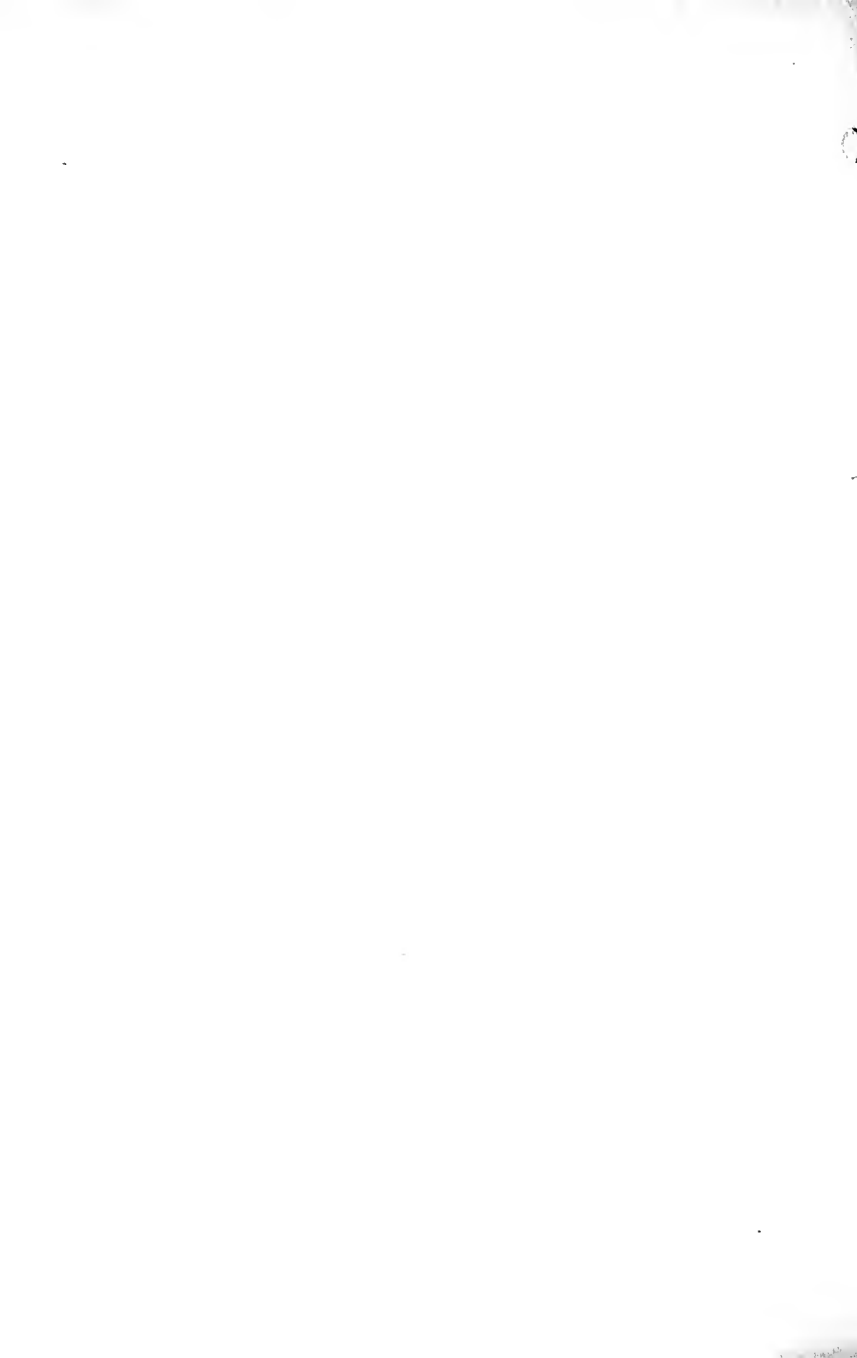
No homem político, sem campos e sem oficinas, notamos que sua miragem é, em princípio, de governar sua cidadela nativa, depois sua província e, mais tarde, toda a nação; e, se lhe fosse possivel, todo o mundo, pois a sua fantasia não tem limites.

O mesmo diga-se do general de exércitos, o qual desejaria mandar em todos os exércitos do mundo; diga-se do advogado, aquele que serás tu, que aspirará a ser o príncipe do foro; do médico que quererá ser um novo Esculápio do mundo... e, assim por diante, pois a realidade põe medo a todos, e a vida sem arte e sem romantismo, sem a ilusão, em suma, sem o irreal, é impossivel. Mas eu, continuou o meu amigo, não posso ser nem advogado, nem médico, nem comerciante, nem político, nem industriàl e nem latifundiário; não posso ser nenhum desses, mas posso sê-los um pouco todos juntos, modelando-os a meu capricho, pois assim, como êles são, não me servem, porque eu preciso vêr as coisas muito difedentes de como elas são. Eu preciso pensar, por exemplo, que além daqueles montes, além daquele mar, haja coisas diferentes das que se acham em meu redor; preciso imaginar que o céu seja mais azul do que este que está sobre a nossa cabeça; preciso iludir-me de que o mar seja mais verde e preciso, principalmente, enganar a mim mesmo de que a gente de além mar e de além montes seja mais feliz ou que, homens e coisas, sejam todos o contrário, que não sejam, em suma, iguais aos que estão aqui.

E, mais convencido do que antes, o meu amigo concluiu com os célebres versos de Carducci:

Il poeta,
o vulgo sciocco,
un pitocco non è già,
il poeta
è un grande artiere...

* *
*

Muitos anos passaram e não vi mais o meu amigo poeta, mas quanto mais tempo passa, mais frequentemente me lembro dêle. Lembro-me dêle e penso que tinha razão! Penso que a vida, como é, é impossivel, é triste, muito triste e que para ser vivida condignamente, é necessário olhá-la mesmo através do caleidoscópio das ilusões, conforme a imaginava o meu amigo.

# SI
# ARREBENTAR
# A GUERRA

## XV

## SE ARREBENTAR A GUERRA
## (SETEMBRO DE 1938)

As cousas na Europa não andam muito boas. Todos os povos estão descontentes, todas as nações vêm nas suas vizinhas ameaças presentes e futuras e todos são, porisso, levados a se armar, e as forças armadas engrossam dia a dia. Aos discursos de uns governantes seguem os discursos de outros, referentes à necessidade de se armar para estarem prontos a qualquer momento.

Os jornalistas, no entanto, na necessidade de fornecer notícias sempre mais sensacionais, juntando comentários e boatos os mais alarmantes, acabam por formar aquilo a que chamam psicose da guerra.

A guerra, portanto, na opinião de muitos é uma coisa fatal, que pode rebentar de um momento para outro. Muitos pensam até que seja inevitavel pois, dizem, quasi acertando, que as armas que foram fabricadas só podem servir a um fim: a guerra. Muitos pensam que todos esses milhões de homens que foram instruidos na arte da guerra, não podem senão querer a guerra e, portanto, destruir-se com a guerra. Muitos pensam que,

porquanto essa ameaça esteja longe do Brasil, a guerra é sempre uma calamidade para toda a humanidade e, portanto, condenavel. Muitos pensam nela com pavor, horrorizados, e estes são aqueles que pensam certo. Mas, ai de mim! não são poucos aqueles que pensam na guerra com entusiasmo, com um prazer louco, tendo-a como uma âncora de salvação para os seus desejos infames e sonham com a guerra como sonhariam com uma namorada. Estes são os comerciantes!

Se a guerra arrebentar, dizia-me um comerciante de gado, logo eu ficarei rico, e, assim dizendo, os seus olhos brilhavam de contentamento. Si a guerra arrebentar, continuou, em breve eu não precisarei mais trabalhar, porque todo esse gado que eu tenho para engordar (tres mil cabeças), em vez de vendê-lo a Rs. 300$000 venderei a Rs. 800$000 a cabeça, pois por força da guerra nós nos tornaremos fornecedores das nações beligerantes e por aquilo que nos custa 10$000 cobraremos 30$000 ou mais.

Se a guerra arrebentar? Ai de nós, que calamidade!

Tinham razão na Europa quando chamavam os ricos da guerra com o apelido de peixes-cães, pois aqueles, como estes, só podem dar seus botes na desgraça dos outros.

Se a guerra arrebentar, ó meu triste e cínico semelhante, e tu construires a riqueza sobre a desgraça dos outros, como ardentemente desejas, tu não merecerás chamar-te ainda homem, pois nunca mais serás digno de tal nome. O teu nome será apenas de fera humana, de chacal, ó tristíssimo semelhante meu.

Se a guerra arrebentar!... e tu tirares a riqueza de dentro do sangue daqueles que forem mandados à morte, tu te tornarás inferior ao abjeto Thenardier, tristíssima figura, magistralmente descrita pelo grande Vitor Hugo no seu famoso "Os Miseraveis". Mas o sr. Thenardier perante ti torna-se herói, pois êle, pelo menos, tinha de acompanhar os soldados aos campos de batalha para despojá-los dos seus bens quando estivessem mortos, enquanto que tu ficarás aqui, longe dos rumores da batalha, sem nem arriscar tua inutil vida.

Se a guerra arrebentar!... tu não deves pensar que ela poderá ser um motivo para aumentar a tua riqueza, com a qual te queres tornar poderoso perante os humildes e, portanto, mais feliz. Antes disso deves pensar que enquanto cresceria tua felicidade, aumentaria a infelicidade dos outros. Deves pensar que enquanto tu juntarias dinheiro, muitos outros, ainda moços, sucumbiriam em violentos combates; deves pensar que cada tostão que acumularias a mais, seria um pedaço de pão tirado aos órfãos dos mortos na guerra; que a cada satisfação de tua vida corresponderiam muitas dores dos feridos e mutilados na guerra. Deves pensar, enfim, que a tua riqueza, a tua felicidade seriam construidas sobre os sacrifícios dos outros.

Se a guerra arrebentar... tu, meu vil semelhante, não deves pensar que ela poderá aumentar tua riqueza, e portanto, tua felicidade, não. Mas deves convencer-te de que ela aumentará a tua desgraça, pois a guerra é uma desgraça para todos. Sim, porque a palavra humanidade não quer dizer direito e proveito de um em detrimento de outro, não, mas a palavra humanidade

presupõe um ser dotado de sentimentos capazes de compreender as dores dos seus semelhantes. Humanidade quer dizer solidariedade e piedade com o nosso próimo.

Mas se tu, meu indigníssimo semelhante, não és dotado de tais sentimentos, próprios do gênero humano, mas sim de sentimentos completamente opostos, então és o ser mais desgraçado que vive sobre nosso pobre planeta e os homens, aqueles outros, dignos desse nome, deveriam, para se defender, suprimir-te, pois neste caso tu não merecerias viver.

# OS HEROIS DA REVOLUÇÃO

## XVI

## OS HEROIS DA REVOLUÇÃO

Tinha acabada a revolução de 1924, havia 6 meses.

Essa revolução foi um verdadeiro desastre para a Capital paulista, pois a cidade foi exposta a um terrivel bombardeio das forças legais que foram obrigadas a desalojar os rebeldes nela entrincheirados.

Como é sabido, essa revolta durou do dia 5 de julho até o fim do mesmo mês, e nesse longo período de tempo o povo desta cidade ficou isolado e, portanto, sem o abastecimento de mantimento.

Os estabelecimentos industriais e comerciais viramse obrigados a fechar as portas, pois os seus proprietários tinham de fugir da cidade para salvar a vida e, por isso, um enorme número de sem trabalho achou-se de braços com a miséria.

A guerra é uma grande desgraça para a humanidade, mas a revolução é pior, pois na guerra o povo tem a assistência das supremas autoridades, enquanto que nas revoluções não ha nada disso, não ha respeito nem garantia para a pessoa como para os bens, e é mesmo nas revoluções que o homem revela o seu instincto bárbaro

que está latente no fundo da sua alma. E' nas revoluções que o homem mostra os seus verdadeiros sentimentos que durante os períodos de paz e de ordem, encobre, pela coação do poder executivo, sob a máscara da hipocrisia. Nas revoluções tudo isso desaparece e o homem se mostra tal qual é, sem hipocrisia e sem fingimentos: a besta mais fina e astuta, a mais terrivel e temivel fera do orbe!

O povo, portanto, sem trabalho e, naturalmente, sem receita certa de dinheiro, utilizava suas pequenas economias, mas estas rapidamente se esgotaram, enquanto que a revolução continuava.

Que fazer? O único meio para não morrer de fome era ir buscar os mantimentos onde se encontrassem. E assim se fez. As portas dos armazens foram forçadas e o povo carregou com aquilo que encontrou.

Mas ai de mim! Êle não só levava aquilo de que precisava, mas tambem aquilo de que não precisava. Pegava farinha, arroz, feijão, toucinho, banha, manteiga, queijo, azeite... Carregava sapatos, fazenda...

Estamos de acôrdo de que de tudo isso precisava, pois tudo isso servia para não morrer de fome e para se agasalhar, mas, meu Deus, que necessidade tinha para carregar inteiras caixas de pregos e rôlos de arame farpado e tantos e tantos outros objetos de que não necessitava e que abandonava nas ruas?

Aí é que se revela a verdadeira alma humana, é nesses atos de vandalismo que se revelam os instintos da besta humana.

Por dias inteiros se viam intermináveis colunas de homens, sobre cuja honestidade, cuja honorabilidade, antes não se podia ter a mínima dúvida; tinham-se agora improvisamente transformado em carregadores, em ladrões, que pegavam tudo o que encontravam nos armazens e levavam para casa.

*

* *

Haviam passado 6 meses depois do fim dessa revolução, quando um dia se falava alegremente num grupo de pessoas. Falavam todos como si se tratasse de um festim e cada um comentava a parte que tinha desempenhado nos assaltos levados a efeito nos armazens durante a revolução. Um dizia que tinha levado para casa apenas um saco de farinha de segunda qualidade. Outro dizia que êle não tinha sido trouxa, pois conhecia a farinha e, portanto, tinha levado para casa diversos sacos de farinha de primeira qualidade e que ainda tinha alguns. Outro disse que tinha dado mais preferência à banha e ao queijo e que tinha ainda disso o bastante para todo o ano. Um outro, no entanto, que tinha ficado calado todo o tempo, escutando a conversa dos demais, saiu com esta exclamação: E só eu fui o trouxa!...

— Por que, perguntaram-lhe os amigos, você não levou a sua parte?

— Você carregou farinha durante três dias.

— Sim, respondeu êle, eu levei para casa 50 sacos de farinha, e não levei mais porque não tinha onde guardá-la.

— Então?

— E eu, no entanto, não tenho nada...

— ??

— ...porque a distribuí a todos os meus amigos!... Mas quando arrebentar outra revolução, fiquem desde já sabendo, não serei tão trouxa, não! Guardarei tudo para mim!

# RIQUEZA, INFELICIDADE HUMANA

## XVII

## RIQUEZA, INFELICIDADE HUMANA

Hoje, com grande desaponto, soube que um meu muito bom amigo perdeu o emprego por se ter apropriado de uma certa importância de dinheiro que lhe tinha sido confiada para efetuar um pagamento.

Fiquei bastante desgostoso, pois eu estimava muito aquele meu amigo e nunca podia imaginar que fosse capaz disso, tanto que, para êle não teria hesitado em repetir a aventura do filósofo Damone que debaixo do governo de Dionisio, o Jovem, tirano de Siracusa, aceitou de ser fiador com a própria vida em lugar do seu amigo Pítia, condenado à morte e que tinha pedido de ausentar-se por um dia para regular, antes de ser executado, os seus negócios.

Ai de mim! Não quiz nem saber por qual razão o tenha feito. Isso não me importa, pois a única razão teria sido de certo a da desenfreada cobiça de possuir riquezas, e isto faz calar qualquer sentimento humano.

Desde quando o mundo é mundo, a riqueza foi sempre a maçã da discórdia para a humanidade, e o será, creio eu, até a consumação dos séculos. Ela faz cometer

os crimes mais monstruosos, começando pelas simples apropriações indevidas de coisas de pouco valor, quer seja apenas um pão para matar a fome e daí subindo à fraude, ao furto, ao arrombamento, ao assalto à mão armada, ao assassínio, etc. para chegar até aos grandes cataclismos sociais, como as guerras para se apropriar de coisas alheias.

E' um absurdo isso, pois sabemos que para conseguir a riqueza, não é preciso chegar até tais feitos violentos, podendo-se conseguí-la com a honesta especulação nos diversos ramos da atividade humana, quais o comércio, as artes, as indústrias, as prestações de obras, etc. Os meios são infinitos, podendo-se dizer que quasi todos os esforços da humanidade miram a maneira como conseguir a riqueza. Mas quanto mais olhamos para as origens da civilização, mais notamos que em cada tempo o homem teve que criar leis de coacção para se proteger das usurpações do seu semelhante, leis que são uma verdadeira repressão da cobiça humana.

Eu, quando penso nessa pobre especie humana que vive de desejos insanos, fico triste e meu pensamento vôa, com mágoa para a vida dos seres inferiores que vivem em perfeita concórdia dos frutos que lhes vêm da generosa terra, cada um tomando o suficiente para satisfazer o estômago. Penso que a função da vida de cada organismo animal consiste justamente nisso, isto é, em tomar somente aquilo de que se precisa no momento. O homem, ao contrário, para acumular a riqueza inventou a moeda, a cujo valor tudo iguala, e tem-se tambem assegurado a propriedade da terra. Mas como a moeda pode ser de quantidade, volume e peso incalculáveis e não

pode ser sustentada pelas raquíticas costas do pequeno homem, este creou o papel moeda e os documentos de propriedade para a posse de imóveis.

A este respeito deve louvar-se o grande Licurgo que para evitar que os Spartanos pensassem nas riquezas, proibiu que a moeda fosse cunhada em ouro ou prata, mas que fosse de grandes peças de ferro, tão pesadas que para transportar apenas dez minas, correspondentes, mais ou menos, a um conto de reis, era preciso uma junta de bois.

Com o advento do papel moeda e dos títulos de aquisição, ai de mim! parece que o homem tenha alcançado a felicidade! Digo a felicidade porque, si todos os esforços e os sacrifícios do homem convergem para a obtenção da riqueza, a qual, segundo êle, representa o ingresso da vida para a casa da felicidade, por silogismo devemos concluir que a riqueza seja já a aspirada felicidade.

Felicidade, felicidade!... palavra sem sentido!

Sobre a terra não existe felicidade, e isso é tão verdadeiro que ninguem está contente com a sua condição. Ela, porém, que não existe no presente, pode existir no passado e no futuro. Pode existir no passado quando, porventura, tendo-se perdido o bem que se tinha ou que se amava a êle se dá a justa importância reconhecendo-se, portanto, que com aquele bem se vivia feliz. Igualmente, existe a felicidade no futuro, enquanto formulando um desejo irrealizável, se vive na esperança de conseguí-lo, mas, uma vez realizado, percebemos que, contudo, não alcançamos a felicidade sonhada.

Qual o fim de toda essa miragem, então, si a felicidade não existe?

Escrevendo estas considerações, penso no grande Leopardi, quando cantava:

> "Che fai tu, luna, in ciel? dimmi, che fai?
>
> . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .
>
> Dimmi, o luna, a che vale,
> al pastor la sua vita,
> la vostra vita a voi? Dimmi, ove tende
> questo vagar mio breve,
> il tuo corso immortale?"

Ai de mim! A que tende o gênero humano? E tantas lutas e tantos sacrifícios, e tanto ódio e inveja, e tanta hipocrisia, e as angústias e as dores, tristes flôres da triste humanidade, a que fim aspiram se a vida é breve e a morte iguala todos? Para que correr tanto no rastro de Pluto, no qual a consciência escorrega com grande facilidade, se tudo acaba neste mundo?

Oh, pobre da humanidade, se todo o valor da vida consistisse de um punhado de metal, mesmo que fosse do nobre ouro! Oh, pobre da humanidade se a vida fosse apenas sinónimo de riqueza material a qual faz calar qualquer outro sentimento!

O' homem, tu que estás no momento de trair o teu semelhante, o teu amigo, o teu irmão para te apropriar da sua riqueza, pára aí; pára, tu que estás construindo sobre a desgraça dos outros; pára, tu que estás suprimindo o teu semelhante para poder, com a sua riqueza, aumentar a tua; retira teu braço assassino, aplaca a tua avi-

dez, contém os teus cruéis desejos, pois o teu crime não pode prolongar de um segundo a tua vida, mas pelo contrário, a encurtará de muito!

Pára, meu amigo, meu irmão, meu semelhante, aplaca tua cobiça, afasta de ti o demônio do ouro, pois terás menos remorsos em tua consciência e a tua vida será mais sossegada.

Pára, retira o teu braço, não furtes, pois tambem o teu próximo tem direito de viver. O' joven, retira teu braço, não uses tuas forças físicas para subjugar o velho e apropriar-te das suas riquezas, pois sabe que o teu ato, si tu o cometeres, é ato de louco e, de mais a mais, far-te-á perder a paz por toda a vida.

E tu, ó velho, não uses de tua longa experiência com o fim de enganar o joven inexperiente para te apropriares da sua riqueza, pois sabe que além de ser o teu ato indígno de um homem que a idade faz respeitar, vantagem alguma pode trazer-te, pois, como sabes, tua vida está próxima a concluir-se.

O' jovens, ó velhos, ó homens todos que viveis neste vale de lágrimas, amai-vos uns aos outros, como diz Nosso Senhor Jesus Cristo, e pensae que o rico vive quanto o pobre, e que si não é mesmo certo de que o pobre tenha vida mais longa, certo é que vive mais sossegado. A paz do espírito, bem comparavel à sanidade do corpo, não se compra com moeda alguma.

O' homens, fazei com que a vossa riqueza não seja fruto de abomináveis ações, que não seja fruto dos sacrifícios dos outros; fazei com que ela não seja a desgraça do vosso semelhante e lembrai-vos que tambem

os filhos do "Poverello di Assisi" vivem, e vivem em sanidade de corpo e de espírito, e pensai que o escopo da vida não consiste em juntar riquezas que, no maior número dos casos, são supérfluas às necessidades da vida, mas que o escopo da vida deve consistir em viver em perfeita harmonia e concórdia com seu semelhante e, possivelmente, socorrê-lo em suas dificuldades, ao em vez de depredá-lo.

*

* *

E tu, pobre desgraçado meu amigo, que ousaste apropriar-te do dinheiro que te foi confiado, eu te digo que me compadeço de ti que desceste tão baixo nos valores humanos, compadeço-me de ti que estás cobrindo de vergonha, o nome honrado dos teus pais. Compadeço-me de tua grande desgraça e peço-te, em nome de nossa amizade, pelo amor que sentes pelos teus pais e teus parentes que muito sofrem com isso, pelo amor de toda a pobre humanidade, pelo amor de Deus, que desistas e que pares nessa primeira má ação e que te emendes, meu pobre e desgraçado amigo!

# SONHOS DE MENINOS

## XVIII

## SONHOS DE MENINOS

Chamava-se Becharra e no bairro era conhecido por todos. Tinha, mais ou menos, doze anos de idade, era moreno, de cabelos pretos que nem o ébano e de olhos escuros e fundos como duas jaboticabas. Estava sujo, muito sujo na cara e na roupa que lhe caia aos pedaços. Sua mãe, uma síria, não podia cuidar muito dele, pois tinha outros três meninos menores a tratar e mesmo se o quizesse, não o poderia, pois a fartura nunca foi privilégio de sua casa.

O marido, sírio tambem, trabalhava como verdureiro ambulante, empurrando o carrinho à mão, desde manhã até à noite.

Becharra tinha crescido na rua, onde tinha todos os seus amiguinhos, onde passava o dia, quer sob o sol abrazador ou sob a chuva. Mesmo ao meio dia, ninguem o procurava e se não fosse pelo estômago, que fazia sentir as suas necessidades, ficaria imperturbado na rua o dia inteiro.

Todos os meninos do bairro o conheciam e êle entrava em todas as suas brincadeiras.

O vôo do papagaio, o puchamento do carrinho, o patinete eram os seus passatempos preferidos. Êle, a quem os recursos financeiros dos pais não assistiam, brincava com os brinquedos dos outros, quando estes o deixavam, e quando não, contentava-se em olhá-los. Era, porém, muito inteligente e não podendo comprar brinquedos, por falta de dinheiro, contentava-se em concertar os brinquedos quebrados dos outros e usá-los. Especialmente os carrinhos, mesmo quando não podia usá-los, satisfazia-se em puchá-los, com os seus pequenos donos em cima. Coitado! tambem essa era uma forma de divertimento e com a qual êle era igualmente feliz.

Era feliz no seu pequeno mundo e pensava que todo o mundo fosse igual. Mas, ai de mim! o mundo não é mesmo todo igual e o coitado pôde notá-lo no dia em que do bairro pobre da Casa Verde passou para o bairro rico de Higienópolis, por necessidade de trabalho do pai.

Aquí o menino se achava fora da sua zona e do seu mundo; não havia meninos descalços, mal vestidos e sujos, nem meninos analfabetos e malcriados, nem meninos em grupos abandonados na rua. Aquí os meninos, todos bem vestidos, ficavam a brincar, cada um com os seus brinquedos, nos jardins das respectivas casas e quando vinham para a rua, vinham acompanhados por pagens.

Adeus liberdade, adeus felicidade do bairro pobre: a riqueza dos outros, fazia a infelicidade do pobre!

Êle sofria em silêncio e nem saía mais para a rua que para êle parecia deserta. Ficava o dia inteiro no quintal de sua casa a pensar e a suspirar, cheio de saudade do

bairro da sua antiga morada onde sonhára os primeiros sonhos de menino.

Aquí, ao contrário, começou a sentir que no mundo a gente não é igual, que o nascimento é o que dá o Destino aos meninos, e pensava que si seu pai fosse rico, êle tambem seria feliz.

Mas o que mais o atormentava eram as bicicletas. Estas formavam o seu desespero. Ficava o dia inteiro a fitá-las de trás do portão de sua casa, a ouvir-lhes as clássicas campainhas... Ficava encantado! Todos os meninos da sua idade tinham uma; tambem as meninas, e só êle, coitado, não a tinha.

Uma noite, porém, encheu-se de coragem e disse ao pai:

— Papai, eu quereria que tambem o senhor fosse rico.

— Bravo, respondeu o pai, eu tambem o quereria... Mas, por que?

— Por que tambem o senhor me compraria uma bicicleta.

— Sim, respondeu o pai, vejo que já és homem e vou arranjar-te um emprego.

— Qual?

— O de jornaleiro!

No dia seguinte, Becharra, menino de doze anos de idade, descalço, com um feixo de jornais em baixo do bracinho, corria as perigosas ruas da cidade para ganhar a vida!

Muitos compravam o jornal dêle, mais para livrá-lo logo dos jornais e fazê-lo voltar, quanto antes, para casa. E teve até um senhor que num dia de chuva lhe

comprou todo o feixo de jornais para retirá-lo mais cedo da rua e livrá-lo dos perigos que infestam a cidade.

Êle corria as ruas anunciando o jornal de boa vontade, mas o seu pensamento era fixo: a bicicleta! Teria feito tudo para possuir uma. Mas, como?

Isso era um sonho utópico, e só mesmo um milagre poderia realizá-lo. E o milagre veio!

Um dia em que mais fixo era o seu pensamento na bicicleta, eis que se encontra com um velho companheiro do seu antigo bairro querido, um seu amiguinho maior que êle dois anos, que ia entregando carne com uma bicicleta.

Aquilo foi como vêr o paraiso: — O' Marco, Marco, chamou, enquanto aquele que não o tinha visto, pedalava.

— O' Marco, pára, pára um momento.

Marco, o velho companheiro, parou.

Becharra correu, abraçaram-se de contentamento... Os dois meninos da vargem, agora já lutavam pela vida, já ganhavam o seu pão. Disseram-se muitas cousas: a saudade dos tempos de então, as brigas e as brincadeiras, e Marco quiz ser muito generoso oferecendo a Becharra uma volta na sua bicicleta.

E Becharra que vía, afinal, seu sonho realizar-se, aceitou entusiasmado. Pulou na bicicleta como si fosse levado por uma força estranha. Mas êle que nunca tinha subido numa bicicleta, começou a correr a zig zag, como um louco, e depois de poucos metros caíu! Caíu, coitado, dum pessimo modo, machucando-se bastante, ficando com toda a cara cheia de sangue e... mas nem

quero me lembrar mais disso, pois que todas as vezes que me recordo, fico triste.

Mas, meu Deus, não posso deixar de pensar que o destino de Becharra é, mais ou menos, o destino de bem noventa por cento dos meninos do mundo, meninos sem carícias e sem brinquedos! E' o destino dos pobres, e contra o destino, diz o povo, não se pode fazer nada. Eu, porém, todas as vezes que vejo um menino rico, todo enfadonho em meio dos seus brinquedos, lembro-me dos meninos pobres, e todas as vezes que vejo um menino pobre, involuntariamente me lembro do pobre Becharra!

# SUPERSTIÇÃO

## XIX

## SUPERSTIÇÃO

Antes de tudo, tenho que fazer a premissa de que não sou superticioso, e isso, não por princípio inato, mas por raciocínio, profundo raciocínio.

Todos nós somos, porém, uns mais, outros menos, supersticiosos e, si me fosse permitido, diria que a superstição nasce com o homem. Ela é a espada de Damocles da humanidade, e quanto mais ignorantes são os povos, tanto mais são escravos dela; mas se é uma vergonha para os povos que dela são afetos, ela é uma des graça para o indivíduo isoladamente, que acaba por inspirar todas as suas ações na superstição como numa força estranha, sobrenatural e fatal à qual seria impossivel subtrair-se.

Do culto dela, do número dos seus crentes pode-se conhecer o grau de civilização de um povo.

Ela nasceu com a astrologia, à qual nos primeiros tempos da civilização deu-se mesmo a importância de uma ciência que presidia ao nascimento de cada indivíduo a quem seu responso acompanhava até à morte. Era, em suma, o tão odioso e nefasto fatalismo, que tanto mal trouxe para a pobre humanidade.

Na antiguidade ela presidia a todos os grandes acontecimentos e era a lei dos povos. Os sacerdotes que a interpretavam eram os mais altos dignatários do Estado. O templo de Apolo da antiga Grécia era sagrado e a Pitia que tirava os agouros e os auspícios devia ser virgem, com mais de cincoenta anos de idade, e o seu responso era inapelavel. Os Spartanos só marchavam contra o inimigo em tempo de lua cheia, sendo de mau auspício marchar em outro tempo, e foi devido a essa superstição que êles não enviaram auxílio aos Atenienses que estavam sendo atacados pelos Persas de Dário na famosa batalha de Maraton. Na Índia, na misteriosa Índia, o fatalismo é a lei do povo desde quando o mundo é mundo. O indú é educado na benevolência universal e nada faz para melhorar sua condição, pois o que tem que acontecer, pensa que ninguem o poderá impedir. Os Chins que acreditam na matempsicosi espoliam vastas florestas das suas arvores para evitar que os espíritos maus transmigrem nelas, e muitas inundações que alí assumem aspectos de grandes calamidades devem-se ao fato de acharem-se essas zonas privadas das árvores necessárias para segurar as águas das grandes chuvas e não deixá-las precipitar-se livremente nos vales.

Conta-se que na antiga Fenícia, quando o rio que era conhecido pelo nome de Adonis, no começo de junho corria, como tambem corre hoje, avermelhado pelo ocre que carregava nas suas cheias, acreditava-se que as águas estivessem tintas com o sangue do amante de Venus, morto no Libano, e o povo tirava disso mau agouro que podia trazer desgraças, e então para livrar-se dessa força misteriosa e maléfica, faziam-se sacrifícios fúnebres,

fustigavam-se até sair o sangue, jejuavam, as mulheres soltavam altos gritos e gemidos, cortavam os cabelos e, como os cabelos fluentes eram um grande dote da mulher (ao contrário de hoje), então para evitar êsse grande sacrifício, podiam, em troca, prostituir-se e oferecer ao templo o preço da sua deshonra.

Em alguns lugares da Índia, da China e do Japão ainda hoje, afim de evitar que espíritos maus penetrem nas casas, penduram no forro do teto campainhas de bronze e de prata, as quais ao mínimo movimento do ar tinem e apavorizam o mau espírito, pondo-o em fuga.

Os Romanos, por sua vez, tambem eram muito supersticiosos: tinham os dias faustos e infaustos que eram para êles uma verdadeira obsessão, e os dias de Marte e de Venus, correspondentes às nossas terças e sextas-feiras, eram dias infaustos e ainda hoje o são, pois ainda é costume, como naquêles tempos, que nesses dias não se deve contrair casamento e nem viajar, sendo funestos os auspícios.

Os Etruscos tiravam preságios do vôo das aves, e todos os povos, em suma, tinham as suas superstições.

Hoje, no entanto, não se crê mais nos castelos encantados, nos cavalos alados, nas fadas, nas feiticeiras e nos magos, como não se crê mais, enfim, nos muitos personagens fabulosos da mitologia, pois hoje temos muitos outros enigmas bem mais importantes para solver, como, por exemplo, o da eletricidade, do magnetismo, do rádio, dos raios cósmicos, dos microcosmos, dos microorganismos, da patologia, etc., coisas de que os nossos mui

distantes antepassados, felizmente, não tinham a mínima idéia.

Mas si bem que em outra forma, um resto de superstição existe também nos nossos tempos. Assim, por exemplo, está em franca prosperidade a arte da cartomância, da quiromância, da astrologia, da grafologia, da numerologia e tudo o que hoje passa sob o nome de ocultismo, além de outros acontecimentos que são exclusividade da nossa época, quais o de abrir o guardachuva em casa, derramar o sal de cozinha, do azeite, a aparição de uma coruja, do verificar-se três vezes um acontecimento, etc., coisas estas que nos metem no espírito, não mesmo um temor, mas uma certa melancolia que nos faz pressagiar um mal, e por quanto nos esforcemos a não dar importância alguma e a não crêr nas suas ações maléficas, sentimos sempre uma força prepotente e estranha que quasi nos obriga a fazer algum exorcismo ao nosso alcance e nos munirmos de amuletos afim de neutralizar os possiveis maus efeitos das mesmas.

Eu, portanto, como disse antes, não sou superticioso, e isso por convicção, pois não posso admitir que o produzir-se de um simples fato externo, estranho e insignificante, possa ter a potência sobrenatural de mudar o curso da nossa vida o que redundaria no triunfo do princípio da fatalidade e perda da lei da causa e efeito.

Por todas essas rasões eu não sou superticioso e, digo mais, afim de vencer tal crença, quando se verifica algum fato dêsses mencionados que, conforme a crença, deveria trazer uma consequência sobrenatural, então eu, deliberadamente, evito de fazer os devidos exorcismos,

atribuindo o acontecimento ao puro acaso, ou, si depender de nós, à nossa negligência. Assim, por exemplo, si derramarmos o sal, devemos admitir que um momento de nossa distração nos fez chocar a mão no saleiro, e, portanto, esse ato, nada nos pode trazer de estranho a não ser o prejuizo ocasionado pela perda material do sal.

Isso é quanto nos diz a nossa razão, da qual não existe lei oculta ou notória que nos deva fazer desviar.

Mas os fátos, às vezes, acontecem de tal maneira e com tanta precisão, que nós mesmos, por quanto céticos e incrédulos, ficamos mesmo admirados.

A mim, por exemplo, aconteceu um desses fátos e que vou relatá-lo assim como se desenvolveu.

Foi uma terça-feira, dia infausto para os antigos Romanos, conforme nos transmitem as crónicas daqueles tempos, e dia infausto tambem na nossa época. Viajando num bonde da cidade e estando com o cotovelo do braço esquerdo apoiado à janelinha do banco no qual eu estava sentado, fui chocado com toda violência, na ponta do mesmo cotovelo, por uma barra de ferro carregada sobre um auto-caminhão que, em grande velocidade, vinha em sentido contrário ao bonde. A ponta dessa barra acabava em gancho e antes de bater no meu cotovelo, tinha quebrado uma balaústre do bonde. Rasgou-me a manga do paletó e da camisa e produziu-me uma pequena escarificação no cotovelo. Foi coisa de nada, como se vê, mas que si tivesse tido o cotovelo alguns milímetros mais para fora, quem sabe que dano me poderia ter causado. Mas, porquanto eu não creia na sorte, julguei-me bastante afortunado.

Tinha passado justo uma semana de dito acontecimento e nem me lembrava mais do mesmo, quando eis que lá pelas dezoito horas, depois de uma forte tempestade, descendo do bonde para ir para casa, escorregüei ao pisar sôbre os paralelepipedos molhados, perdí o equilibrio e caí. Para não caír mal, coloquei as mãos para frente, mas a palma da mão esquerda bateu contra o canto agudo duma pedra no chão e me produziu uma larga ferida lacero-contusa.

Em casa, minha irmã, quando me desinfetava a ferida, referindo-se ao acontecimento da semana passada, disse-me: — Não ha dois sem três... procura ter cuidado na próxima terça-feira.

Ri-me dessa advertência que me fazia pensar como a supertição quizesse *chatear* mesmo a mim, que não acreditava nela, e não dei importância alguma ao caso.

Passou outra semana e eram cerca das onze horas da noite da terceira terça feira em que se tinha verificado o primeiro acontecimento do bonde, quando, estando eu em casa e querendo beber um copo dágua, êste, não sei como, escapou-me da mão e caíu quebrando-se em mil pedaços sôbre a mesa. Em consequência disso uma pequena lasca de vidro pulou-me no olho direito.

Logo que senti tal corpo estranho no olho, pedí a meu irmão, que estava perto, para vêr o que era e procurar tirá-lo.

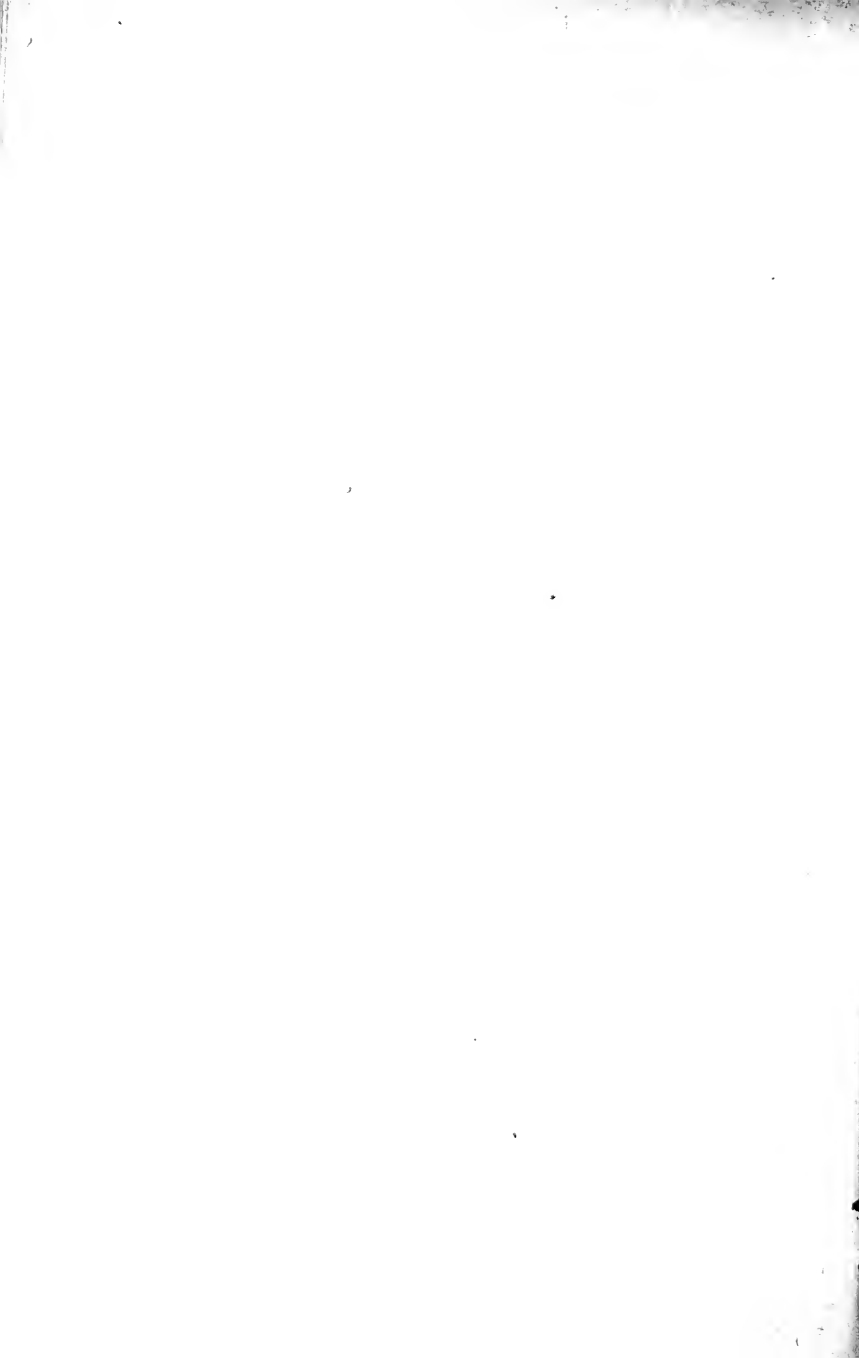
Meu irmão, com a ponta de um palito tirou-me logo a lasquinha de vidro que se tinha apenas grudado no líquido lacrimal do olho.

Minha irmã que estava presente e ainda assustada, me disse: — E' a terceira vez... tivestes sorte... não te disse que não ha dois sem três?

*

* *

Mas seja como fôr: superstição, fatalidade, etc., para mim foi o acaso, o simples e puro acaso que se divertiu em se repetir por três vezes para avalorar as regras da superstição segundo as quais, não ha dois sem três. Mas eu penso que isso podia continuar a repetir-se ainda por muitas vezes, pois minha razão se recusa em admitir que isso seja devido a outro fator si não ao acaso.

# AS GRANDES FORTUNAS

## XX

## AS GRANDES FORTUNAS

Entre as notícias dos jornais de hoje, uma atraiu minha atenção: aquela da morte, na mais completa miséria, na Santa Casa de Misericórdia, do Snr. A. X., com 28 anos de idade, filho do milionário B. X.

A nota é breve e concisa e só pode atrair a atenção de quem, como eu, conhece a vida aventurosa dêsse jovem, cuja fortuna herdada do pai, que era um magnate das finanças de nosso país, era calculada em diversos milhares de contos de réis.

Toda a sua fortuna o pai deixára a êsse filho, que a gastou toda, acabando morrendo, ainda jovem, na mais completa miséria.

Como êle fez para gastar a fortuna em que o pai tinha empregado toda sua longa existência para juntar, é pergunta à qual não se pode responder exatamente, mas se pode intuir. Da simples notícia da vida de devassidão que fazia já se pode fazer um cálculo.

Começemos por dizer que não trabalhava; sua profissão era aquela de milionário, milhões ganhos pelo pai, e êle, na qualidade de bom filho, os gastava.

Mas gastava cada dia mais, gastava com mulheres alegres, as quais são sempre as cúmplices necessárias na delapidação das grandes fortunas; gastava no tapete verde, em corridas de cavalos, em apostas nas corridas de automóveis, etc.; gastava em banquetes, em bebidas e licores.

Mas o pior era que não só gastava o dinheiro, mas estragava a saude tambem, tanto que o resultado foi que depois de cerca quatro anos da morte do pai, morreu tambem êle, na mais completa miséria.

Agora, olhando para trás, para a vida de sacrifícios do pai, para juntar toda essa fortuna, umas perguntas nos vêm espontaneamente aos lábios: por que trabalhou tanto o pai? Por que fez tantos sacrifícios? Por que sofreu tantas privações, conforme a gente de sua época conta? Não tinha êle o bastante para viver condignamente e comodamente? Por que até os últimos dias de sua vida operosa êle tinha ainda a preocupação de dirigir os seus negócios, mesmo estando de cama, por que?

Inúteis são as perguntas, nenhuma resposta poder-se-á dar, que a rigor seja lógica.

Poder-se-ia responder que quem é trabalhador, mesmo quando esteja doente, procura trabalhar, pois que o trabalho é a honra do homem, e mesmo quando, como no caso que estamos examinando, seja-se rico a milhões, o homem acostumado a trabalhar, não pára, não descança, pois, para êle, trabalhar é sinônimo de viver.

Êle trabalhou até os últimos dias de sua vida e fez bem, não para aumentar mais sua fortuna, mas por uma necessidade íntima, para satisfação de sua própria alma.

Poderia responder-se que fez mal em trabalhar e juntar, em cinquoenta anos de atividade, a riqueza que seria mais tarde, gasta peo filho em apenas quatro anos.

Estamos de acôrdo, mas tambem devemos admitir que êle, de certo, não imaginava isso. A única culpa, se culpa ha, cabe ao filho.

Mas tambem êle não a tem, pois não conhecia o valor do dinheiro, e nem os sacrifícios necessários para ganhá-lo. Diz-se muito bem que quem não sabe ganhar o dinheiro, tambem não sabe gastá-lo.

Os filhos dos ricos, salvo excepção, crescem no ocio e, naturalmente, tambem no vício. Êles olham para a fortuna dos pais como a uma coisa ao alcance de todos e como a coisa mais natural da vida.

Possuindo-se, portanto, o dinheiro, todos os vícios nos tentam e o álcool, a luxúria, o jogo, etc., tomam conta de nós, as exigências da vida aumentam, e a cada sensação provada, procura-se outra nova; e a fortuna que, naturalmente, não é um poço inesgotável, vai-se exaurindo aos poucos, mas inesoravelmente, até esgotar-se.

E a oportunidade de fazer uma grande fortuna não existe todos os dias e nem para todos os homens. De fato é muito raro alcançar a riqueza, e quasi nunca quem a criou chega a gozá-la, mas quasi sempre goza-a quem não a acumulou.

Porém, é bem triste constatar que muitas vezes, como no caso que estamos examinando, a riqueza não tenha sido gozada por ninguem, mas que pelo contrário, trouxe a desgraça. E isso é o peor!

*

* *

Analisando estes casos lembro-me de um antigo provérbio italiano, que diz que nenhuma riqueza, como nenhuma miséria, dura cem anos.

Muito certo isso, pois parece até que exista uma lei oculta que regule a distribuição das riquezas no mundo.

Muito certo, digo, mas todas as vezes que vejo uma pessoa nadar no luxo e gastar sem parcimónia, como si fosse dinheiro roubado, logo penso nos sacrifícios que fez o autor daquela fortuna, penso nas privações pelas quais êle passou e penso tambem, ai de nós! nos dias tristes que, quasi sempre são reservados a quem gasta tão prodigamente, pois até agora tenho constatado que, quasi sempre, a fortuna dos pais tem formado a desgraça dos filhos os quais, depois, no seu desespero acabam até deshonrando o nome dos seus ascendentes.

## POLÍ CHORÃO

## XXI

## POLÍ CHORÃO

Polí Chorão era o nome de um joven alto, com mais ou menos dois metros. Suas faculdades mentais eram anormais, pois seu grau de pensar e agir era aquêle de um menino, e disso intuía-se que seu excessivo desenvolvimento físico tinha-lhe prejudicado a mente.

Mas isso não nos interessa no momento.

Polí Chorão era portanto um moço, fisicamente perfeito, mas idiota, idiota inofensivo, porém.

Quem era êle? Seu nome era mesmo o de Polí Chorão? Ninguem podia afirmá-lo, pois ninguem o conhecia e não se sabia exatamente onde tinha nascido, não possuindo nenhum documento que pudesse prová-lo.

De onde vinha? Ninguem o sabia, pois vinha sempre da cidade mais próxima.

Para aonde se encaminhava quando desaparecia, tambem ninguem podia dizer.

Onde pousava nas noites de calor, de frio ou de chuva? Tambem ninguem sabia, mas de certo sua cama deviam ser as calçadas das ruas, os degraus das igrejas, os

assentos dos jardins públicos, lugares êsses que são o patrimônio dos desherdados da sorte e dos físico e mentalmente anormais.

As roupas eram-lhe fornecidas pela caridade pública, como tambem algum prato de comida fria.

Sapatos nunca usava, pois seus pés enormes mostravam que desde seu nascimento não tinham sido acostumados à prisão dos sapatos.

Êle não tinha dinheiro, pois não o pedindo, ninguem lho dava, e de mais a mais, nem conhecia o valor do mesmo.

Por isso, como o homem primitivo vivia sem egoismo, dos frutos que a terra lhe oferecia, sem se preocupar com o dia de amanhã, assim vivia êsse pobre anormal, cobrindo, às vezes, longas distâncias entre um povoado e outro, pois êle só viajava a pé, mesmo sem levar um pedaço de pão para matar a fome ou uma gota de água para tirar a sêde.

Ninguem sabia bem quem era êsse pobre idiota, mas todos, homens, mulheres, crianças, ricos e pobres conheciam-no e sabiam que se chamava Polí Chorão; conheciam-no em toda a nação, pois êle andava por todo o país, de cidades a aldeias, de aldeias a povoados.

Mas quem o conhecia mais era a gurizada entre a qual vivia, pois êle, com a sua mentalidade infantil, em companhia dos petizes achava-se no seu meio. Êstes, logo que o viam, recebiam-no alegremente com os gritos de viva Polí Chorão, e êle ficava todo contente e se deixava pizar os pés descalços, tirar o paletó, empurrar, etc.,

como si tambem êle fosse um menino. Faziam-no sentar em algum degrau e pulavam-lhe nas costas e sôbre os joelhos, puchavam-lhe o nariz, atiravam-lhe o chapéu no ar e, em suma, o amolavam de todas as maneiras. Às vezes fazia um discurso dizendo, muito naturalmente, umas asneiras e concluia gritando; viva Polí Chorão, ao que a petizada respondia: viva Polí Chorão. Às vezes, por lhe atirarem por trás algumas bananas podres, ficava nervoso; faziam dêle, em suma, um martir, mas êle nunca machucava ninguem.

Um dia, porém, Polí desapareceu da circulação; a polícia o tinha preso e estava encarcerado num chadrês a meditar!...

A meditar o que? Polí Chorão meditando era a mesma coisa como se um macaco estivesse a meditar, pois o grau de inteligência não devia ter muita diferença entre um e outro.

Francamente, fiquei bastante desapontado quando soube disso, pois era um caso de lesa-humanidade prender um pobre e inofensivo anormal e levá-lo a meditar dentro de um cubículo.

No meu íntimo soltei um grito de rebelião, à maneira da petizada, os seus amiguinhos da rua: viva Polí Chorão!

Os petizes tambem ficaram desapontados pois, enfim, tambem nos seus pequenos corações pulsavam sentimentos humanos, e prender Polí Chorão era tanto quanto ofender a suscetibilidade dêles, visto que o amiguinho Polí não era sinão um menino como êles, pois pensava como êles.

Todos na cidade estavam anciosos para conhecer a causa da prisão de Polí e todos ficaram desapontados em saber que tinha sido preso por furto.

Polí Chorão, o idiota que não conhecia nem o dinheiro e nem seu valor, que andava descalço desde quando veio ao mundo, que se vestia com o que os outros lhe davam, que comia aquilo que sobrava à mesa dos outros, que dormia nas ruas tendo por colchão a fria e dura calçada e por teto o céu, um ladrão? Não. Êsse que tinha apenas a forma de homem, êsse que não tinha ambição e nem ódio, que tinha, em suma, o cérebro ofuscado desde seu nascimento, não podia ter roubado, não. A razão dos grandes e dos pequenos se rebelava a essa acusação.

Mas a acusação existia, tinha sido formulada ao promotor público e era clara: tinha sido encontrado numa casa de campo na qual, arrombada a porta e forçado um cofre, tinha subtraido uma certa quantia de dinheiro.

Toda a máquina judiciária tinha sido posta em movimento, o processo tinha sido lavrado e toda aquela gente togada do Tribunal, com os advogados, os escriturários, os serventuários, os guardas, etc., tinha assumido uma pose de gente séria e pensativa que ao coitado de Polí Chorão dava o aspecto de alguma coisa de estranho, nunca vista, e através da sua mente ofuscada pensava que toda aquela gente ali estivesse reunida para enforcá-lo.

Quando o Presidente lhe perguntou o nome, êle respondeu que se chamava Polí Chorão.

À pergunta qual o nome do seu pai, respondeu que se chamava Polí Chorão.

À do nome da mãe, respondeu invariavelmente: Polí Chorão.

Em suma, o coitado, não se lembrava nem da mãi e nem do pai.

À pergunta de como se chamava a cidade ou aldeia na qual tinha nascido, balbuciou diversos nomes sem concluir nada.

Coitado! Êle não sabia nem onde havia nascido, nem quem eram seus pais: o único nome que sabia era o de Polí Chorão e ninguem tinha certeza si aquele era mesmo seu verdadeiro nome ou si era um apelido dado pela petizada.

Depois do depoimento das testemunhas que eram apenas duas pessoas que na cidade tinham fama de péssimos antecedentes e que com muita probabilidade deviam ser os autores do furto em causa, fez uso da palavra o promotor público. Depois falou o advogado da acusação, e por último falou o da defesa, que tinha sido nomeado "ad hoc".

Êste disse apenas poucas palavras invocando a clemência do Tribunal.

Mas quando o acusado percebeu que este falava bem dêle, sorrindo de contentamento gritou em pleno Tribunal: viva Polí Chorão.

Essa exclamação de júbilo do coitado fez rir até o Presidente, mas isso foi, na austeridade da sala, apenas como um raio no meio das trevas.

A acusação existia, fora provada, por duas testemunhas e a lei foi aplicada em todo o seu rigor.

Quando o Presidente leu a sentença, todos: juizes, advogados, escriturários, guardas e público ficaram tristes, por êsse triste quadro da sociedade humana, e só êle, Polí Chorão, era feliz na sua inocência e na sua inconsciência, e, pelos olhares que volvia continuamente pela sala, via-se que a única coisa que o entristecia era a de não encontrar o olhar inocente de um só gurí que o tranquilizasse, porque aos menores a entrada nos tribunais é vedada, enquanto que êle tinha muita vontade de gritar mais uma vez: viva Polí Chorão.

*

* *

Muitos mezes passaram desde o dia da condenação de Polí Chorão e eu já não pensava mais nele, quando esta manhã uma gritaria em baixo das janelas de minha casa despertou-me a atenção.

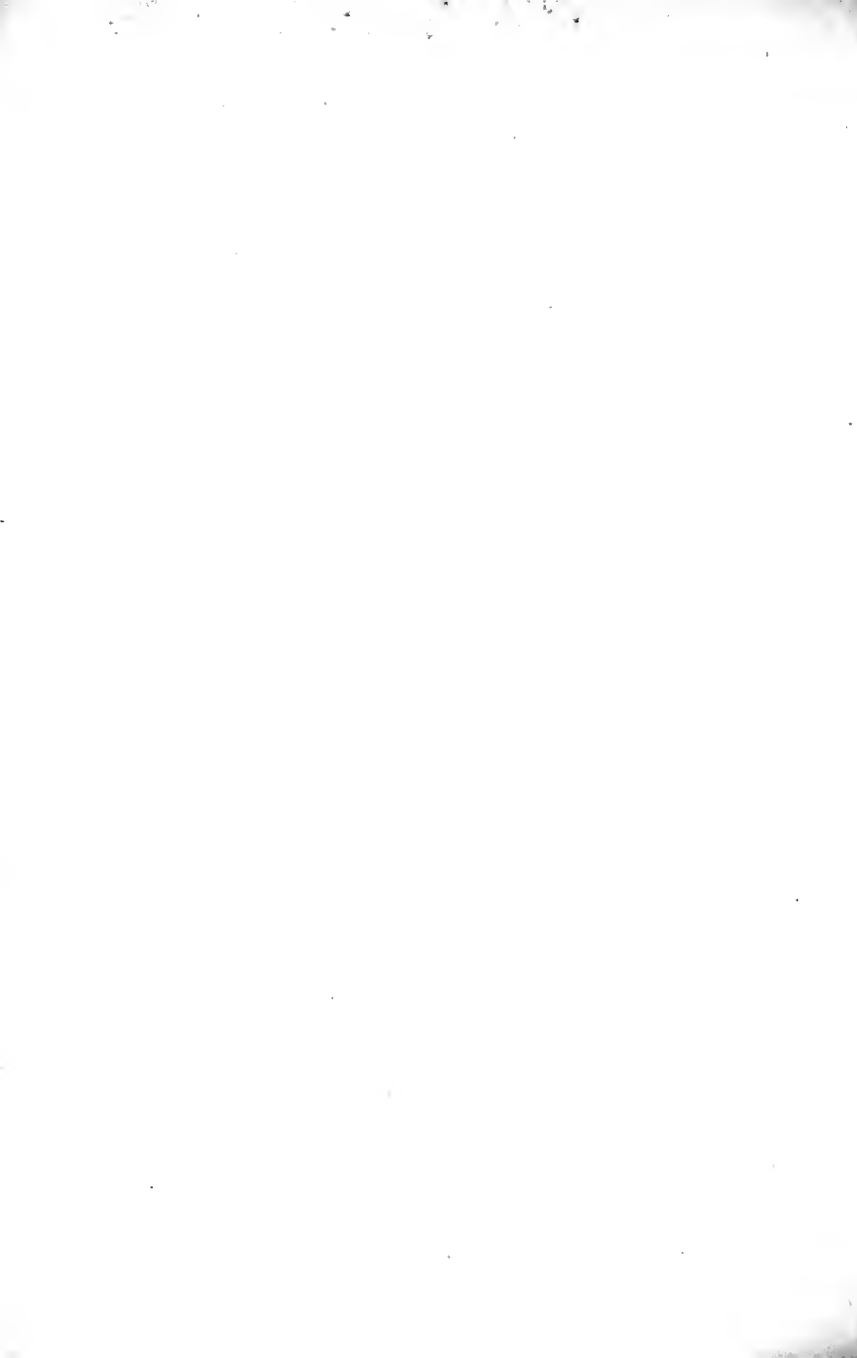
Corrí logo a vêr o que havia acontecido e qual não foi a minha surpresa em vêr o coitado do Polí, todo jubilante, no meio de numerosa petizada?

Rodeado pelos petizes, enquanto êle, contente e feliz, pulava, qual verdadeiro gigante entre anões, os seus amiguinhos, gritavam: viva Polí Chorão.

Coitado! Depois de vários meses de prisão por um crime que nunca cometeu, tinha sido libertado hoje, e voltado logo ao seu mundo, isto é, ao mundo dos gurís, o mundo dos inocentes e dos inconscientes como êle. Tinha voltado sem ódio e sem rancor para com a socie-

dade humana, da mesma forma como quando tinha ido para a prisão.

Coitado! Estava mais magro e parecia mais alto, efeitos da segregação à qual tinha estado sujeito.

Ai de mim! Eu olhei para êle e sentí, ao mesmo tempo, contentamento e tristeza. Contentamento por vêr novamente livre um pobre ser humano que nunca fez mal a ninguem, e tristeza em pensar como a malvadez e a impiedade dos homens, às vezes, ofendem os mais puros sentimentos humanos!

# LUXÚRIA

## XXII

## LUXÚRIA

Atendendo às funções do meu ofício, fui à praça Patriarcha para tomar um ônibus da Lapa, e enquanto esperava que êste viesse, tomei, antes de tudo, lugar numa fila no posto para ônibus. Logo atrás de mim colocou-se um senhor alto e robusto. Um bonito homem, aparentando, mais ou menos, uns trinta e cinco anos. Pude notar bem essas particularidades pelo fato que êsse senhor vinha-me incomodando continuamente, empurrando-me para a frente como si estivesse impaciente de esperar ou de perder seu lugar. Virei-me diversas vezes olhando para êle como para repreendê-lo dos seus atos poucos delicados para com alguem que nem conhecia. Contudo, fiz um esforço de vontade afim de evitar uma briga inútil, não deixando de considerar que, de certo, aquele senhor devia ter as suas boas razões para a tanto se expôr e, com muita paciência, suportei os seus empurrões.

Mas a chave de tudo isso não tardou a se apresentar e logo julguei como merecia o meu homenzinho.

De fato daí a pouco o ónibus chegou e enquanto as pessoas que estavam na minha frente iam subindo no

ónibus para tomar assento, êsse senhor empurrava-me cada vez mais e até pretendeu passar à minha frente. Mas a tanto não se atreveu, pois eu mostrei-me mais cabeçudo que êle em não lhe deixar o caminho livre e, naturalmente, teve que ficar atrás. Eu subí antes e sentei-me no primeiro banco que encontrei livre. Mas eis que êle veiu sentar-se nesse mesmo banco.

Paciência, pensei eu, êste está mesmo a me perseguir e dei uma olhada sôbre as outras pessoas que tinham tomado assento no ónibus. E, meu Deus! com essa olhada descobri a razão da impaciência do meu vizinho, pois êle, logo que se havia sentado cumprimentou uma senhora, uma bonita senhora que, em companhia de uma menina de uns oito anos, estava acomodada no assento do outro lado. O meu vizinho cumprimentou-a com ansiedade e extendeu-lhe a mão. E foi mesmo nesse aperto de mão que eu descobri o seu segredo, ai de mim! mesmo sem querer, pois nunca gostei de descobrir os lados feios da vida de alguem. Naquele aperto de mão, que devia ser apenas um simples cumprimento perante os olhos da gente, ela tinha aproveitado para lhe passar um pequeno pedaço de papel, que êle, com muito disfarce, retirando a mão, guardou num bolso, de onde, por sua vez, retirou um maço de cigarros.

O ónibus deu a saida e os dois foram falando baixinho.

Daí a pouco os dois passageiros que estavam sentados atráz da dita senhora desceram e o meu vizinho logo foi a ocupar um desses assentos, continuando aí a falar bem baixinho nas orelhas da senhora que, por sua vez, demonstrava agradar-se muito com as suas palavras.

Falavam, falavam, mas sempre tímidos e circunspectos, como si fossem dois ladrões. Eram de fato dois ladrões de amor, dois ladrões da fé conjugal, dois luxuriosos, dois seres fora da lei, dois seres imundos da sociedade humana. Dois seres abstractos do mundo da razão, os quais só para satisfazer os seus baixos institntos, próprios da espécie animal, aproximavam-se inconscientemente da orla do abismo e da perdição.

Eu olhava aqueles dois, olhava-os com desprezo, pois o quadro triste em si, parecia-me hediondo para se desvelar na presença da menina que acompanhava a senhora e que de certo devia ser sua filha.

Esta, na sua cândida inocência olhava firme o nosso homem, olhava-o com temor e com ódio: olhava êsse homem que lhe roubava o amor e, talvez, ai de mim! a vida da mãe. Olhava-o, meu Deus, com tal expressão, que não me lembro ter visto na minha vida, olhos de menina tão tristes como aqueles.

Ela, a senhora, daí o pouco tocou o sinal de parada e desceu junto com a menina.

Êle, o senhor, desceu logo na primeira parada mais adiante.

Aonde foram êles encontrar-se?

É facil de se imaginar!

Esse fato deu-se ontem.

*

* *

Hoje de tarde estava no bonde lendo um jornal e grande foi a minha surpresa em reconhecer nas fotografias da página do noticiário os dois personagens do ónibos.

ónibus para tomar assento, êsse senhor empurrava-me cada vez mais e até pretendeu passar à minha frente. Mas a tanto não se atreveu, pois eu mostrei-me mais cabeçudo que êle em não lhe deixar o caminho livre e, naturalmente, teve que ficar atrás. Eu subí antes e sentei-me no primeiro banco que encontrei livre. Mas eis que êle veiu sentar-se nesse mesmo banco.

Paciência, pensei eu, êste está mesmo a me perseguir e dei uma olhada sôbre as outras pessoas que tinham tomado assento no ónibus. E, meu Deus! com essa olhada descobri a razão da impaciência do meu vizinho, pois êle, logo que se havia sentado cumprimentou uma senhora, uma bonita senhora que, em companhia de uma menina de uns oito anos, estava acomodada no assento do outro lado. O meu vizinho cumprimentou-a com ansiedade e extendeu-lhe a mão. E foi mesmo nesse aperto de mão que eu descobri o seu segredo, ai de mim! mesmo sem querer, pois nunca gostei de descobrir os lados feios da vida de alguem. Naquele aperto de mão, que devia ser apenas um simples cumprimento perante os olhos da gente, ela tinha aproveitado para lhe passar um pequeno pedaço de papel, que êle, com muito disfarce, retirando a mão, guardou num bolso, de onde, por sua vez, retirou um maço de cigarros.

O ónibus deu a saida e os dois foram falando baixinho.

Daí a pouco os dois passageiros que estavam sentados atráz da dita senhora desceram e o meu vizinho logo foi a ocupar um desses assentos, continuando aí a falar bem baixinho nas orelhas da senhora que, por sua vez, demonstrava agradar-se muito com as suas palavras.

Falavam, falavam, mas sempre tímidos e circunspectos, como si fossem dois ladrões. Eram de fato dois ladrões de amor, dois ladrões da fé conjugal, dois luxuriosos, dois seres fora da lei, dois seres imundos da sociedade humana. Dois seres abstractos do mundo da razão, os quais só para satisfazer os seus baixos institntos, próprios da espécie animal, aproximavam-se inconscientemente da orla do abismo e da perdição.

Eu olhava aqueles dois, olhava-os com desprezo, pois o quadro triste em si, parecia-me hediondo para se desvelar na presença da menina que acompanhava a senhora e que de certo devia ser sua filha.

Esta, na sua cândida inocência olhava firme o nosso homem, olhava-o com temor e com ódio: olhava êsse homem que lhe roubava o amor e, talvez, ai de mim! a vida da mãe. Olhava-o, meu Deus, com tal expressão, que não me lembro ter visto na minha vida, olhos de menina tão tristes como aqueles.

Ela, a senhora, daí o pouco tocou o sinal de parada e desceu junto com a menina.

Êle, o senhor, desceu logo na primeira parada mais adiante.

Aonde foram êles encontrar-se?

É facil de se imaginar!

Esse fato deu-se ontem.

*

* *

Hoje de tarde estava no bonde lendo um jornal e grande foi a minha surpresa em reconhecer nas fotografias da página do noticiário os dois personagens do ónibos.

Ao lado destas estava outra de um homem, o marido da dita senhora, o qual se tornou criminoso tendo ferido gravemente sua esposa infiel e o amante dela.

*

* *

Ai de mim! enquanto penso na infelicidade de um lar destruido, não posso esquecer a profunda expressão de tristeza dos olhos da menina que acompanhava os luxuriosos no ónibus e penso que nesta hora estará, de certo, chorando as lágrimas mais amargas de sua vida, faltando-lhe as carícias da mãe que se acha recolhida num hospital e que, talvez, nunca mais verá; e aquelas do pai, que se acha preso à espera de ser julgado pelo crime que cometeu num momento de loucura, em defeza de sua honra, como erradamente se diz, em nosso meio, pois não sendo permitido o divórcio, nem toda a gente tem a fleuma e a sabedoria de lavar essa espécie de honra por outros meios.

# ERROS DE CONSIDERAÇÃO

## XXIII

## ERROS DE CONSIDERAÇÃO

Um operário da fábrica X havia tido um mal entendido com o patrão. Os mal-entendidos dão-se diariamente entre patrões e operários, especialmente depois que as novas idéias sobre os problemas sociais do nosso século trouxeram uma transformação nas relações entre empregador e empregados. Acontece que enquanto os patrões vêm diminuida sua autoridade perante os seus dependentes, êstes, por sua vez, pensam que são continuamente explorados por aqueles, e o dissídio que nasceu desde que o mundo é mundo, não acabou com as inovações do nosso século, e existirá enquanto houver patrão e empregado, enquanto existir a ambição do indivíduo, o que quer dizer até a consumação dos séculos, pois, conforme disse algum filósofo, o mundo é feito de gente que manda e de gente que obedece.

O operário, portanto, sentiu-se, após o mal-entendido com o patrão, lesado nos seus direitos de trabalhador honesto, pelo patrão que êle julgava, sem nem mais nem menos, um explorador e, convicto disso, fazia todo o possivel para prejudicá-lo no seu serviço e desmerecer, portanto, a confiança dêste, chegando mesmo a ser malcrea-

do, até que êste, usando das suas atribuições, viu-se obrigado a suspendê-lo por oito dias.

A suspensão é um castigo que fere o operário nos seus interesses económicos, pois durante a suspensão não recebe salários.

O operário protestou, invocou a sua razão, investiu energicamente contra o patrão, mas teve que conformar-se com a suspensão.

Foi embora e, uma vez na rua, deu maior desafogo ao seu espírito exitado, saindo em blasfêmia, em imprecações, em ameaças contra o patrão, contra a burguezia desfrutadora e mesmo contra toda a sociedade humana feita de privilegiados e de desamparados, de injustiças e de iniquidades, de ricos e de pobres. Parecia um louco neste seu acesso de fúria; atravessava as ruas empurrando e esbarrando nos transeuntes, bufando como uma féra ferida na floresta. Cégo de raiva, andava sem direção e mesmo sem olhar aonde punha os pés.

Tristes idéias lhe atravessavam a mente, pois queria fazer-se justiça pelas suas próprias mãos e tomou mesmo a decisão de voltar para a fábrica onde trabalhava, para tirar quanto antes, a sua desforra.

Atravessava nesse momento uma avenida asfaltada, quando de repente voltou-se para rumar para a fábrica com a intenção de punir o patrão. Mas tinha apenas se voltado, quando no segundo passo pisou numa casca de banana, alí jogada por algum moleque, escorregou, perdeu o equilíbrio e caiu sentado no meio da avenida. Mas, na queda, institntivamente, para evitar de bater com a cabeça no chão, tinha levado a mão direita para

trás, batendo com ela violentamente contra o duro asfalto da rua. Logo êle soltou uma blasfêmia contra Deus, conforme o péssimo hábito que tem o povo, pois a blasfêmia, no conceito quasi geral, representa a reprovação do gesto de Deus que guia todas as nossas ações, e blasfemando, penso que essa gente queira repreender a Deus por não tê-la guiado bem.

Mas logo depois da blasfêmia, o pobre do operário, no pasmo da dôr física que sentia no braço direito, cuja mão tinha batido no chão, teve um arrependimento por haver blasfemado e, no seu subconsciente, que não era mau, êle pensou que Deus não influira mesmo por nada na sua queda, e que não tinha sido Deus que jogára casca de banana, e que, de mais a mais, não tinha sido o mesmo Deus a pôr-lhe na cabeça a idéia de voltar para trás com aqueles propósitos de vingança, pois Deus pode inspirar boas ações, mas nunca aquelas tristes que êle tinha, e que Deus, enfim, só pode fazer o bem e nunca o mal.

O coitado do homem tinha ficado alí sentado no meio da avenida e não percebia que aquele lugar não era próprio para descansar e raciocinar sôbre as coisas bôas ou más dêste mundo. Tinha ficado sentado num lugar tão perigoso e não reparava que os automóveis lhe passavam rente, desviando-o apenas nas suas loucas correrias.

Um rapaz que o tinha visto caír aproximou-se dêle e lhe perguntou se queria aprender a patinar?

Um chofér, que tinha parado sua máquina a uns dez centímetros de distância, lhe disse: — Escute homem: aí não é lugar para descançar. Faça o favor de ir embora.

Outros transeuntes tambem se dêle aproximaram e o convidaram a sair dalí ao mesmo tempo que lhe perguntavam se se tinha machucado.

Toda essa gente o despertou das suas reflexões que eram uma análise do mal e do bem e, de acôrdo com o ditado do filósofo, isto é, que a reflexão é o espelho da razão, o nosso homem, quando se levantou, já tinha mudado de idéias e em vez de dirigir-se para a fábrica para se vingar do patrão que lhe tinha aplicado a suspensão, rumou para a casa.

Nesse trajeto, apertando o braço direito que lhe doía e abanando a cabeça, pensava que devia talvez àquela queda a sua salvação, e seus pensamentos voltavam tambem para a sua mulher e seus dois filhinhos, que eram toda a alegria de sua vida. Pensava, agora, que a vida não é feita só de direitos, como êle tinha julgado erroneamente, mas tambem de deveres e que, para ter aqueles, é preciso observar antes êstes. E lembrou-se de ter lido na sua longínqua infância, na história antiga, o apologo de um tal Menenio Agrippa, apologo em que se afirma que como o estomago precisa dos braços para viver, assim tambem os braços precisam do estomago para dar-lhes as energias necessárias, e mediante o tal apologo, êle, Menenio Agrippa, tinha convencido a plebe a voltar ao trabalho, pois, como os seus senhores precisavam da colaboração dela, tambem ela, a plebe, precisava dos seus senhores. Pensava que a vida é feita de uma reciproca e contínua troca de serviços e de riquezas. E nas nações, desde os mais pobres e humildes até os chefes supremos, todos são servidores, uns dos outros, cada um nas suas manções, triunfando assim a

grande idéia social e humana que assegura o equilíbrio do mundo.

Enfim concluiu que o seu chefe, o dono da fábrica, onde trabalhava, trabalho que lhe dava não só a dignidade de homem no conceito social, mas tambem os meios de sustento para si e para sua familia, tinha não só os deveres perante os seus dependentes, mas tambem os seus direitos de homem pertencente à comunidade social, e que o respeito só se adquire com o respeito e que, como um pai de família, o chefe de uma fábrica deve exigir obediência às suas ordens.

Com estes pensamentos tinha chegado à porta de sua casa e já na sua consciência, que era a de um honesto trabalhador, tinha-se reconciliado com o seu chefe, e com essa transformação do seu espírito sentia-se intimamente muito satisfeito, como si tivesse feito uma bôa ação.

"E come quei, che con lena affannata
uscito fuor del pelago alla riva,
si volge all'acqua perigliosa, e guata";

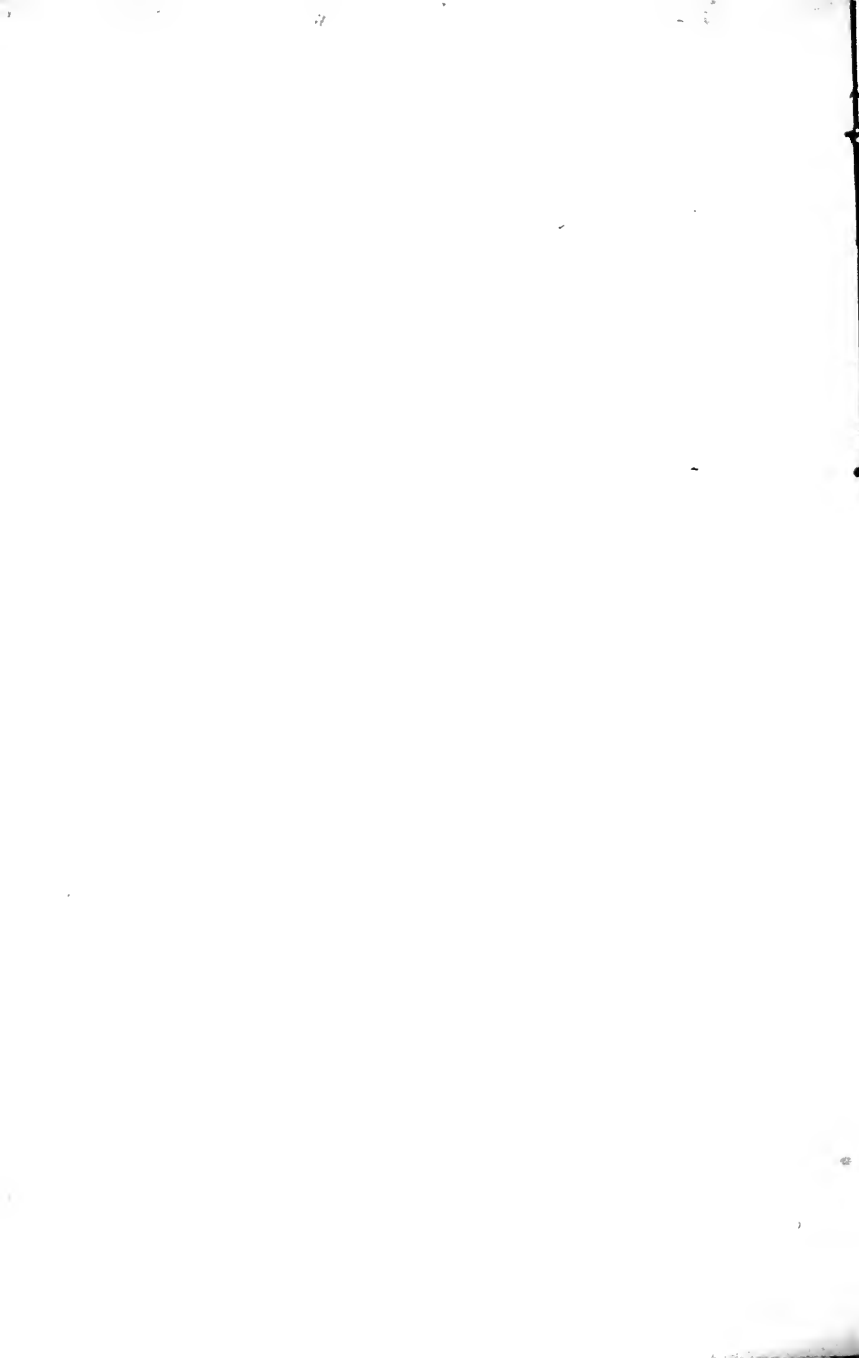
entrou em casa e com seu habitual sorriso nos lábios abraçou os queridos filhos e a esposa, que o esperavam alegres e contente. Porém, enquanto abraçava os seus queridos, pensou tambem na esposa e nos filhos do seu chefe os quais, de certo, tambem o esperavam ansiosos em casa, e teve um momento de emoção para estes e para aqueles.

Mas, ai de mim! enquanto acontecia isso, sentiu uma agúda dôr no braço com o qual tinha batido no chão

na queda que levára na avenida. Examinando-o bem, percebeu que se tinha deslocado o pulso.

Sua esposa chamou o médico o qual, depois de lhe ter examinado o braço, fez os curativos que o caso requeria, e lhe prescreveu oito dias de descanso.

O nosso homem, trabalhador honesto e pontual, ficou bem contente de o médico lhe ter prescrito oito dias de descanso, pois assim, aquele caso lhe poupava a vergonha de confessar à sua esposa de que tinha sido suspenso do trabalho por oito dias, pelo motivo de ter faltado com o respeito ao patrão. E a felicidade reinou completa naquele lar, que tinha apenas passado pela orla do abismo.

# PASSARINHOS DE GAIOLAS

## XXIV

## PASSARINHOS DE GAIOLAS

O dia era mesmo lindo! Depois de muitos dias de frio, que o pampeiro tinha trazido, com chuvas e nevoeiros, o sol, o nosso grande astro vivificador das energias, tinha reaparecido com os seus raios benéficos e quentes em todo o seu fulgor. Parecia um dia de primavera fazendo-nos esquecer que estavamos em agôsto. O céu era de um azul puro, limpo de qualquer traço de nuvem. As aves, felizes, sulcavam-no em todos os sentidos emitindo pequenos gritos de alegria. As plantas, cheias de clorofila, pareciam mais verdes. E tudo, enfim, o que me estava em redor, a natureza e as coisas, parecia-me mais agradável, pondo na minhalma uma nota de contentamento.

Eu estava no jardim da casa de um amigo, olhando tudo isso e deleitando os meus ouvidos ao canto dos diversos canários, prisioneiros em gaiolas. Êstes trinavam mesmo de modo agradável, inédito, como nunca me parecia tê-los ouvido. Fiquei encantado e, olhando admirado para aquele que mais se sobresaia no canto, verifiquei que era um que estava sozinho numa gaiola.

Pobrezinho, pensava eu, será que êle canta de contentamento ou de dôr? Seria êle mesmo feliz, assim entre as barretas de ferro da gaiola? Ou não será o seu canto um chôro enquanto olha para os seus companheiros que sulcam livres o céu em todos os sentidos?

Ai de mim! pensava eu, que o homem para seu deleite sacrifica tudo o que está ao seu alcance; aprisiona os animais que mais lhe agradam, sem compaixão alguma, sem pensar que tambem êles têm uma alma capaz de sentir e sofrer. O homem escravisa o boi para fazê-lo trabalhar e comer-lhe a carne: admoestou o cão para velar-lhe o sono e chegou, mesmo, meu Deus! ao ponto de aprisionar os passarinhos para ouví-los cantar mais de perto.

O homem, para seu deleite, é capaz de qualquer infâmia e não é capaz de nada que possa servir para o bem dos pobres seres inferiores.

*

* *

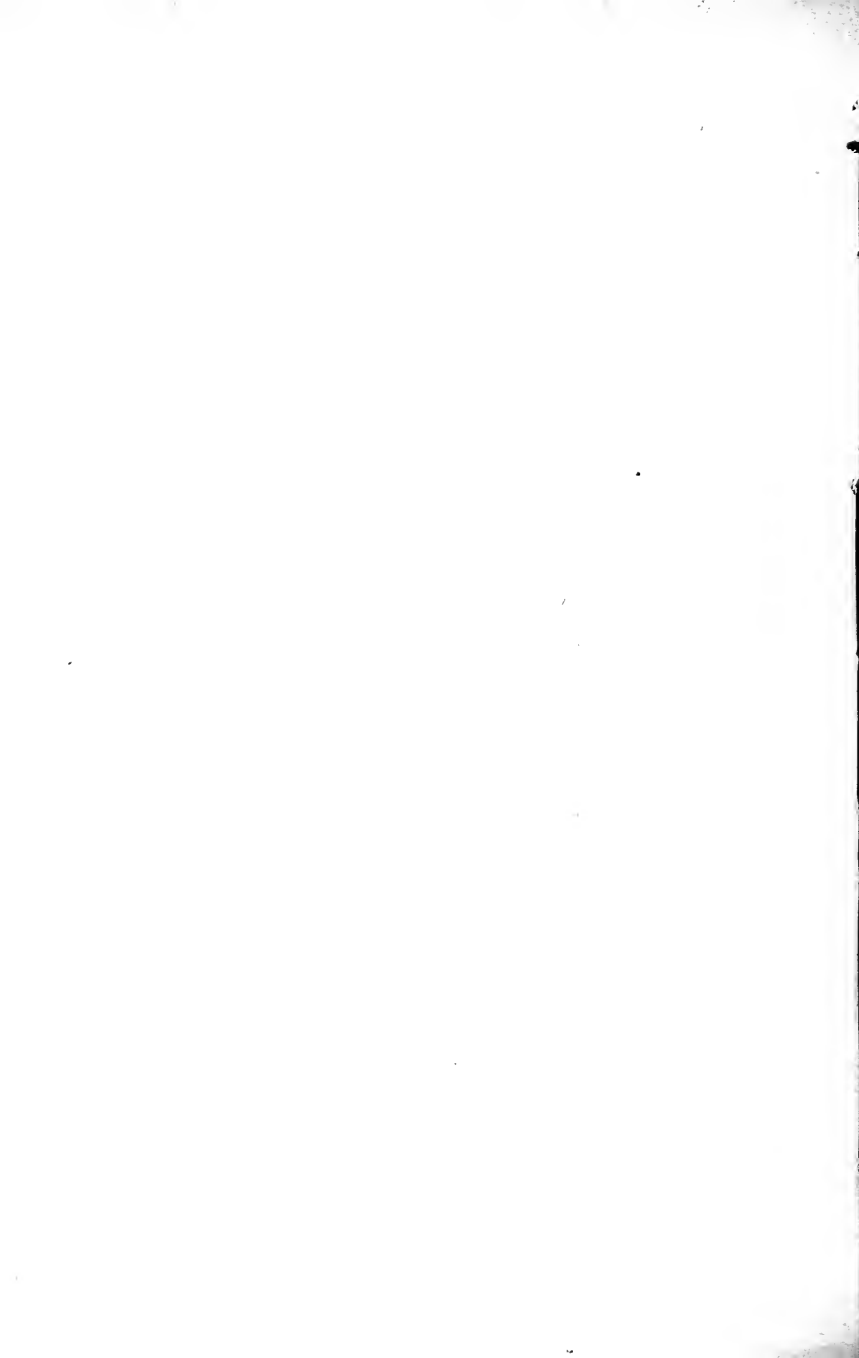
Preso destes pensamentos aproximei-me da gaiola em que estava aquele passarinho que tanto se distinguia entre os outros, tirei-a da parede em que estava e olhava com mais atenção para êsse passarinho maravilhoso, de côres admiravelmente marcadas, em que sobresaia o amarelo e o verde: as côres das ílhas canárias e do mar que as banham. Olhava-o assim de perto enquanto que êle tambem me fitava com os olhinhos que pareciam duas cabeças de alfinetes. Olhava-me, de certo, interrogativamente e com timidez, pensando que pudesse fazer-lhe mal.

Nesse momento aproximou-se o dono da casa, o qual, de certo advinhando os meus pensamentos, advertiu-me com estas palavras: — Toma cuidado para que não fuja; olha alí o gato que está de prontidão... imediatamente dar-lhe-ia cabo!...

Segurando ainda a gaiola na mão virei-me e ví o gato da casa, que me olhava com seus dois olhos de traidor.

Recoloquei, com cuidado, a gaiola no seu lugar, cumprimentei o meu amigo e fui embora não sem amargura no coração, pensando, ai de mim! que aqueles pobres passarinhos engaiolados eram reservados para o deleite dos ouvidos do homem, dono da casa e para, talvez, um dia,servir de pasto ao gato, satisfazendo assim os seus instintos beluinos que lhe transmitiram os seus antepassados, que viviam nas selvas.

Fui embora aborrecido, e toda vez que sinto cantar um passarinho engaiolado, penso que aquilo não é, como a gente possa pensar, um canto de alegria da pobre avezinha, mas um chôro lânguido que os homens não compreendem.

# NOITE DE SÃO JOÃO

XXV

## NOITE DE SÃO JOÃO

Nas ruas e nos quintais estouravam os rojões que a gente, reunida em torno das fogueiras, soltava, com muita alegria dos grandes e dos pequenos, enquanto que as moças que esperavam um marido, pulavam de pernas nuas as ditas fogueiras, com muito perigo de se queimar, pois uma velha lenda diz que aquelas que conseguem pular as fogueiras por três vezes, sem se queimar, têm probabilidade de se casar antes de passado um ano.

O barulho, portanto, era norme e se tinha a impressão de que a pobre da humanidade vivia horas de felicidade. Parecia que até os desamparados viviam momentos de ilusória felicidade.

Marcus, o conhecido vendedor de bilhetes de loteria estava nesse número de ilusos, pois êle tambem tinha passado algumas horas em companhia dos seus amigos do bairro em redor de uma fogueira, bebendo a "batida", que é um misto de caninha, água, limão e açúcar. Depois retirou-se para casa para dormir.

Marcus estava com 60 anos de idade e havia 10 que vendia bilhetes de loteria, batendo porta por porta ou anunciando em voz alta nas ruas e, quer fizesse frio ou

calor, chovesse ou ventasse, êle estava sempre na rua, e, pode dizer-se, vivia na rua. Calçando perneiras, como se tivesse que atravessar o mato, e com seu bigode comprido dava a impressão de um guerreiro antigo (êle que nunca tinha tomado parte em guerra alguma) mas aquele aspecto marcial lhe vinha desde quando tinha prestado o serviço militar.

Tinha, em sua juventude, trabalhado como servente de pedreiro, serviço bruto e pesado com o qual não se pode fazer fortuna. Alguem que o conhecia naquele tempo me informára que êle era trabalhador de fato e que quando o calor era de mais, enquanto os outros procuravam a sombra para descansar um pouco, êle ao contrário compensava a ausência dos outros redobrando os seus esforços e então notavam-se em sua boca indícios de espuma, enquanto que o suor lhe caía aos pingos pela cara.

Quando chegou aos 50 anos de idade caíu de um andaime e fraturou a perna esquerda no lugar da tíbia. Depois de uns quarenta dias de descanso, com a perna engessada, sarou, mas a perna ficou fraca e êle não pôde mais voltar ao seu trabalho habitual pois não podia subir e descer as escadas com segurança. Mas precisava viver e êle que, não tinha outro ofício, não encontrára serviço melhor que aquele de vendedor de bilhetes de loteria.

Por isso, Marcus vendia bilhetes de loteria, ganhando a pequena comissão.

Eu creio que todos os trabalhos são pesados, mas aquele de vendedor de bilhetes de loteria deve ser, além

de pesado, tambem extenuante, pois quem compra o bilhete não o precisa como se se tratasse de um alimento ou de um objeto necessário; quem o compra deve ser um fanático ou um sonhador de olhos abertos e, portanto, o vendedor deve ser bom orador para convencer o eventual comprador. Êsse ofício aliás, eu nunca tomaria, pois penso que o dinheiro deve ser ganho com trabalho útil e não com a venda de probabilidades. Mas nem todos pensam como eu penso e deixemos, portanto, o nosso homem trabalhar como pode.

Havia 10 anos, como dissemos, que vendia bilhetes, e tinha vendido duas sortes grandes e muitos prêmios secundários; tinha, por isso, adquirido uma bôa freguezia, pois o lado triste do jogo, de qualquer jogo, é mesmo êsse, isto é, aquele de tornar-se viciado justamente depois de ter ganho pela primeira vez, pois então o jogador vê decuplicadas as possibilidades de ganhar e continua a jogar com os olhos fechados.

O nosso homem, porém, tinha o hábito de ficar todos os meses com umas fracções de bilhete, querendo tambem êle tentar a sorte; porém em 10 anos, apenas tinha ganho prêmios de importância insignificante. Contudo, êle que vendia a sorte para os outros, por espírito de solidariedade achou que devia ficar tambem êle, de vez em quando, com alguma fracção.

Foi assim que no ano de 190... no mês de junho, vendendo os bilhetes da loteria de São João, reservou três fracções para si, do último bilhete em seu poder.

Isto deu-se no dia 23 de junho e a loteria só se estraía no dia 24, dia de São João.

O nosso homem, portanto, depois de ter passado algumas horas com os amigos em torno da fogueira para festejar a noite de São João, voltou para casa, uma casinha velha de um pavimento só, com dois quartos pequenos e esburacados, com as duas janelas sem vidros e com a porta toda furada pelas traças.

Morava sozinho, coitado, pois era viuvo e o único filho que tinha, trabalhava na lavoura, no interior do estado.

Tinha-se deitado e começado a recitar as suas orações a Deus, como era seu hábito, e que, aliás, é o hábito de todos os desamparados que suportam as suas provações e contrariedades com resignação; orações que a Santa Cruz de Cristo inspirou ao gênero humano para nelas suavisar a vida neste "lacrimarum valle".

Contente do dia de trabalho, recitava as orações e as ladainhas em louvor ao nosso Grande Deus para agradecer-lhe as suas bondades para com êle. Mas tinha apenas começado quando ouviu bater três golpes na porta de casa. Sem levantar-se da cama, perguntou:

— Quem é?

Ninguem lhe respondeu e êle replicou mais forte:

— Quem é que bate na porta?! O que quer?!

Tambem desta vez ninguem respondeu.

Pensando que fosse erro de alguma pessoa à procura de outra casa, ou brincadeira de algum moleque, o nosso homem não se encomodou mais e continuou a recitar as suas orações, mas logo ouviu distintamente mais três

golpes na porta. Parou de recitar as orações e perguntou com voz alta:

— Quem está batendo na porta?! O que quer?!

Mas em vez de resposta mais três golpes fizeram-se ouvir.

Desta vez êle falou em voz alta: — Espere aí que já vou.

Acendeu a luz, levantou-se e foi à porta. Sem mais nada perguntar abriu-a, mas não encontrou ninguem. Perlustrou com o olhar toda a rua, mas só viu longe os que ainda estavam em redor das fogueiras a soltar foguetes.

Resmungando algumas palavras para si mesmo, fechou a porta e foi deitar-se outra vez.

Mal se tinha deitado logo três golpes foram ouvidos novamente na porta.

Êle gritou logo: — Mas quem é que a estas horas quer divertir-se comigo?! Estou já deitado, faça o favor, deixe-me em paz!

Mais três golpes foram a resposta a essas palavras.

Então, êle levantou-se outra vez e abriu a porta, mas como antes, ninguem estava lá.

Nervoso que estava, sentou-se no degrau da porta e ficou algum tempo à espera de alguem que o viesse procurar. Mas ninguem aparecendo, fechou a porta e foi deitar-se, certo de ser brincadeira de mau gosto de algum moleque. Tinha recomeçado a recitar as orações quando novamente foi batido na porta.

Desta vez o pobre homem não perguntou nada e continuou a oração. Mas os golpes repetiram-se com mais frequência, até que o coitado do homem esclamou: —

Mas, meu Deus, quem é que esta noite não me quer deixar dormir?! Que querem de mim? Que brincadeiras são essas? Não vêm que sou um pobre velho?...

Depois, gritando mais forte, disse: — Façam o favor, vão embora, eu sou pobre, não tenho dinheiro, não tenho nada, porque não me deixam em paz?

Mas a resposta a essas palavras foram mais três golpes e êle levantou-se pela terceira vez para abrir a porta.

Como antes, ninguem!

Ficou tambem agora alguns minutos a espiar para fora, mas já não se ouviam mais nem os estouros dos rojões, tudo era silêncio em redor, todos dormiam, todos sonhavam, talvez, o dia de amanhã, e êle, só êle, o coitado do velho, que tambem precisava de descanço aos seus sofrimentos físicos e morais, não podia dormir, não o deixavam em paz!

Que seria? Que mistério se escondia naqueles golpes na porta de sua casa a estas altas horas da noite? Seria algum ladrão que se quizesse apropriar de sua pobreza? Seria algum moleque das casas vizinhas? Seria algum inimigo oculto que se quizesse vingar? Ou não seria alguma alma do outro mundo, talvez de sua esposa falecida, de seu pai, de sua mãe, que vinha visitá-lo para lhe dar o aviso de algum acontecimento?

Estes e outros eram os seus pensamentos, e assim pensando foi-se para dentro, mas desta vez não fechou a porta com o trinco, deixou-a apenas encostada e foi deitar-se deixando a luz acesa. E continuou as suas orações a Deus.

Alta e silenciosa era a noite e êle orava. Orava, quando eis que ouviu, longe, na rua, passos que se aproximavam. E quanto mais se aproximavam, superexitado como estava, mais êle afinava o ouvido, e foi com pasmo que pode notar que êsses passos dirigiam-se à sua casa, pararam na frente da porta e trê pancadas, como aquelas de havia pouco, foram dadas na mesma.

Èle teve um susto, porém, como não tinha feito mal a niguem em toda a sua vida, e confortado pela grande fé que tinha em Deus, encheu-se de coragem e perguntou com voz firme: — Quem é que bate, que quer de mim? Estou deitado, pode entrar, pois a porta está aberta... entre, entre?!...

Ninguem respondeu.

Então levantou-se novamente e foi à porta, mas como antes, ninguem alí estava, nem na rua.

Encostou a porta, foi deitar-se e continuou as suas orações com mais fervor, pedindo a Deus que lhe restituisse a paz, momentaneamente perdida, que lhe perdoasse as suas faltas, se faltas tinha cometido contra Êle e contra os homens e que, se tinha chegado a sua última hora na terra, êle estava preparado para o grande transe, e que, enfim, se punha à completa vontade de Deus.

Com êstes pensamentos os olhos se lhe fecharam, as idéias se confundiram e êle adormeceu.

Mas se descançava seu corpo, não descançava a sua mente que, abstraindo-se do mundo da realidade, passou a funcionar mais intensamente no mundo das irrealidades, isto é, no mundo dos sonhos. E sonhou. Sonhou que se achava na sua cidade natal, na sua pequena e querida

cidade; sonhou com sua mãe, sempre mais bonita entre as suas companheiras, que lhe sorria; sonhou com seu pai, com seus irmãos, como se fossem todos ainda meninos e como se os anos não tivessem passado. Sonhou que tudo havia mudado e que todas as provações e sofrimentos, por que tinha passado, faziam, por sua vez, parte de um outro sonho, um triste sonho do qual tinha acordado e que agora tinha entrado na pura realidade da vida, voltando a ser criança na harmonia do amor dos seus parentes mais próximos e dos amiguinhos de infância querida.

Ai, de mim! Diz-se que os sonhos são os reflexos dos verdadeiros desejos de nosso espírito, os desejos de como deveria ser a nossa vida.

Marcus, coitado, que tinha passado por todas as provações e sofrimentos, sonhava então com a única passagem feliz de sua vida, isto é, a infância longínqua e querida, cercada toda ela do amor dos entes queridos os quais tinham vindo de além túmulo, naquela noite, para confortá-lo dos desgostos que lhe perturbavam o espírito. E êle tinha ficado contente e pensava que esta vida, que sonhava, fosse a pura e verdadeira, quando três golpes fortes na porta o fizeram acordar.

Grande desilusão foi a sua quando despertado, percebeu que a vida da sua infância era apenas um sonho e que a realidade era outra, isto é, feita de provações e sofrimentos. Abanou a cabeça e, suspirando, disse:

— Seja feita a vontade de Deus!

Através das fendas da janela esburacada viu que já era dia. Olhou o relógio e êste marcava 9 horas.

Era tarde, muito tarde para êle que estava acostumado a levantar-se cedo. Levantou-se, foi à janela, abriu-a; viu que era mesmo um lindo dia, o sol brilhando em toda a sua magestade no ceu limpo e azul. Saiu e dirigiu-se logo ao banco lotérico para o qual vendia os bilhetes e entregou-se ao seu trabalho.

Atravessava as ruas ensolaradas da cidade à procura dos compradores da sorte; gritava o nome da loteria que vendia mas a voz não lhe saía clara e forte como nos outros dias, e o pensamento lhe voava longe, voava aos acontecimentos da noite transacta, isto é, aos golpes misteriosos na porta de sua casa e ao sonho dourado com sua infancia querida em que se tinha encontrado com todos os entes mortos de sua familia.

Assim mesmo vendeu algumas fracções de bilhetes, mas isso não lhe dava nem para os cigarros.

*

* *

Eram três horas da tarde e êle, cansado, achava-se num botequim da periferia da cidade, onde tinha entrado para matar a fome e a sêde, quando se aproximou dêle um homem todo ofegante, com os olhos arregalados e batendo-lhe nas costas lhe gritava como um louco: — A sorte, a sorte grande, eu sou rico, eu ganhei, você me vendeu a sorte, eu não preciso mais trabalhar, eu, eu não carregarei mais sacos nas costas, olá! pessoal, bebam todos à minha custa, sou eu quem paga, hoje sou seu; venham cá todos, compremos foguetes, bebamos à minha saude, está tudo pago, viva São João! e você, meu querido velho, que me vendeu a sorte, terá um presente, você terá cem mil reis!

— Então, não responde? Acha pouco? Dar-lhe-ei duzentos, pronto, está satisfeito?

— Não, respondeu o velho, mas...

— Mas, como mas, acha ainda pouco?

— Não acho pouco, mas quero saber qual foi o bilhete que foi premiado.

— Ei-lo. E assim dizendo, tirou do bolso a fração do bilhete premiado da loteria de São João.

O velho vendedor de bilhetes, tomou-a nas mãos, colocou os óculos e leu.

Agora, porém, tambem êle não pôde conter-se, tambem êle soltou um suspiro de contentamento, pois êle tinha três frações do bilhete premiado. Êle, que em 10 anos tinha vendido a sorte para os outros, vendeu, enfim, tambem uma sorte para si.

Mas êle não exultou como o outro, pois êle que tinha passado por tantas provações e sofrimentos, êle que tinha suportado tantos desgostos na sua vida atribulada, sem uma esperança e sem um lamento, como se fosse um dever o viver e suportar todas as angustias que a vida nos impõe, não teve, por isso, muita alegria com a agradavel nova. Contudo, ficou contente que a sorte se tivesse lembrado dêle, mas o seu pensamento voltava sempre aos acontecimentos da noite transata, e foi então que êle solveu o mistério dos golpes na porta de sua casa: ficou convencido que outro mundo, o mundo de além-túmulo, o mundo das almas dos antepassados existe e elas vêm todas as nossas aflições. Ficou convicto de que foram elas, as almas dos seus entes queridos que de além-

túmulo tinham vindo na noite transata a visitá-lo e avisá-lo de que teria ganho a sorte grande, para não deixá-lo mais sofrer pelo resto de sua vida.

Pensou que aquilo tinha sido um presente do bom Deus que se tinha compadecido dos sofrimentos de um humilde filho.

# A DANSA
# ETERNA

## XXVI

## A DANSA ETERNA

Tinha vinte anos de idade e chamava-se Hortência. Era fina e delicada como a flor da qual tinha o nome. Era uma flor viva, velada pelo amor terno dos pais que nela viam todo o seu conforto e a razão de sua vida.

Ela dedicava igualmente o seu afeto a êles, estimando-os mesmo como os seus deuses tutelares.

Os vinte anos são a flôr da mocidade e para uma moça bonita e sentimental, como ela era, os vinte anos eram tambem enflorados de um amor, um puro amor que ela sonhava realizar quanto antes. De fato era noiva de um moço, Artús, que lhe correspondia o amor com igual intensidade.

*

* *

O salão de baile da sociedade da qual eram sócios estava repleto e êles, Artús e Hortência, dansavam sem cansaço quasi todas as dansas.

Os respectivos pais, que estavam presentes, olhavam-nos com olhares complacentes, augurando-lhes a melhor das felicidades no próximo casamento.

Mas, ai de mim! a felicidade não era para êles. No livro de sua vida não estava escrito que tivessem de realisar seu ideal.

O destino, certas vezes, parece querer deleitar-se com os sofrimentos da gente, e tal aconteceu aos ditos noivos.

As dansas evoluiam muito animadas, ao compasso de uma linda valsa de Strauss, e as flores de que enfeitavam o salão, confundiam suas côres com as dos lindos vestidos de seda das damas, enquanto que os perfumes e o champanhe davam ainda mais uma nota de alegria a toda aquela gente alí reunida.

Era meia noite e Artús e Hortência dansavam com o abandono dos namorados, quando um tiro de revolver ecoou no salão.

Foi um susto para todos: a música, abafada por uma gritaria infernal dos convivas apavorados, parou; todos procuraram a saída, de maneira que o salão ficou logo deserto. Mas ai de mim! o corpo de uma dama, uma linda dama, jazia inanimado no chão, ensopado numa poça de sangue que ainda lhe fluia do peito. Esse corpo era o da linda Hortência.

Ajoelhado, junto dela, estava seu noivo Artús, inconsciente, olhando-a no rosto amado, sem saber o que se tinha passado. E ninguem soube até agora o que se passou.

* * *

Passados seis meses, Artús, para se distrair da perda da amada Hortência, foi ao baile que cada mês a sociedade dava. Mas não se animava de convidar alguma

dama a dansar, pois ainda tinha presente a cêna tragica daquela noite em que tinha perdido a sua noiva, e estava já decidido a ir-se embora quando eis que se lhe apresenta uma dama pedindo-lhe para que dansasse com ela. Êle, como bom cavalheiro, embora contra a vontade, aceitou.

A música tocava nesse instante a mesma valsa que tocava quando se dera a tragedia de seis meses atrás e êle, lembrando-se agora com mais nitidez daquele quadro trágico, não tinha nem força para mexer os pés; mas quem o levava nos giros da valsa era a dama, que parecia ter mais força que êle.

Quando a música parou, êle, agradecendo, olhou bem no rosto da dama e, com espanto, notou que as feições desta eram muito parecidas com aquelas de sua amada morta. Sentiu, por isso, um calafrio por todo o corpo e continuou a pensar mais intensamente na sua amada; e nela pensando sentia-se mais atraido para esta.

— Não me deixe, disse-lhe a dama, pois estou sozinha e não conheço ninguem aqui.

— Está bem, respondeu Artús, que a olhava com amor, como si olhasse para a sua querida morta...

A orquestra tocou uma outra música e êles foram dansar.

Agora, porém, tambem êle dansava com mais vontade, mas no entanto notou que a mão direita da sua parceira, aquela que êle segurava, estava fria, mesmo gelada.

Quando acabou a dansa, participou isso ao amigo com o qual tinha vindo ao baile e que agora lhe perguntára quem era aquela moça. Mas Artús não lhe soube responder nada, pois, de fato, nunca a tinha visto.

Dansaram, dansaram toda a noite, até o fim do baile.

Quando Artús foi despedir-se, a dama, pegando-lhe a mão, pediu-lhe o favor de acompanhá-la, pois estava sozinha.

Artús aceitou e chamou tambem o seu amigo.

Os três sairam.

Eram quatro horas da madrugada e a noite era escura e silenciosa.

A moça disse que morava no campo, longe da cidade e encaminharam-se, portanto, para lá.

Iam rindo e falando sobre o baile; e andavam, andavam como três seres abstratos alheios ao mundo dos vivos, no silêncio da noite e do campo.

Depois de uma meia hora de caminho, ela disse que estavam próximos de sua morada.

Artús, então, aproveitou para perguntar-lhe o nome.

Ela parou e agradecendo-lhe a companhia que lhe tinha feito, estendeu-lhe a mão gelada e disse:

— Sou Hortência e minha morada é ali — indicando o cemitério, que se via a poucos passos.

Artús, superexitado, e preso de todo o entusiasmo do seu antigo amor, precipitou-se para abraçá-la, mas ela que era apenas uma sombra, uma alma do outro mundo, isto é, do mundo dos mortos, desapareceu numa nuvem.

*

* *

Era já dia, o sol brilhava no ceu com toda sua magestade, e Artús, velado pelo fiel companheiro, estava

estendido inanimado na rua, em frente á porta do cemitério, esperando a sua vez para entrar naquele recinto sagrado e juntar-se ao corpo da sua amada, enquanto que as suas almas já se tinham juntado no ceu para dansar uma valsa eterna.

*

* *

Transcrevi esse conto fielmente, como me fora narrado.

Disseram-me que se verificou em todos os seus mínimos detalhes e que no bairro onde moravam os dois infelizes namorados ainda existe a sua lembrança e ainda persiste a impressão que seu trágico fim provocou.

Agora, analisando esse conto, ninguem quererá discutir sua veracidade, pois nossa razão se recusa a admitir que almas de defuntos voltem ao mundo dos vivos, porém temos que admitir que êle é uma das tantas lendas, um dos tantos quadros que a fantasia popular cria, e que por efeito daquilo a que chamamos sugestão coletiva, nos induz a acreditar em fatos mesmo sobrenaturais que impressionam fortemente a alma e perturbam a mente do povo.

# INDICE